UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE

MARIA JULIA OLIVEIRA DE MELO FRANÇA

A travessia psíquica do homem em direção à paternidade a partir da obra *Literatura infantil: cartas ao filho*, de Alejandro Zambra

RECIFE
2026

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE

A travessia psíquica do homem em direção à paternidade a partir da obra *Literatura infantil: cartas ao filho*, de Alejandro Zambra

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Mestranda: Maria Julia Oliveira de Melo França

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marisa Amorim Sampaio

RECIFE
2026

F814t França, Maria Julia Oliveira de Melo.
A travessia psíquica do homem em direção à paternidade a partir da obra Literatura infantil : cartas ao filho, de Alejandro Zambra / Maria Julia Oliveira de Melo França, 2026.
96 f.

Orientador(a): Marisa Amorim Sampaio.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica.
Mestrado em Psicologia Clínica, 2026.

1. Psicanálise. 2. Pai e filho. 3. Paternidade. 4. Zambra, Alejandro, 1975-. Literatura infantil : cartas ao filho. I. Título.

CDU 159.964.2

Luciana Vidal - CRB-4/1338

MARIA JULIA OLIVEIRA DE MELO FRANÇA

A travessia psíquica do homem em direção a paternidade a partir da obra *"Literatura infantil: cartas ao filho*, de Alejandro Zambra

Dissertação de mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica.

Aprovada em: 14/08/2026.

Banca Examinadora

gov.br Documento assinado digitalmente
MARISA AMORIM SAMPAIO CUNHA
Data: 09/09/2026 17:14:28-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Dr.ª Marisa Amorim Sampaio
Universidade Católica de Pernambuco
(Orientadora)

gov.br Documento assinado digitalmente
PAULA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS
Data: 09/09/2026 10:48:11-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Dr.ª Paula Cristina Monteiro de Barros
Universidade Católica de Pernambuco
(Examinadora interna)

gov.br Documento assinado digitalmente
ANDERSON BARBOSA DE ARAUJO
Data: 14/09/2026 13:30:51-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Anderson Barbosa de Araújo
(Examinador externo)

AGRADECIMENTOS

Sou grata à minha orientadora, Marisa Sampaio, por ter sido um ambiente suficientemente bom para mim e para a construção deste trabalho, acolhendo e sustentando o gesto espontâneo e o meu desejo em torno desta pesquisa.

Agradeço imensamente à banca avaliadora, professores Paula Barros e Anderson Barbosa, que se debruçaram sobre estas páginas com uma leitura-escuta atenta e sensível.

A Zambra, por ter sido uma companhia preciosa durante a escrita desta dissertação e um autor sobre o qual pude me dedicar, acompanhando um pouco de seu pensamento não apenas em seus livros, mas também em entrevistas e falas em outros espaços. Seu amor pela literatura certamente contribuiu para que o meu próprio amor e desejo por ela encontrassem ainda mais sentido.

Paulo César, meu parceiro e incentivador, ocupa nestas linhas um lugar singular. Agora também pai, vivendo sua própria travessia, me fez acompanhar e experienciar muito do que aqui escrevi, já que ambos estamos nos tornando pais ao mesmo tempo, cada qual em sua travessia, cada qual em sua constelação.

À Dante, meu filho, que durante parte da escrita desta dissertação habitou em mim, em meu corpo-casa e também em meu psiquismo, se fazendo presente em minhas leituras, na escrita do diário de pesquisa e no meu próprio nascimento, agora enquanto mulher-mãe. Já não habitamos o mesmo corpo, mas Dante, agora em meu colo, continua a se fazer presente em minha escrita e na mulher-mãe que continuo a me tornar.

À Daniela Mendes, minha parceira de orientação, que se tornou grande amiga ao longo do percurso do mestrado.

À Mariana Camata e Heloísa Leão, pelas trocas, pela amizade e parceria e à Mariana Rosa, pela amizade e por dividir comigo o amor pela literatura.

Por fim, agradeço a Waldirene e Maria Clara por tudo.

A chegada de uma criança a um lar é como a irrupção dos bárbaros no antigo Império Romano. Meu filho destruiu, em vinte meses de vida, todos os símbolos exteriores e pomposos da nossa cultura doméstica: a estatueta de porcelana que herdei de meu pai, reproduções de esculturas famosas, cinzeiros raros furtados com tanta astúcia em restaurantes, taças de cristal trazidas da Polônia, livros com lindas gravuras, o toca-discos portátil etc. O menino se sente diante desses objetos, cuja utilidade desconhece, como o bárbaro diante dos produtos enigmáticos de uma civilização que não é a sua. E como, apesar de sua ignorância e seu despotismo, ele representa a força, a sobrevivência, ou seja, o porvir, ele os destrói. Destrói os símbolos de uma cultura que para ele já está caduca, porque sabe que poderá substituí-los, já que ele encarna, potencialmente, uma nova cultura.

Julio Ramón Ribeyro



Qualquer infância é antiga.

Adélia Prado

RESUMO

A participação mais ativa do pai no cuidado do filho é um fenômeno recente, que tem contribuído para redefinir os papéis parentais. Autores da Psicanálise, como Donald Winnicott, apontam que o pai desempenha papel crucial no desenvolvimento infantil, pois precisa estar presente em carne e osso para proteger e amparar a dupla mãe-bebê, complementando o papel materno; já Stern argumenta que após o nascimento do bebê, a mulher passa por uma reorganização psíquica denominada "constelação da maternidade", sobre a qual o autor questionou se o pai também desenvolveria uma constelação equivalente. A mudança no modo como os homens vêm construindo e desempenhando seu papel junto ao bebê e indagações como a de Stern nos levaram a refletir sobre aspectos psíquicos que podem mobilizar o homem-pai numa metamorfose psíquica, na travessia e na construção da experiência da paternidade. Um dos homens que escreveu sobre a sua própria paternidade foi Alejandro Zambra, em "Literatura infantil: cartas ao filho", obra a partir da qual esta dissertação, caracterizada como uma pesquisa em psicanálise, explorou elementos da narrativa do autor chileno em sua relação com o filho, com seu pai e com a sua companheira. A pesquisa teve como objetivo geral investigar a metamorfose psíquica perinatal do homem na obra "Literatura infantil: cartas ao filho", de Alejandro Zambra. Os objetivos específicos: 1) compreender o processo de construção psíquica e as condições de possibilidade na construção da experiência da paternidade; 2) desenvolver interlocução com a narrativa de Alejandro Zambra sobre os aspectos que marcaram a sua construção da paternidade, na obra "Literatura infantil: cartas ao filho"; 3) desvelar elementos relativos à metamorfose psíquica paterna, advindos da articulação entre o texto de Zambra e recortes da literatura psicanalítica sobre a paternidade. A obra literária foi analisada em interlocução com autores como Stern, Winnicott e Missonnier, a partir de três eixos principais: o pai com seu filho, o pai como filho e ser pai na sociedade situados na perinatalidade, além da noção de experiência apresentada por Zeferino Rocha. Ao explorar a obra de Zambra, pudemos refletir sobre o tornar-se pai, processo que parece não se reduzir à função de sustentação da díade mãe-bebê, uma vez que implicou uma reorganização psíquica própria marcada por uma constelação da paternidade. A experiência da paternidade se construiu desde a gestação da companheira e na relação com o filho, inaugurando um espaço narrativo sobre o qual o homem-pai pôde escrever acerca de aspectos de sua própria história de filiação. Esse processo envolveu a reativação de conteúdos arcaicos, a elaboração de lutos narcísicos e o deslocamento da posição de filho para a de pai, sem que essa condição fosse inteiramente abandonada. A travessia à paternidade também se deu num campo atravessado por condições socioculturais, no qual o pai pôde ocupar o lugar de estrangeiro-familiar, que incidiu sobre o reconhecimento e a construção do exercício da paternidade. Concluiu-se que tornar-se pai pode implicar numa travessia psíquica singular, que demanda reposicionamento do homem e a construção de um lugar próprio no cuidado marcado pela construção da experiência. Esses resultados convocam à ampliação de formulações psicanalíticas clássicas para abarcar aspectos precoces na construção da experiência paterna enquanto travessia psíquica singular.

Palavras-chave: Paternidade, Relação Pai-Filho, Psicanálise, Alejandro Zambra, Literatura.

ABSTRACT

The more active participation of fathers in child care is a recent phenomenon that has contributed to redefining parental roles. Psychoanalytic authors, such as Donald Winnicott, point out that the father plays a crucial role in child development, as he needs to be present in flesh and blood to protect and support the mother-baby couple, complementing the maternal role; Stern, in turn, argues that after the baby's birth, the woman undergoes a psychic reorganization called the "motherhood constellation," about which the author questioned whether the father would also develop an equivalent constellation. The change in the way men have been constructing and performing their role alongside the baby, along with questions such as Stern's, led us to reflect on psychic aspects that may mobilize the man-father in a psychic metamorphosis, in the crossing and construction of the experience of fatherhood. One of the men who wrote about his own fatherhood was Alejandro Zambra, in "Literatura infantil: cartas ao filho", a work from which this dissertation, characterized as a research study in psychoanalysis, explored elements of the chilean author's narrative in his relationship with his son, with his father, and with his partner. The general objective of the research was to investigate the perinatal psychic metamorphosis of the man in the work "Literatura infantil: cartas ao filho" by Alejandro Zambra. The specific objectives were: 1) to understand the process of psychic construction and the conditions of possibility in the construction of the experience of fatherhood; 2) to develop a dialogue with Alejandro Zambra's narrative regarding the aspects that marked his construction of fatherhood in the work "Literatura infantil: cartas ao filho"; 3) to unveil elements related to paternal psychic metamorphosis arising from the articulation between Zambra's text and excerpts from the psychoanalytic literature on fatherhood. The literary work was analyzed in dialogue with authors such as Stern, Winnicott, and Missonnier, based on three main themes: the father and his child, the father as a child, and fatherhood in society within the context of the perinatal period, in addition to the concept of experience presented by Zeferino Rocha. By exploring Zambra's work, we were able to reflect on becoming a father, a process that does not seem to be reduced to the function of sustaining the mother-baby dyad, since it implied a psychic reorganization of its own, marked by a constellation of fatherhood. The experience of fatherhood was built from the partner's pregnancy onward and through the relationship with the child, inaugurating a narrative space in which the man-father could write about aspects of his own history of filiation. This process involved the reactivation of archaic contents, the elaboration of narcissistic losses and the shift from the position of son to that of father, without this condition being entirely abandoned. The crossing into fatherhood also took place in a field crossed by sociocultural conditions, in which the father could occupy the place of the familiar stranger, which had an impact on the recognition and construction of the exercise of fatherhood. It was concluded that becoming a father can involve a singular psychic crossing, which demands a repositioning of the man and the construction of a place of his own in caregiving, marked by the construction of experience. These results call for an expansion of classical psychoanalytic formulations to encompass early aspects in the construction of the paternal experience as a singular psychic crossing.

Keywords: Fatherhood, Father-Son Relationship, Psychoanalysis, Alejandro Zambra, Literature.

SUMÁRIO

✵ **APRESENTAÇÃO**

Um começo 01

Toda literatura é, no fundo, infantil: Alejandro Zambra e a escrita.....05

✵ **A PATERNIDADE: UMA INTRODUÇÃO**…….....…….08

✵ **NOTAS SOBRE O MÉTODO**.....18

Sobre a escuta do texto.....30

✵ **CAPÍTULO I**
QUE TIPO DE ESPELHO É UM FILHO? O PAI COM SEU FILHO 23

O lugar de um filho 24
O pai em Winnicott 31

Experiência da paternidade …..... 37

✵ **CAPÍTULO II**
A INFÂNCIA DA INFÂNCIA: O PAI COMO FILHO..... 45

A constelação da maternidade.....48
A construção psíquica da paternidade..... 53

Romance familiar masculino 57

✵ **CAPÍTULO III**
E ESSE MENINO NÃO TEM MÃE? SER PAI NA SOCIEDADE.....66

Ausência de tradição masculina em assuntos de criação.....68

O homem-pai estrangeiro..... 63

O tornar-se pai diante mulher-mãe.....76

Elementos de uma travessia psíquica.....81

✵ **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....84

De fato, um afinal.....89

APRESENTAÇÃO

Um começo

Ler é emprestar sua ferida para receber a ferida do outro, propõe Branco (2019) a partir da leitura de Juliano Pessanha e Emily Dickinson. A leitura que falamos não é da ordem da compreensão, mas é sustentada por uma estranha forma de hospitalidade: a hospitalidade de um corpo que sofre e nesse sofrimento se abre como abrigo a outro.

Mas, de que sofrimento se trata? Branco (2019) se interroga e aponta que se trata do sofrimento advindo da estranheza de uma ferida, de uma fratura exposta, daquilo que é radicalmente do outro, "aquilo que é tão fora de mim, tão do outro, eu não o compreendo, mas o recebo, como um fogo, uma droga, uma desorganização enigmática" (p. 30).

Considero importante iniciar esta dissertação a partir da concepção de Branco (2019) sobre uma escrita-leitura que é abrigo para a ferida do outro, que não é da ordem da compreensão, mas da hospitalidade porque foi deste lugar que esta pesquisa se propôs a entrar em contato com a obra *Literatura infantil: cartas ao filho* (2024), do autor Alejandro Zambra.

O encontro com o texto literário não se deu com o objetivo de buscar respostas na experiência do autor, tampouco como tentativa de extrair sentidos dele, mas como uma experiência que se aproxima da proposta de Branco e Sobral (2022) quanto a uma escuta poética, que se aproxima do que se entende por escuta psicanalítica. A escuta poética, por sua vez, não necessariamente solicita a interpretação que acesse algum sentido, mas evoca a posição de estar sempre à escuta ao ler um texto que se constrói como "escrita do vivo" (p. 108).

O autor da obra que trabalhamos é Alejandro Zambra, escritor chileno de livros como *A vida privada das árvores* (2007), *Formas de voltar para casa* (2011) e *Poeta Chileno* (2021b); a obra utilizada nesta dissertação foi seu escrito mais recente, intitulado *Literatura infantil: cartas ao filho*, publicada em 2024 pela editora Companhia das letras. Apesar do título, com o qual o próprio autor brinca no decorrer da obra, não se trata de uma literatura destinada a crianças, ainda que Zambra sustente a ideia de que, no fundo, toda literatura é também infantil.

Em *Literatura infantil*, Zambra escreve uma série de textos a partir da sua experiência de tornar-se pai, endereçando sua escrita ao filho, mas simultaneamente revisitando sua própria história, também enquanto filho. A obra evidencia como o nascimento e o crescimento de um filho não apenas transformam o presente e o futuro, mas também produz deslocamentos na forma

como o passado é lembrado e resignificado. Portanto, penso se tratar de uma escrita sobre a paternidade e também sobre ser filho após se tornar pai.

Parte do meu interesse pelo tema nasceu de um deslocamento ocorrido no próprio percurso da pesquisa. Inicialmente, pretendia investigar a depressão pós-parto em mulheres. Posteriormente, passamos a considerar a possibilidade de escutar a depressão pós-parto em pais, mas ao longo do caminho, percebi que era necessário recuar e interrogar a própria travessia e a experiência de tornar-se pai. Essa mudança foi mobilizada também por uma primeira experiência de escuta - que será melhor trabalhada no terceiro capítulo desta dissertação - de um pai que, ao participar ativamente do cuidado com a filha, parecia não encontrar lugar social para isso. Sua presença, sobretudo em espaços de saúde, era muitas vezes percebida como estranha, enquanto a mãe permanecia como destinatária presumida do cuidado e das orientações.

A partir daí, as questões desta pesquisa se deslocaram e antes de pensar na depressão pós-parto do homem-pai, tornou-se necessário perguntar que lugar é reservado ao pai quando ele se apresenta não como um cuidador secundário, mas como alguém implicado no cuidado cotidiano do filho. Do mesmo modo, passou a nos interessar a investigação dos aspectos psíquicos mobilizados quando assumimos, como hipótese, que ele também passa por uma travessia em direção à paternidade. Foi nesse momento que *Literatura infantil* (2024) abriu uma via possível para pensar a paternidade a partir da escrita de um homem-pai, visto que eu já havia entrado em contato com outras obras de Zambra, mas esse livro, ainda muito recente à época, permitiu que eu me aproximasse, pela literatura, de uma travessia diante da qual me sentia estrangeira.

Sua escrita se apresenta como um campo de deslocamentos, no qual o nascimento do filho reativa memórias, afetos e vivências da infância do autor. Ler Zambra, a partir da perspectiva aqui assumida, implicou me deixar afetar por essa escrita, acolhendo em mim a “estranheza” do tornar-se pai que Zambra vive e escreve, proposta por Branco (2019).

Durante o percurso de escrita da dissertação, eu fiquei grávida. O livro então passou a habitar em mim de outro lugar. Sobre isso, gostaria de trazer um recorte do meu diário de pesquisa:

✳

Esperança

[Recorte do diário de pesquisa]

Já li o livro (Literatura infantil) diversas vezes, mas neste momento em que faço uma nova leitura, estou grávida de 4 meses do meu filho, Dante. O texto agora parece atravessar meu corpo. Leio um dos poemas que Zambra escreve para o próprio filho e choro. Logo penso no que escreve Emily Dickinson: "Se ando a ler um livro e ele torna meu corpo tão frio que lume algum poderá, alguma vez, voltar a aquecê-lo, sei que é poesia. Se eu sinto, fisicamente, como se o alto da cabeça estivesse a ser arrancado, sei que é poesia".

No poema, Zambra diz sobre Silvestre: "Sua existência modifica o lugar do que é sagrado, sua chegada tem mudado a esperança, que fabrica e a coragem, que triplica: menino, recém-nascido sempre que ouvir seu pedido te levo no canguru pelo resto do futuro meu macaquinho querido".

Esse trecho me arrebata, choro e penso no que a existência ainda tão inicial do meu filho já vem modificando em mim. Antes mesmo de nascer, ele inaugura um tipo muito específico de esperança. Me sinto próxima daquela imagem do homem-pai caminhando pelo hospital após o nascimento do filho, descobrindo um mundo que já não é o mesmo, tendo a esperança e a coragem triplicada, assim como a vontade de levar esse menino ainda não nascido no colo pelo resto do futuro, como diz o autor.

Aqui, considero importante a seguinte pergunta: o que funda a ilusão de que escritor e leitor se encontrariam no texto? Para Branco (2019), se trata da mesma ilusão que sustenta uma concepção de leitura baseada na identificação. Contrária a essa perspectiva, a autora propõe que o encontro entre leitor e escritor não se dá por sentirem as mesmas coisas ou pela partilha de uma mesma experiência, mas por um enlaçamento singular a um ponto do texto que não se deixa apreender inteiramente.

Portanto, a leitura, para Branco (2019), não exige dons especiais e sim mais ignorância do que um saber já construído. "O leitor não é caro, é raro" (p. 31) e essa raridade está relacionada à capacidade de ler aquilo que ainda não está escrito. Ela aponta:

> E o que é aquilo que, num livro, ainda não está escrito, aquilo que não se lê, e que, no entanto, amamos, com uma espécie rara de bondade, quando um texto se abre (é, novamente, de uma abertura que se trata) à leitura? (p. 32)

Ler não tem como objetivo reescrever o texto ou acrescentar-lhe sentidos, mas fazer com que o livro se escreva, desta vez sem a intermediação do escritor, sem que *ninguém* o escreva. Esse ninguém em algum momento foi alguém que acreditava ser capaz de acrescentar alguma interpretação ou sentido ao texto. Mas, quando se desiste da busca por sentidos prévios e da leitura orientada pela compreensão, esse alguém desaparece, dando lugar ao "ele sem rosto" (Branco, 2019).

Reencontrar um livro é se aproximar novamente do que nele pode acontecer e, talvez, reencontrar também algo de nós. Até aqui, aponto essa concepção de Branco (2019) sobre quem lê um texto que ainda não está escrito; não foi necessariamente apenas devido à gestação que passei, durante o percurso da pesquisa, a ter novos (re)encontros com o texto de Zambra, mas isso se deu, me parece, pela desocupação do lugar de buscar sentidos prévios já que a própria gestação traz consigo um movimento sísmico. É deste lugar que a releitura de Zambra me alcançou durante esta escrita: as palavras de um pai em sua travessia que atravessam o corpo de quem lê gestando.

“Toda literatura é, no fundo, infantil”[1]: Alejandro Zambra e a escrita

> Nunca tive, em todo caso, esses devaneios racionais sobre a existência de Deus, talvez por depois ter começado a crer, de maneira ingênua, intensa e absoluta, na literatura.
>
> Alejandro Zambra

Antes de partirmos para a introdução, considero importante apresentar de forma mais cuidadosa Alejandro Zambra, autor da obra trabalhada ao longo desta pesquisa. *Literatura infantil* (2024) é sua obra mais recente e antes dela o autor já havia publicado diversos outros livros que o consolidaram como uma das vozes mais singulares da literatura latino-americana contemporânea[2].

Nascido em Santiago, em 1975, Zambra atuou como crítico literário, ensaísta e professor universitário. Graduou-se em Literatura Hispânica pela Universidade do Chile, fez mestrado na Espanha e então retornou ao Chile para cursar o doutorado, onde posteriormente iniciou a docência no ensino superior. Como afirma Rodrigues (2019), Zambra é, além de escritor, alguém ligado à academia.

O autor pertence a uma geração marcada pelos efeitos tardios da ditadura chilena, contexto que atravessa sua escrita, sobretudo por meio da memória, da infância e das relações familiares[3]. Em entrevista concedida ao Estadão, o autor afirmou não acreditar em delimitações rígidas entre ficção e não ficção e declarou: “todos os romances são autobiográficos, em certa medida”. Nessa mesma entrevista, ao falar sobre o livro *Formas de voltar para casa* (2021a), Zambra considera que o narrador tem muito dele: um escritor que lembra da sua infância em meio à ditadura chilena, composta não só por figuras diretamente envolvidas na violência cometida pelo Estado, mas também de uma população que a vivenciou marcada pelo medo e pela dificuldade de nomear o que foi vivido.

---

[1] A narrativa foi trazida por Zabra (2024, p. 15) ao indicar que “a expressão literatura infantil é condescendente e ofensiva e me parece também redundante, porque toda literatura é, no fundo, infantil. Por mais que nos esforcemos em disfarçar, todos nós que escrevemos fazemos isso porque desejamos recuperar percepções apagadas pela suposta aprendizagem que tão frequentemente nos tornou infelizes”.

[2] Foi eleito pela revista britânica Granta como um dos 22 melhores escritores de língua espanhola com menos de 35 anos (Rodrigues, 2019).

[3] “Formas de voltar para casa” (2021a) é a obra de Alejandro Zambra na qual o tema da ditadura chilena e seus efeitos sobre a memória e as relações familiares estão mais presentes. Terceiro romance do autor publicado no Brasil, o livro narra as memórias - ouvidas e vividas - de um narrador cuja infância se passou durante a ditadura de Augusto Pinochet, no Chile.

No que se refere à escrita ficcional e autobiográfica, Rodrigues (2019) menciona outra entrevista concedida por Zambra, desta vez em vídeo. Nela, o entrevistador questionou sobre o caráter autobiográfico dos seus livros; trago um recorte exato do que Rodrigues (2019) captou da entrevista:

> A conversa flui normalmente até o momento em que o entrevistador pergunta sobre o caráter autobiográfico dos livros de seu entrevistado. O escritor, então, procura esconder seu mau humor evidente provocado pelo questionamento e responde dizendo que isso, na verdade, pouco importa. Segue explicando meio sem vontade, mas com desejo claro de não parecer mal educado, sobre o interesse que se costuma ter em relação à autoficção no âmbito da crítica e da produção acadêmica, mas insiste em repetir que, para ele, esse assunto não tem grande importância (p. 22)

Como mencionamos anteriormente, Zambra não demonstra interesse em delimitar seus escritos apenas como ficcionais ou não ficcionais. Assim como Rodrigues (2019) escreve sobre o que percebeu da reação do autor diante da pergunta do entrevistador, tive, em 2025 a experiência de participar do encontro de um clube do livro em que o próprio Zambra esteve presente para comentar e responder a perguntas sobre *Poeta Chileno* (2021b),[4] um dos seus romances. Na ocasião, uma das perguntas dirigidas a ele foi justamente se os personagens do livro existiam na vida real e se um deles seria o próprio autor. Novamente, ele não respondeu nem que sim, nem que não, e afirmou que na literatura não precisamos de conclusões tão totalizantes.

Ressalto que ouvir Zambra falar sobre literatura e sobre a sua própria literatura foi muito especial. O autor é bastante bem-humorado e senti que vivi uma experiência semelhante àquela citada por Rodrigues (2019), pois apesar de não responder diretamente à pergunta sobre o caráter autobiográfico ou não de sua obra, ao final ele pareceu brincar ao afirmar que uma das personagens havia, sim, existido na vida real: a gata Oscuridad[5], do livro *Poeta Chileno* (2021b). Considerei que essa foi uma maneira bem humorada de responder à pergunta feita por um leitor.

Agora que pudemos apresentar um pouco mais sobre o autor e sua escrita, falaremos então sobre *Literatura infantil: cartas ao filho* (2024), que, conforme mencionado, é sua obra mais recente.

---

[4] Poeta Chileno é o quarto romance de Alejandro Zambra, publicado em português pela Companhia das Letras em 2021. A obra acompanha Gonzalo, poeta que se torna padrasto de Vicente a partir de sua relação com Carla, explorando temas como filiação afetiva, masculinidade, literatura e a importância da poesia ainda hoje no Chile contemporâneo.

[5] Oscuridad é uma gata preta, personagem presente no livro Poeta Chileno (2021b).

Em entrevista concedida ao O Globo (Alejandro Zambra, 2024) por ocasião do lançamento do livro, Zambra comentou algumas das questões que atravessam a obra e que ajudam a compreender seu projeto literário. Ao falar sobre *Literatura infantil (2024),* afirmou que sua geração teve o privilégio de poder discutir o que é a paternidade e a masculinidade, diferentemente da geração de seus pais. Para ele, pensar a masculinidade implica incluir a ternura; a figura do homem incapaz de se comunicar ou de expressar emoções lhe causa aflição. Assim, diz que seu modo de participar do mundo dos homens é falando e expondo suas fragilidades.

Na mesma entrevista a O Globo (Alejandro Zambra, 2024), ao comentar o trecho de *Literatura infantil* (2024) em que escreve: "Nossos pais tentaram, à sua maneira, nos ensinar a ser homens, mas não nos ensinaram a ser pais" (p. 12), Zambra afirma que não poderia ensinar ao filho o que é ser homem, pois, para ele, isso permanece uma pergunta em aberto. O que pode transmitir, diante disso, é a possibilidade de compartilhar esse mistério. O autor também explica que a literatura infantil se tornou referência para sua escrita por exigir do texto uma forma rara de honestidade, já que não haveria leitor mais exigente que uma criança, que lê movida simultaneamente pelo prazer e pelo conhecimento, jamais por obrigação. Seu desejo, portanto, é que o livro ultrapasse o tema da paternidade e encontre leitores diversos, inclusive aqueles que não se interessam diretamente por esse assunto.

Zambra (2024) acrescentou ainda que pertence a uma geração de escritores para quem a escrita foi mais um desvio do que um destino, uma vez que cresceu em uma casa sem livros. Conta ter sido fascinado, desde cedo, pelos usos estranhos da linguagem e recorda a influência decisiva da avó, que costumava contar histórias engraçadas e terminava sempre chorando porque se lembrava de que seus personagens não estavam mais vivos. Segundo ele, o tom de sua literatura nasce justamente dessa mistura entre riso e pranto, traço que considero presente em *Literatura infantil (2024)*.

O livro *Literatura infantil: cartas ao filho* (2024) é dividido em duas partes e reúne textos ensaísticos, autobiográficos e poéticos. Desde o título, Zambra propõe um deslocamento de sentido em que o termo literatura infantil não se refere, aqui, a um livro escrito para crianças, mas uma escrita atravessada pela infância, pela experiência da paternidade e pela tentativa de olhar o mundo, agora a partir do terremoto que um filho inaugura.

Nessa obra, Zambra retoma características que surgem em outros dos seus livros: uma escrita atravessada pela memória, pela família e pela própria literatura, com diversas referências a outros autores. Em vez de apostar em grandes acontecimentos, o autor costuma partir de cenas pequenas e situações cotidianas e, em *Literatura infantil*, isso surge em diversos momentos. Se em outras obras a infância surge ligada às lembranças da ditadura chilena, ao medo e aos silêncios de uma geração, aqui ela aparece entrelaçada à infância do filho e à experiência de paternidade.

Na primeira parte do livro, composta pelos capítulos: "Literatura infantil", "Jennifer Zambra", "Teonanácatl", "Bom dia, noite", "Francês para principiantes", "Multidão", "Tempo de tela" e "A infância da infância", Zambra escreve sobretudo sobre os primeiros meses de vida do filho e as transformações subjetivas provocadas por essa chegada. A partir de cenas do cuidado dedicado diariamente ao filho Silvestre e de um relato sobre a chegada deste, o autor revisita a própria infância, questiona os modelos de masculinidade e pensa a linguagem a partir da infância - a do filho e a sua.

Na segunda parte, formada por "O menino sem pai", "Arranha-céus", "Introdução à tristeza futebolística", "Assaltantes de olhos azuis", "Lições tardias de pesca com mosca" e "Recado para meu filho", o autor narra sobre memória e transmissão entre gerações. Nesses capítulos, consideramos que o filho passa a ser também o próprio autor, que se debruça na sua infância e na sua relação com suas figuras parentais, especialmente seu pai.

A PATERNIDADE: UMA INTRODUÇÃO

Ao longo da história, os papéis do pai, da mãe e da criança nas configurações familiares têm se transformado constantemente. Por muito tempo, o pai esteve distante dos cuidados diretos com os filhos e das tarefas domésticas; apenas recentemente, com as novas dinâmicas sociais e familiares, sua participação ativa nessas atividades começou a ganhar espaço. Essa mudança tem redefinido tanto a ideia de família quanto os papéis de seus membros, especialmente o do pai (Santos, 2014).

Essas transformações ganharam força a partir dos anos 1970, impulsionadas pelo novo paradigma econômico industrial e pelo fortalecimento do movimento feminista. Questionamentos sobre as disparidades de gênero, avanços nos métodos contraceptivos e a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho criaram a necessidade de uma maior participação do pai nos cuidados com os filhos. Mais recentemente, o aumento constante de famílias em que ambos os pais atuam profissionalmente fora de casa tem provocado mudanças significativas na dinâmica familiar e na reconfiguração das responsabilidades parentais (Vieira et al., 2014).

Apesar dos avanços na compreensão do papel paterno e das transformações sociais que reposicionam o pai no campo da perinatalidade, Davoudian (2022) observa que, em comparação com a literatura acerca da reorganização psíquica da mãe e sua relação com o bebê, ainda existe pouco publicado sobre os aspectos psíquicos do tornar-se pai, sobretudo a partir da vivência subjetiva masculina. Ela aponta que essa perspectiva "dá testemunho de um certo silêncio sobre os pais" (Davoudian, 2022, p. 130). Acreditamos que esse silêncio pode também refletir uma negligência social que tende a relegar ao homem-pai um papel secundário ou até mesmo invisível na relação com o filho.

Falceto et al. (2012) apontam que é esperado, tradicionalmente na cultura brasileira, que o papel do pai se restrinja ao de provedor financeiro, no apoio à parceira nos cuidados com o bebê e nas tarefas domésticas, essas que costumavam ser responsabilidade da mãe. No entanto, as mudanças socioculturais mencionadas anteriormente têm desafiado essa lógica. Como destacam Cúnico e Arpini (2013), na família contemporânea, o homem muitas vezes deixa de ser o único ou principal provedor, o que não apenas redefine sua posição no ambiente familiar, mas também questiona o título tradicionalmente masculino de "chefe de família".

A partir das considerações dos autores citados (Falceto et al., 2012; Cúnico e Arpini, 2013) parece existir um contraste no modo como muitos homens vêm narrando, atualmente, sua experiência de paternidade. Em uma pesquisa recente com pais no período perinatal, Maciel et al. (2025) observaram que os atributos mais frequentemente associados pelos homens ao que seria um "bom pai" dizem respeito à presença, ao envolvimento cotidiano e ao cuidado afetivo com o bebê, como estar disponível, participar ativamente dos cuidados e dividir as tarefas. O papel de provedor financeiro aparece de forma menos predominante, sendo citado por poucos pais. Sobre isso, acreditamos que a fala desses pais sugere um deslocamento importante na forma como os próprios homens veem compreendendo o exercício da paternidade, privilegiando a dimensão relacional e afetiva com os filhos em detrimento do papel exclusivamente econômico ou o lugar de um pai tradicionalmente disciplinador, constantemente atribuído pela sociedade patriarcal.

Atualmente, o modelo que tem se delineado passa a ser o de um pai multifuncional, mais ativo e comprometido, que, além de exercer o brincar, também desempenha um papel ativo na educação (Vieira et al., 2014). Ao tornar-se pai, o homem é convocado a assumir um novo papel dentro da clássica díade mãe-bebê; esse papel não é mais apenas de apoio, mas de um parceiro legítimo na tarefa de cuidar da criança. Assim, o pai também deve investir emocionalmente na relação com o bebê, permitindo-se ser afetado por ele, ainda que de maneiras e intensidades diferentes (Santos; Zornig, 2024). Dessa forma, a paternidade passa a ser vista como parte de uma relação intersubjetiva, marcada por uma troca de intimidade entre pai e filho (Davoudian, 2022).

Diante dessas transformações socioculturais, como podemos compreender as mudanças na travessia psíquica e na experiência da paternidade, a partir da Psicanálise? Se, por um lado, os arranjos familiares e a divisão de responsabilidades entre homens e mulheres vêm se modificando, por outro, é importante considerar se e quais processos psíquicos estão envolvidos na construção e na experiência da paternidade.

No que se refere à teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal, de acordo com Dias (2021), podemos destacar principalmente a presença contínua de um ambiente facilitador para que o indivíduo possa continuar amadurecendo, tendo em vista que esse processo se inicia ainda na concepção e continua no decorrer da vida. O bebê nasce em um estado inicial de não integração e, com base nos cuidados maternos e paternos, poderá evoluir em direção à integração.

Apesar da importância dos cuidados maternos, Winnicott não deixou de apontar a contribuição do pai no processo de integração do bebê (Rosa, 2022).

O pai vai além de um símbolo de autoridade, de intervenção ou interdição. Para Winnicott (1945/1985), o pai é valioso e importante em casa para ajudar a mãe a se sentir bem, assim como para dar apoio e ser um amparo para à autoridade materna, aquele que sustenta a lei e a ordem na vida da criança. Para isso, é importante sua presença viva e real. No momento de dependência absoluta, o pai desempenha dois papéis principais: o de mãe substituta, quando oferece colo e divide com a mãe partes características do momento inicial de dependência e o de sustentação da mãe, a protegendo de interrupções externas, garantindo que ela possa se dedicar ao bebê. Nesse momento, ele não exerce nenhum papel diretamente com o bebê, mas atua como uma mãe substituta quando oferta colo e divide com a mãe tarefas e cuidados pertencentes aos primeiros anos de vida do bebê (Rosa, 2022).

Rosa (2022) considera que, nesse estágio inicial, o pai ajuda a mãe a ser mãe e todo cuidado efetivo que o homem-pai dedica ao filho faz parte, inicialmente, do colo materno que o bebê recebe. A mãe, portanto, cria um espaço físico e mental em que o bebê habita/vai habitando, enquanto o papel paterno é o de criar um espaço onde a mãe possa habitar e viver com segurança a preocupação materna primária, sem grandes interferências.

> Neste ponto, o pai pode ajudar (...) a criar um espaço em que a mãe circule à vontade. Adequadamente protegida pelo seu homem, à mãe é poupado o trabalho de ter de ocupar-se das coisas externas que acontecem à sua volta, numa época em que ela tanto precisa concentrar-se. (Winnicott, 1949/2015, p. 27)

Consideramos importante reafirmar que, para Winnicott apesar da importância da figura paterna desde os primeiros momentos da vida do bebê, o pai ainda não é reconhecido pelo bebê como tal. Ele representa o segundo ambiente, após a mãe, com quem o bebê conta para continuar o processo de amadurecimento e se estabelecer como uma unidade no futuro (Rosa, 2022).

> Isso inclui os pais, mas estes devem me permitir o uso da palavra “maternal” para descrever a atitude global em relação aos bebês e ao cuidado que lhes é dispensado. O termo “paternal”surge necessariamente um pouco mais tarde do que o termo “maternal” (Winnicott, 1968b/2019, p. 182).

Até aqui, compreendemos que, apesar de Winnicott atribuir importância ao pai, ele também parece relegar a este o papel de apoio à mãe, sendo constantemente atribuída a palavra “ajuda” a cuidados que, na verdade, nos parecem fazer parte do próprio paternar.

Winnicott (1945/1985) formula que, o bebê primeiramente conhece a mãe, que ocupa o centro do seu mundo, oferecendo cuidado contínuo e um ambiente suficientemente previsível para que ele se sinta seguro. À medida que o amadurecimento avança e o bebê caminha em direção ao estágio de dependência relativa, o papel do pai é delineado a partir do desejo de ver o filho crescer e de retomar a relação do casal. Nesse momento, ele lembra à mãe que ela também é uma mulher, o que a ajuda a rever aspectos de sua personalidade e do mundo que foram inicialmente deixados de lado devido à preocupação materna primária (Rosa, 2022).

Diante disso, concordamos com Belo et al. (2015) quando observam que, apesar de Winnicott (1945/1985) apontar para a importância da presença do pai, o autor retira do homem-pai (em seus aspectos masculino-puros[6]) a possibilidade de exercer cuidados ativos na relação com o bebê. Segundo os autores, há na teoria winnicottiana uma nítida contraposição entre virilidade e maternidade, que restringe o pai ao papel de coadjuvante no ambiente facilitador do amadurecimento infantil.

Essa perspectiva se confirma, segundo Belo et al. (2015), na análise do caso de Esther, em *Consequências da Psicose Parental para o Desenvolvimento Emocional da Criança* (1959/2023), no qual Winnicott descreve um pai adotivo que assumiu um papel central no cuidado da filha. Apesar de reconhecer que esse pai era sempre sensível às necessidades da filha e que ocupava "o papel da mãe boa e idealizada na vida de Esther" (p. 116), Winnicott imediatamente reduz essa experiência a um fenômeno de substituição. Segundo Belo et al. (2015), o cuidado paterno não possui um lugar próprio, mas sim surge constantemente enquanto uma reprodução do materno.

Esse raciocínio evidencia o que Belo et al. (2015) denominam de "dobra ideológica" sobre o pai na teoria winnicottiana. Mesmo quando um homem exerce cuidados suficientemente bons, Winnicott tende a classificá-los como um mimetismo do materno, negando-lhe uma função autônoma no amadurecimento infantil. O pai, então, oscila entre a ausência e a presença condicionada: ele pode estar presente, mas apenas na medida em que não desestabilize a primazia da mãe. Essa lógica não apenas limita a compreensão da paternidade como experiência psíquica singular, mas também reforça um modelo de cuidado maternalizado.

---

[6] Elementos femininos puro: estão no início de tudo e dizem respeito às necessidades mais básicas de sentir-se real, de ser real, ancorados no conter e no acolher. Já os elementos masculinos puros remetem às experiências que envolvem atividade, no fazer, e estão ancoradas na possibilidadem"de se relacionar com objetos objetivamente percebidos na realidade exterior. O ambiente que sustenta esse tipo de experiência, que pode ser denominado paterno, é o que se apresenta como diferenciado, externo, que favorece o fazer no relacionamento com o objeto" (Rosa, 2022, p. 11).

Partimos, então, para as formulações de Stern (1997), não como um contraponto, mas como um prolongamento dessa mesma lógica teórica que privilegia a experiência materna no período perinatal. Segundo o autor, após o nascimento de um bebê, a mãe passa por uma nova organização psíquica, denominada “constelação da maternidade”. Essa constelação consiste em uma nova ordem de ações, fantasias, medos e desejos que se tornam o eixo dominante da vida psíquica da mulher, com duração bastante variável (de meses até anos).

Durante a constelação, a mulher passa por um profundo realinhamento: seus interesses se voltam mais para sua própria mãe e para as mulheres em geral, para o desenvolvimento do bebê em detrimento da sua carreira profissional. Ela também se volta para o marido enquanto pai e amparo, mais do que como parceiro sexual, além de se centralizar "mais ao bebê e menos a quase tudo o mais" (Stern, 1997, p. 162).

A constelação envolve três discursos principais: o da mãe com sua própria mãe, o da mãe consigo mesma, e o da mãe com o bebê. O autor denomina isso de trilogia da maternidade, indicando que essa reorganização psíquica centraliza a relação da mulher com o bebê e com sua própria mãe, esta vista tanto como mãe quanto como avó (Stern, 1997).

Qual o lugar do pai na constelação da maternidade? Acerca disso, Stern (1997) complementa que o papel do pai estaria limitado ao de amparar a mãe, provendo suas necessidades e afastando-a das demandas da realidade externa, protegendo-a para que ela possa se dedicar inteiramente aos cuidados com o bebê. Para o autor, o pai seria capaz de validar a mãe enquanto cuidadora, mas não poderia estar nesse lugar de cuidado e exercê-lo tão bem quanto uma figura materna legítima.

Considerando o que Winnicott e Stern apresentam sobre o papel do pai (como suporte à díade mãe-bebê e amparo às necessidades maternas), nos perguntamos até que ponto essas formulações, construídas num cenário social e familiar próprio da segunda metade do século XX, ainda dão conta da experiência contemporânea da paternidade. Consideramos que importantes transformações vêm ocorrendo nas configurações familiares: atualmente, o homem-pai parece não apenas ocupar nova posição na rotina doméstica e nos cuidados com os filhos, como também tem o desejo de habitar um lugar próprio, construído a partir da travessia psíquica para a paternidade e as inquietações advindas dela.

Nesse sentido, podemos compreender, a partir de autores posteriores a Winnicott e Stern, que a transição para a paternidade é um processo carregado de simbolismo e complexidade, que

acarreta uma profunda transformação na vida do homem. Autores como Zornig (2010), Missonnier (2017), Raphael-Leff (2017) consideram que o nascimento de um filho promove uma reorganização psíquica, uma vez que o homem se vê confrontado com expectativas sociais, heranças familiares e seus próprios desejos e medos em relação à paternidade.

Com base na experiência de uma década com grupos de "pais aprendizes", Missonnier (2017) afirma que muitos desses novos pais são carentes de oportunidades para simbolizar o processo de metamorfose, que envolve elementos intrapsíquicos, conjugais e sociais. Esses questionamentos, carregados de ambivalências, revelam sobre aspectos psíquicos da metamorfose paterna, e lançam luz sobre os processos que o homem-pai vivencia nessa construção, em sua relação consigo mesmo, com seus pais, com a parceira e com o bebê.

Outra autora que nos guiou nesta pesquisa é Raphael-Leff (2017), segundo a qual o processo de aguardar a chegada do filho, além de despertar fortes sentimentos, também demarca o momento em que o homem inicia a transição para a paternidade, o que pode ser vivenciado como um turbilhão de emoções e ambivalências. Durante esse processo, o homem reavalia seu passado como criança e sua relação com seus próprios pais, mais especificamente com seu pai.

Consideramos que, assim como a constelação da maternidade envolve uma reorganização psíquica, a paternidade, em tempos de diferentes modelos de masculinidade e feminilidade, requer do homem novas e complexas tarefas libidinais que precisam ser analisadas em sua dinâmica intra e interpsíquica, confrontado com conflitos anteriores, podendo impactar seu novo papel e sua nova identidade. Sobre essa reorganização, Raphael-Leff (2017) aponta que pode incluir a identificação com figuras parentais masculinas e femininas, como seu próprio pai e mãe, e a adaptação às novas responsabilidades e expectativas sociais associadas ao papel paterno (Raphael-Leff, 2017).

Diante dessas considerações levantadas até aqui, nosso objetivo geral nesta dissertação foi investigar a metamorfose psíquica perinatal do homem na obra *Literatura infantil: cartas ao filho,* de Alejandro Zambra. A partir do nosso objetivo geral, nossos objetivos específicos foram: 1) compreender o processo de construção psíquica e as condições de possibilidade na construção da experiência da paternidade; 2) desenvolver interlocução com a narrativa de Alejandro Zambra sobre os aspectos que marcaram a sua construção da paternidade, na obra "Literatura infantil: cartas ao filho"; 3) desvelar elementos relativos à metamorfose psíquica paterna, advindos da articulação entre o texto de Zambra e recortes da literatura psicanalítica sobre a paternidade. O

trabalho se delineou enquanto uma pesquisa em Psicanálise, tendo como *corpus* a obra literária *Literatura infantil: cartas ao filho* (Zambra, 2024) e enquanto ponto de costura teóricos-chave como Donald Winnicott e Daniel Stern, além de outros autores posteriores aos mesmos como, Sylvain Missonnier e Raphael-Leff.

A escolha do texto literário responde, antes, à aposta freudiana de que a literatura fala primeiro, antecipando muitas vezes aquilo que a teoria psicanalítica mais tarde poderá dizer. Nesse sentido, esta pesquisa também se orientou por uma posição sustentada por Lacan ao afirmar, em sua homenagem a Marguerite Duras, que a prática da letra converge com o uso do inconsciente e que o artista revela um saber que precede o do psicanalista. Ele diz: “Marguerite Duras revela saber sem mim aquilo que ensino” (Lacan, 1965/2003, p. 198).

Tal formulação convoca o analista a ocupar uma posição de estar à escuta diante do texto, conforme mencionado anteriormente nesta introdução, estando diante dele com mais ignorância do que saber. É a partir dessa perspectiva que a obra *Literatura infantil: cartas ao filho* (Zambra, 2024) foi escolhida como corpus desta pesquisa. Nosso interesse não reside em tomar a narrativa como objeto a ser encaixado na teoria segundo categorias prévias, mas em acompanhar os rastros da escrita, permitindo que o texto conduza as questões que serão posteriormente colocadas em diálogo com a Psicanálise ao longo dos capítulos.

A pesquisa também se ancorou em Maria Gabriela Llansol, Castello Branco e Andrade (2007), que nomeiam essa posição como legência, uma forma de leitura que exige do leitor/legente uma abertura diante à experiência do texto. Ao legente cabe então, um trabalho específico de posicionar-se diante do texto não como aquele que domina o sentido, mas como quem se deixa afetar por ele. Consideramos que *Literatura infantil: cartas ao filho* (2024) nos possibilita essa leitura, na medida em que Zambra escreve a experiência de tornar-se pai de modo não linear, articulando dimensões da relação com o filho, com o próprio pai e com a sociedade.

Ao longo da narrativa, Zambra narra sua vivência como pai, mas também como filho. O autor inicia endereçando a escrita ao filho, até então recém-nascido. Ele diz: “sinto que escrevo para ele, que sou o correspondente de meu filho, que escrevo despachos para meu filho” (p. 79). Ao escrever sobre seu processo de tornar-se pai, Zambra transita por momentos de sua vida, como a juventude, a infância e, principalmente, sua relação com o próprio pai. “Quando você tem um filho, volta a ser filho” (p. 120), esse movimento narrativo, no qual a experiência da paternidade se articula à reelaboração do lugar de filho, constitui um dos aspectos centrais da

obra e será retomado ao longo dos capítulos, em diálogo com os autores apresentados anteriormente.

A partir das contribuições teóricas apresentadas até aqui e que serão aprofundadas ao longo do trabalho, nossa pretensão ao articulá-las com a obra *Literatura Infantil: cartas ao filho* (Zambra, 2024) foi direcionar o olhar para a construção psíquica do pai que, apesar dos avanços no corpo teórico da Psicanálise, ainda privilegia majoritariamente a experiência materna. Considerando que o pai seria, nas palavras de Cullere-Crespin (2004, p. 87), "suficiente", ou seja, aquele que torna a mãe "não completamente" devotada ao filho, sustentador e depois separador da díade mãe-bebê, o que podemos dizer sobre a elaboração de sua própria travessia para que esse cuidado sustentador seja possível? A pergunta de pesquisa que nos orientou foi: o que podemos desvelar sobre a metamorfose psíquica paterna e sua possibilidade de construção de uma experiência da paternidade?

Admitindo que o homem também passa por uma metamorfose psíquica, como proposto por Missonnier (2017), tomamos como hipótese a ideia de que o tornar-se pai é um processo que pode extrapolar a função de sustentação da díade mãe-bebê e remeter o homem a uma reorganização psíquica que o auxilie na construção de uma experiência. Esse processo pode nos indicar sobre condições de possibilidade para o reconhecimento de uma constelação da paternidade. Para abordar a "experiência", recorremos a Rocha (2008a), quando considera a distinção da vivência, ao admitir que a experiência se constitui pelo modo como o vivido passa a integrar a subjetividade daquele que cuida.

O que sabemos sobre as tarefas libidinais desse sujeito, confrontado com seus próprios conflitos, para que possa se construir na complexa experiência da paternidade? Estimamos que esse processo envolve inicialmente o homem na sustentação de si mesmo e da díade mãe-bebê, num caminho que aponte para a suficiência do cuidado, abrindo espaço para que a mãe não se devote completamente ao filho, abrindo à possibilidade de diferenciação do bebê. A via pela qual nos enveredamos na análise da obra literária parte da interlocução com autores como Stern, Winnicott, Missonnier, Raphael-Leff e Rocha, tendo como norte três eixos principais: o pai com seu filho, o pai como filho e por fim, ser pai na sociedade.

Buscando responder aos nossos objetivos, utilizamos os eixos enquanto parte do percurso desta dissertação. No Capítulo I, intitulado *"Que tipo de espelho é um filho?*", buscamos explorar

o eixo *"o pai com seu filho"*, investigando a dinâmica da paternidade a partir da construção de uma nova identidade do homem enquanto pai em sua relação com o filho.

No Capítulo II: *"A infância da infância",* nosso olhar se voltou para o eixo *"o pai como filho"*, buscando compreender a travessia para a paternidade, em seus elementos de reorganização psíquica, por exemplo como se relaciona com suas figuras parentais.

Por fim, no Capítulo III: *"E esse menino não tem mãe?",* abordamos o eixo *"ser pai na sociedade"*, explorando como o papel paterno é moldado pelas expectativas sociais presentes na obra de Zambra, as expectativas entre o ideal social de paternidade e a experiência subjetiva do narrador, bem como sua relação com a mulher-mãe, na construção de sua identidade enquanto pai.

NOTAS SOBRE O MÉTODO

Esta pesquisa se configurou como uma pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico que, de acordo com Figueiredo e Minerbo (2006), pode ter como alvo processos socioculturais ou fenômenos psíquicos percebidos fora de uma situação analítica propriamente dita. Uma das características importantes que gostaríamos de ressaltar é que, conforme os autores apontam, neste método de pesquisa costuma desaparecer a distância entre o pesquisador e seu referencial teórico para dar lugar "a um corpo-acorpo do qual a psicanálise [...] não sairá tal como entrou" (p. 259).

Partindo dessa perspectiva, esta dissertação tomou enquanto *corpus* um texto literário, compreendendo a literatura não como objeto a ser explicado pela teoria, mas num movimento inverso, buscamos ler a Psicanálise pelos olhos da ficção[7]. Assim, a leitura da obra *Literatura infantil: cartas ao filho* (2024), de Alejandro Zambra, foi tomada a partir de uma posição de escuta-leitura que se aproxima daquilo que Branco (2019) descreve como uma leitura que não tem como objetivo uma compreensão total ou a busca de sentidos prévios, mas uma forma singular de abertura ao texto.

Em *Literatura infantil* (2024), Zambra narra sua experiência de paternidade de maneira não cronológica, entrelaçando momentos da infância, sua relação com o próprio pai, as experiências com seu filho e com a companheira. Nossa escolha pela obra se deu tanto por sua estrutura narrativa quanto pela possibilidade de, a partir do modo singular como o autor relata sua experiência, compreender a narrativa como uma construção da paternidade contemporânea.

É justamente a partir do reconhecimento dessa singularidade que a articulação entre o singular e o paradigmático se tornou importante, orientando o lugar atribuído, nesta pesquisa, à obra *Literatura infantil* (2024). Não tomamos a obra de Zambra como um caso clínico, tampouco tivemos como objetivo analisar o autor. Ainda assim, compreendemos ser possível partir do singular em direção ao paradigmático em sua narrativa sobre o que compreendemos como uma travessia em direção à paternidade.

---

[7] Aqui, fazemos uma referência a proposta de Bellemin-Noel (1983) de "ler a ficção pelos olhos da psicanálise". Durante a construção desta pesquisa, repensamos nossa posição diante do texto literário e consideramos que, nossa proposta seria o inverso, justamente o que trouxemos neste trecho: ler a psicanálise pelos olhos da ficção.

Miller (2025), ao discutir o singular e sua relação com o exemplo e o paradigma, afirma que, para que haja paradigma, é necessário que exista a singularidade de um caso tomado como incomparável. Ao tratar da escrita do caso clínico[8], o autor observa que, muitas vezes, procura-se transformá-lo em exemplo, utilizando-o como forma de confirmar uma proposição teórica previamente estabelecida. Nesse movimento, importa que o caso se pareça com algo já conhecido e não desminta a teoria, o que termina por apagar sua singularidade desde o início. Por isso, Miller (2025) afirma que "a virtude do caso [...] é precisamente não se parecer com nada" (103). Portanto, é justamente quando preservada em sua irredutibilidade, que uma experiência singular pode adquirir valor paradigmático.

Nessa perspectiva, a obra de Zambra não foi tomada como exemplo a fazer "caber" na teoria previamente formulada sobre a paternidade, nem como representação de todos os homens ou todos os pais, mas porque, ao narrar sua experiência, a escrita do autor nos permitiu considerar operadores clínicos e culturais que excedem a experiência individual. Isso tornou possível, nesta pesquisa, pensar elementos mais amplos do tornar-se pai na contemporaneidade, fazendo passar, do singular ao paradigmático algo da travessia psíquica em direção à paternidade. A passagem do singular ao paradigmático não corresponde, portanto, à generalização da experiência narrada, mas à possibilidade de que sua singularidade abra um campo mais amplo de questões acerca da construção da experiência da paternidade que pensamos aqui.

Sobre a escuta do texto

Figueiredo e Minerbo (2006) afirmam que, na pesquisa com o método psicanalítico, o objeto (seja um paciente, uma formação cultural ou um texto) não é algo fixo a ser apenas analisado, mas também transforma o pesquisador. A leitura, feita com cuidado e liberdade, proporciona um novo fôlego e futuro.

> Um texto, ao ser bem lido, renova-se e sai da experiência de leitura em direção a um porvir que, por outro lado, fazia parte, como possibilidade, do que o texto já "era" mas a que não acederia sem o concurso do leitor que responde, do seu modo, a tal apelo (Figueiredo; Minerbo, 2006, p. 261)

Essa invenção do texto, a partir da transferência entre objeto e pesquisador, se aproxima da lógica paradoxal que Winnicott propõe ao tratar dos fenômenos transicionais: algo que já

[8] Embora Miller (2025) formule essa discussão a propósito do caso clínico, reforçamos que não tivemos por objetivo tomar nem a obra Literatura infantil: cartas ao filho nem Zambra como casos clínicos a serem analisados.

estava lá, mas que só pode ser verdadeiramente encontrado porque foi também criado (Figueiredo; Minerbo, 2006).

Branco (2020) sustenta que só entramos no texto pela transferência. Diante disso, ao longo da escrita da dissertação, mantive um diário que foi utilizado como instrumento metodológico de "escuta" da ficção do texto e de auxílio à compreensão sobre a minha transferência com o texto. A proposta foi registrar as marcas que me mobilizaram durante a leitura, buscando alcançar o metafenomenal do texto literário, como proposto por Figueiredo (2014), ou seja, aquilo que está além do que é imediatamente visível e que só pode ser captado pelo que se passa entre o pesquisador e o texto. Portanto, ler a obra a partir da perspectiva aqui assumida implicou me deixar afetar pela escrita, acolhendo a "estranheza" do tornar-se pai que Zambra vive e escreve, proposta por Branco (2019).

Ainda no que se refere ao diário, também tomamos como referência a proposta de escrita diarística elaborada por Ernaux (2023), para quem o diário é um gesto de deixar um rastro da existência, de registrar alguma coisa "sem finalidade específica, sem qualquer prazo para publicação, um estar aqui em estado puro" (p. 30). A autora diferencia os seus diários de outros tipos de textos prontos para publicação. Os diários são mais livres, escritos sem preocupação com uma forma ou objetivo específico e compreendidos como uma espécie de reserva viva da experiência, que abrem espaço, posteriormente, para outras formas de escrita (Ernaux, 2023).

Os trechos do diário integraram a leitura-escuta desenvolvida com o livro e aparecem ao longo da dissertação sempre sinalizados como recortes do diário. Nosso interesse ao trabalhar com a obra literária residiu em acompanhar os rastros da escrita, permitindo que o texto conduza as questões posteriormente colocadas em diálogo com a Psicanálise ao longo dos capítulos, ao invés de tomar a narrativa como objeto a ser encaixado na teoria segundo categorias prévias.

Essa compreensão sobre o diário advém também da compreensão de Diniz (2018), em diálogo com as concepções de Lourau (1988), segundo os quais os diários fazem parte da singularidade da relação do pesquisador com seu objeto de pesquisa. É o diário que possibilita o trabalho "de criação com suas angústias, suas contradições, suas ambivalências, suas incertezas, seus prazeres e desprazeres, suas idas e vindas, suas inquietudes, seu desalento, seu tédio, seu entusiasmo, suas interrogações" (p. 121).

Para Diniz (2018), trata-se de um dispositivo que busca explicitar a relação entre o texto, o extratexto e o paratexto[9], permitindo que emergam as condições da "coleta de dados". No caso desta pesquisa, diria que fez surgir mais do que as condições da "coleta" e sim o encontro com o texto literário e suas ressonâncias. Portanto, nossa aposta ao utilizar o diário de pesquisa e integrá-lo a esta dissertação parte do que sustenta Diniz (2018), segundo o qual a explicitação de certos elementos subjetivos e a forma como eles atravessam o processo de investigação devem ser analisadas buscando demarcar os fenômenos inconscientes. Isto é, desejos, sintomas, identificações inconscientes em relação a si mesmo enquanto pesquisador, bem como em relação ao objeto de pesquisa, abrindo assim espaço para os fenômenos projetivos e transferências que atravessam a escrita.

Por fim, no que se refere ao diário de pesquisa e sua utilização nesta dissertação, consideramos importante também reafirmar que, ao reconhecer os efeitos transferenciais produzidos pelo texto enquanto parte do método psicanalítico, o que buscamos aqui não foi a interpretação da obra, nem do autor em si.

Buscando responder à pergunta de pesquisa - o que podemos desvelar sobre a metamorfose psíquica paterna e sua possibilidade de construção de uma experiência da paternidade? - nos aventuramos com a obra de Zambra no diálogo com alguns conceitos-chave de autores como Daniel Stern, Donald Winnicott e Sylvain Missonnier. Nosso foco esteve em três eixos principais: o pai com seu filho, o pai enquanto filho e o ser pai na sociedade; todos situados no contexto da perinatalidade (pré-parto e pós-parto). O pré-parto diz respeito à pré-história do narrador com seus objetos (seu pai, a parceira, sua mãe, seu filho), enquanto o pós-parto se refere ao período posterior ao nascimento do filho.

O primeiro eixo - o pai com seu filho - buscou investigar a dinâmica da paternidade a partir da construção de uma nova identidade do homem enquanto pai, especialmente na relação com seu filho. O segundo eixo - o pai como filho - pretendeu compreender a travessia para a paternidade em seus elementos de reorganização psíquica, a partir do relacionamento com suas figuras parentais. Por fim, o eixo ser pai na sociedade - propôs explorar como o papel paterno é moldado pelas expectativas sociais; buscamos compreender as expectativas entre o ideal social de paternidade e a experiência subjetiva do narrador, bem como sua relação com a mulher-mãe, na construção de sua identidade paterna.

[9] O extratexto seria o diário mais ou menos íntimo e o paratexto o prefácio, notas, censuras (Diniz, 2018).

Por ser caracterizada como uma pesquisa em psicanálise que se utiliza da literatura, não foi necessário que a presente pesquisa transitasse pelo Comitê de Ética. Contudo, consideramos importante refletir sobre os aspectos éticos que a permeiam. Sendo esta uma pesquisa que se utiliza da literatura de um autor vivo, destacamos a relevância de reafirmar que o texto literário foi tomado sob o signo da ficção, conforme propõe Bellemin-Noël (1983), de modo que a obra foi tomada enquanto expressão ficcional da construção do autor acerca do tornar-se pai, entrelaçada ao que me atravessou diante dessa escrita e que foi posto no diário de pesquisa.

CAPÍTULO I

"QUE TIPO DE ESPELHO É UM FILHO?"[10] - O PAI COM SEU FILHO

> A paternidade também é uma espécie de convalescença que nos permite aprender tudo de novo. E nem sabíamos que havíamos estado gravemente doentes. Acabamos de descobrir.
>
> Alejandro Zambra

Neste primeiro capítulo-eixo[11]buscamos investigar a dinâmica da paternidade na obra *Literatura infantil: cartas ao filho (2024)* a partir da construção de uma nova identidade do homem enquanto pai em sua relação com seu filho. Conforme mencionado anteriormente na introdução desta dissertação, os capítulos foram pensados a partir de três eixos que emergiram da minha leitura, inspirada no formato da constelação da maternidade proposta por Daniel Stern (1997) que propõe três discursos distintos que se correlacionam. São eles: o discurso da mãe com sua própria mãe, mais especificamente com a figura da mãe que ela teve enquanto criança; A mãe consigo mesma, mais especificamente com ela mesma enquanto mãe; e por fim, o seu discurso com o bebê. Falaremos deles mais adiante, no segundo capítulo desta dissertação.

Em *Literatura Infantil (2024)*, Zambra inicia endereçando sua escrita ao filho, Silvestre, até então recém-nascido. Ele diz: "sinto que escrevo para ele, que sou o correspondente de meu filho, que escrevo despachos para meu filho" (p. 79). Ao narrar sobre seu processo de tornar-se pai, Zambra também transita por outros pontos e momentos de sua vida, como a juventude, a infância e sua relação com o próprio pai. Clevelares[12] (2024) considera que a obra, que é dividida em duas partes, é construída de uma forma astuta para "brincar com a memória e com a ficção" (p. 610).

O livro surgiu nas primeiras semanas de vida do filho de Zambra, que escreveu cem poemas em seu celular durante esse tempo. Após isso, "transforma os poemas falsos em poemas

---

[10] Todos os títulos dos capítulos desta dissertação foram derivados e são referências à obra *Literatura infantil: cartas ao filho* (2024), de Alejandro Zambra.

[11]Utilizamos a expressão capítulo-eixo para indicar que os capítulos desta dissertação foram construídos a partir de eixos de leitura e investigação. Cada capítulo, portanto, corresponde a um dos eixos apresentados no método.

[12] Clevelares (2024) é um pesquisador, doutor em Estudos de Literatura, com ênfase em Literatura Comparada, pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com reconhecimento de título pela Universidade de Coimbra (UC). É mestre em Letras, com ênfase em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Seu artigo publicado em 2024 é uma resenha sobre o livro *Literatura infantil: cartas ao filho* (2024).

verdadeiros" (p. 14), e por isso o autor intitulou essa coletânea de textos como Literatura infantil. Para Zambra (2024), nenhum desses poemas pode ser considerado como literatura infantil no sentido de serem destinados para crianças, apesar de todos remeterem à infância. De qual infância falamos, então? Penso ser esse um ponto importante a ser destacado na obra já que, para Zambra, a obra remete à infância do filho que acaba por começar, ao mesmo tempo em que narra sua própria infância (ou ideia de infância) a partir da chegada de Silvestre.

Sobre a obra de Zambra, Pérez (2018) observa que sob um olhar atento podemos compreender que o caráter autoficcional presente na narrativa se torna uma importante "chave de leitura a partir da qual o autor chileno reflete os caminhos da literatura na contemporaneidade" (p. 43). Compreendemos que essa chave de leitura é particularmente fecunda em *Literatura infantil: cartas ao filho*, em que Zambra narra a travessia para a paternidade de forma não cronológica, em uma escrita que para Clevelares (2024) vai do autobiográfico ao ficcional.

O lugar de um filho

Zornig (2010) afirma que Freud, em seu texto de 1914 sobre o narcisismo, valorizou o lugar que a criança ocupa no psiquismo dos pais, principalmente no que diz respeito à sua função reparadora, isto é, a função de "suturar feridas narcísicas de seus próprios pais" (p. 457). A concepção de filho, nesse sentido, põe em movimento aspectos do narcisismo paterno e materno, assim como lembranças e fantasias sobre suas relações primárias de objeto.

É a partir dessa consideração que neste primeiro eixo investigamos a dinâmica da paternidade a partir da construção de uma nova identidade do homem enquanto pai, em sua relação com o filho. Tal investigação se ancora, ainda, na proposição de Lebovici (1993) de que o processo de filiação se inicia antes mesmo do bebê nascer, a partir da transmissão consciente e inconsciente da história infantil dos pais, de seus conflitos inconscientes e das representações que dão forma à parentalidade.

Nesse contexto, as contribuições de Lebovici (1987) nos permitem aprofundar a compreensão acerca do lugar do filho no psiquismo dos pais. O autor descreve diferentes tipos de representações parentais sobre o bebê. Podemos destacar o **bebê fantasmático,** relacionado ao bebê que os pais trazem em seu psiquismo há muito tempo, do inconsciente materno/paterno, que reflete as fantasias infantis que permeiam o desejo de filho, que têm raízes na própria origem do sujeito, pois testemunham a organização edipiana dos fantasmas parentais e do luto de seus

objetos edipianos. São esses fantasmas que colorem as relações estabelecidas pelos pais, entre os pais, entre os pais e seus filhos, e que serão transmitidos à criança. O **bebê imaginário,** composto por traços como sexo e características imaginadas pelos pais, resultado da produção dos sonhos acordados que surgem de "fantasias conscientes ou diurnas", dos "sonhos acordados", sendo também um produto do ideal do grupo social, marcado pela cultura, pelas representações coletivas da sociedade, num tempo específico. Por fim, **bebê real** é o que nasce e confronta os pais com o filho imaginário, idealizado. O bebê real é aquele que entra em interação com a mãe e que exibe suas competências; é o bebê que os pais têm nos braços e que pode ter características do seu bebê imaginário ou ser muito diferente deste, elemento importante a ser observado, pois o luto pelo filho imaginário está relacionado a este aspecto.

Zornig (2010) postula que essas representações irão influenciar os diferentes tipos de interações que ocorrem entre o bebê e os pais, vindo a facilitar ou não a instauração de vínculos afetivos. Até aqui, entendemos como importantes as observações de Zornig e Lebovici quanto ao lugar que um filho ocupa no psiquismo dos pais, lugar esse que emerge de diferentes maneiras na escrita de Zambra sobre o filho.

Zambra inicia sua narrativa a partir de uma cena inaugural, na qual descreve não apenas os primeiros instantes de vida de Silvestre, mas também o que poderíamos considerar os primeiros instantes de sua própria travessia para a paternidade junto ao filho. Diz ele: "com você no colo, vejo pela primeira vez, na parede, a sombra que formamos juntos. Você tem vinte minutos de vida" (p. 11).

A projeção da sombra na parede, formada pela justaposição dos dois corpos, dá forma concreta a uma díade que até então existia apenas no plano simbólico. Essa imagem inicial ganha cada vez mais espaço ao longo da escrita, como no poema em que Zambra afirma que o filho ganhou os mesmos cem gramas que ele perdeu dançando: "O filho engorda o que o pai emagrece" (p. 16). A transição da paternidade parece reverberar no corpo do homem-pai, que também muda a partir da relação direta com o corpo do filho, sinalizando uma paternidade que se constrói na experiência entre os dois.

Para Bydlowski (2019), o pai, que durante muito tempo teve seu papel assegurado enquanto provedor, garante o lugar na paternidade ao dar seu nome ao bebê, mas só se compreende de fato pai em um momento posterior, quando o filho pode desenvolver uma relação autêntica com ele. Para a autora, isso se dá devido ao fato de que, diferentemente da mulher que

vivencia as transformações da gravidez diretamente no corpo a partir de um vínculo contínuo com o bebê, o homem-pai vivencia uma pausa entre a concepção e o nascimento. Separado do corpo do bebê, o filho é frequentemente um desejo da mulher, que o homem-pai não pode reconhecer como seu. Sendo assim, a gestação pode colocar o homem em crise, ativando sua angústia de castração já que a gravidez "é o impossível da sua anatomia" (Bydlowski, 2008, p. 2)

> O desejo paterno é muito difícil de ser questionado no campo da maternidade. A maternidade muitas vezes funciona como um lugar de exclusão do homem e a paternidade não tem um lugar específico (Bydlowski, 2008, p. 1)

Bydlowski (2019) considera a gestação como um momento em que o homem vivencia novas sensações e ideias, quando conteúdos primitivos inconscientes abrem espaço para fantasias regressivas e arcaicas. Nesse contexto, os homens se veem confrontados em um jogo de identificações que, por vezes, os leva à "[...] identificação mimética com a gestante [...] participam das aulas de preparação para o parto, dormem na maternidade, envolvem-se de boa vontade nas atividades maternais e são candidatos a diversas somatizações" (Bydlowski, 2019, p. 4). Portanto, a paternidade não se impõe pelos sentidos visíveis ou palpáveis, como no caso da mulher que gesta; o processo de tornar-se pai está marcado por um reconhecimento simbólico, que precisa ser reivindicado e elaborado psiquicamente (Bydlowski, 2008).

Nesse sentido, quando Zambra narra o encontro e a sombra que forma junto ao filho, pensamos ser um instante fundador da travessia da paternidade do homem-pai, sendo a sombra uma marca palpável do início da díade pai-bebê.

Ainda que o nascimento permita uma vivência mais concreta da paternidade, é importante sublinhar que a relação entre pai e filho não se inaugura apenas nesse momento. Raphael-Leff (2017) indica que o próprio processo de aguardar a chegada do filho já demarca o início da transição para a paternidade, atravessado por intensos sentimentos e ambivalências.

Bydlowski (2002) descreve esse período como um momento de duplo status do bebê no psiquismo parental, no qual a criança ainda não está presente no plano concreto e visível, mas já está inscrita no campo psíquico materno, mobilizando fantasias, identificações e conteúdos inconscientes. Raphael-Leff (2019) se pergunta: qual significado a gravidez tem para uma mulher ou um homem? Como as forças inconscientes influenciam a maneira de tornar-se pai? Qual a vivência emocional do homem-pai que, assim como a mulher-mãe, também espera um filho?

Embora a narrativa de Zambra se inicie a partir do nascimento de Silvestre, compreendemos pela ordem não cronológica que a obra segue, com diversos retornos a própria infância e juventude do autor, que existem marcas na escrita de um tempo anterior, no qual o filho já se fazia presente no psiquismo dos pais, antes mesmo de sua concepção. Ao retornar a momentos do início de sua relação com Jazmina, mãe de seu filho, Zambra descreve uma conversa em que ambos compartilham os nomes que teriam recebido caso tivessem nascido com outro sexo. O autor conta que, se tivesse nascido mulher, seu nome teria sido Jennifer Zambra, sendo uma das primeiras confidências feitas a Jazmina. Jazmina revela que, se tivesse nascido homem, se chamaria Silvestre, nome que viria a ser do filho. É nesse contexto que o autor escreve: “Gosto tanto de pensar que você já nos rondava naquele encontro quase às cegas. [...] candidatando-se à vida desde o primeiro flerte” (p. 36). Compreendemos então, que a narrativa que Zambra nos traz pode ser lida como uma pista de que o filho já circulava, ainda que de forma incipiente no psiquismo dos pais.

Golse (2019) propõe que o nascimento de um filho envolve uma dupla dimensão: para que o bebê possa sobreviver física e psiquicamente, é necessário inscrevê-lo em uma história familiar e transgeracional. Contudo, o autor nos convida a deslocar o olhar de uma transmissão concebida apenas de forma descendente e linear (dos pais para o bebê) e destaca também sua dimensão ascendente, admitindo que o bebê também conta algo da sua história aos pais.

Nesse sentido, o passado organiza o presente, mas o presente, por sua vez, permite reler e reconstruir o passado. Uma vez reelaborado, esse passado terá um novo impacto sobre o presente. Assim, sempre que um cuidador se ocupa de um filho, se constitui entre eles um estilo interativo singular, próprio daquela díade. Para o cuidador, esse estilo é atravessado por sua história pessoal: aquilo que ele é hoje, o bebê que foi um dia ou que teme ter sido. O filho, por sua vez, apresenta suas próprias características interativas e ocupa um lugar único no mundo interno de representações do cuidador (Golse, 2019).

Golse (2019) observa ainda que, à sua própria maneira, o cuidador conta ao bebê a história do bebê que ele mesmo foi ou acredita ter sido. O bebê, por sua vez, “conta” ao cuidador, também à sua maneira, a história dos seus primeiros encontros interativos. Cada membro da díade transmite ao outro algo da sua história arcaica e a partir desse entrelaçamento, nasce uma terceira história, enraizada nas narrativas que circulam entre ambos: a do adulto que já viveu e a do bebê que começa a viver. Nesse ponto, podemos retomar Zambra quando afirma que os

poemas que viriam a compor o livro *Literatura infantil* (2024) remetem, desde a chegada do filho, a infância (ou sua ideia de infância), a de Silvestre ainda incipiente e a sua própria, distante.

Compreendemos que essa possibilidade de reencontro com a própria infância encontra o que formula Golse (2019) ao apontar que nossa história primitiva permanece inscrita em nosso psiquismo. Existe uma identificação regressiva que nossa infância inicial deixa em nós, o que permite uma empatia e identificação com o bebê, que também fomos um dia. Concordamos com o autor que propõe que um filho reativa materiais psíquicos primitivos e transmite algo do seu mundo interno, sendo a transmissão sempre uma via de mão dupla.

Em Literatura infantil (2024), é a partir da relação que se funda com o filho que acompanhamos Zambra retornar à própria história. O ritmo do sono intervalado e compartilhado com Silvestre nos primeiros meses de vida do recém-nascido, o faz recordar das viagens de ônibus para o colégio ou faculdade: “de repente tenho quinze anos” (p. 12), diz ele.

A partir do que propõe Golse, (2019) segundo a qual o encontro entre o cuidador e o bebê pode ser concebido como um duplo espaço de narrativa, consideramos que a paternidade inaugura, para o homem-pai, um campo possível de elaboração simbólica. Ainda que Golse (2019) enfatize que os bebês necessitam de uma história que não seja apenas médica ou biológica, mas sobretudo relacional, penso ser importante considerar que essa necessidade narrativa, assim como o movimento de aprender, pouco a pouco, a contar a própria história, não diz respeito apenas ao bebê, ela nos parece convocar, de maneira igualmente intensa, o homem que se torna pai.

Se o encontro inicial constitui um espaço de narrativa, de acordo com Golse (2019), isso implica reconhecer que o pai é convocado a narrar (não apenas ao filho, mas também para si mesmo) aquilo que se transmite na díade. O tornar-se pai, nesse sentido, parece inaugurar uma necessidade de reorganização narrativa da própria história, o pai é convocado a reinscrever sua infância, seus vínculos primitivos e suas marcas arcaicas, agora atravessadas pela chegada do filho.

Ancorados em Golse (2019) entendemos que a história relacional é condição para a inscrição do sujeito em sua dupla filiação (materna e paterna) e consideramos importante lançar luz para a travessia do homem-pai, compreendendo a escrita de Zambra enquanto um gesto narrativo, no qual ele próprio tenta se reinscrever em sua filiação, agora do lado daquele que

transmite, escrever ao filho e sobre o filho parece constituir um modo de elaborar essa passagem: da posição de filho à de pai.

É nesse contexto que consideramos importante retornar ao trecho que dá título a este eixo onde, ao refletir sobre os impasses da escrita diante da experiência da paternidade, Zambra interroga não apenas o lugar do filho, mas também os limites do que pode ser narrado a partir da experiência de tornar-se pai:

> Por séculos a literatura tem evitado o sentimentalismo como se fosse uma peste. Tenho a impressão de que até hoje muitos escritores prefeririam ser ignorados a correr o risco de serem considerados piegas ou sentimentais. E é verdade que, na hora de escrever sobre nossos filhos, a felicidade e a ternura desafiam nossa ideia antiga e masculina do que é comunicável. O que fazer, então, com a satisfação jubilosa e necessariamente bobalhona de ver um filho conseguir ficar de pé ou começar a falar? E que tipo de espelho é um filho? (p. 19)

Arbex (2025) compreende o desejo de ser pai como desejo de transmissão de um legado ao filho; nessa perspectiva, o desejo de paternidade implicaria a possibilidade de o homem se satisfazer a partir do êxito de um outro. Ao abordar esse tema, o autor recorre ao relato de um analisando que rememora a figura paterna a partir da canção *Espelho*,[13] de João Nogueira e Paulo César Pinheiro; o mesmo homem relata ainda a profunda mudança psíquica vivenciada ao tornar-se pai. Ao olhar pela primeira vez para sua filha recém-nascida, afirma: “olhei para ela e vi meu pai”.

Entendemos que a pergunta final de Zambra - “que tipo de espelho é um filho?” (p. 19) - parece evocar um jogo de espelhos semelhante ao que encontramos em Las Meninas, de Velázquez, no qual não há um ponto de vista único. O espelho desloca posições, implicando quem olha na própria cena que observa; podemos também compreender a experiência de tornar-se pai narrada pelo autor enquanto um jogo em que o filho não apenas recebe o que é transmitido do pai mas também participa ativamente, não só recebe uma história mas convoca o pai a narrar-se de outro lugar.

---

[13]Arbex (2025) cita o seguinte trecho da música: Assim sem perceber eu era adulto já
“Ê, vida voa Vai no tempo, vai
Ai, mas que saudade
Mas eu sei que lá no céu o velho tem vaidade
E orgulho de seu filho ser igual seu pai
Pois me beijaram a boca e me tornei poeta
Mas tão habituado com o adverso
Eu temo se um dia me machuca o verso
E o meu medo maior é o espelho se quebrar (Nogueira e Pinheiro, 1977)”

Figura 1 - Las Meninas (1656), Diego Velázquez, Óleo sobre tela



O pai em Winnicott

Retomamos aqui contribuições de Winnicott sobre o pai, a fim de sustentar uma leitura crítica que nos permita interrogar sobre a possibilidade de o homem-pai ocupar um lugar de cuidado junto ao bebê, a partir do que o autor compreende acerca da bissexualidade psíquica e do que denominou de elementos femininos e masculinos puros.

Winnicott, psicanalista e pediatra inglês, dedicou grande parte de seus estudos à relação entre mãe e bebê; apesar da ênfase na maternidade, o autor nunca deixou de examinar e abordar o pai e a importância de sua presença na vida de um indivíduo (Rosa, 2022). Para explicitarmos a importância dada por Winnicott ao papel do pai de "carne e osso", passaremos por sua teoria do amadurecimento pessoal no que remete ao papel paterno ao longo desse processo.

Partimos da sua teoria sobre o amadurecimento pessoal, a qual considera a "espinha dorsal" (*backbone*) de seu trabalho teórico e clínico (Dias, 2021). Para Winnicott (1958/2023), todos nós herdamos uma tendência ao amadurecimento físico e emocional que "não se constata na ausência de condições suficientemente boas" (p. 15).

> O desenvolvimento do ser humano é um processo contínuo. Tal como no desenvolvimento do corpo, assim também no da personalidade e no da capacidade de relações. (Winnicott, 1947/1982)

Quando um bebê nasce está em um estado inicial de não integração, completamente dependente dos cuidados maternos. É nesse contexto que a mãe vivencia uma condição psíquica específica, denominada "preocupação materna primária", um estado que se inicia no final da gestação e perdura nas primeiras semanas após o parto. Trata-se de uma regressão narcísica que possibilita à mãe uma intensa identificação com o bebê, permitindo uma "adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê nos primeiros momentos de vida" (Winnicott, 1956/2021, p. 495).

> Nesse estado, as mães se tornam capazes de se colocar na pele da criança, por assim dizer. Em outras palavras, elas desenvolvem uma capacidade incrível de identificação com o bebê, e isso lhes possibilita ir ao encontro das necessidades da criança de um modo que máquina nenhuma seria capaz de imitar (Winnicott, 1964b/2020, p. 34).

Nesse estágio inicial, marcado pela dependência total do bebê ao ambiente, Dias (2007) aponta que mãe e filho formam uma unidade na qual este habita e ela é todo o seu mundo. "Mãe e bebê são uma mesma e só coisa nesse momento, de tal maneira que cabe dizer que o bebê é a

mãe, não havendo entre eles nem mesmo algo a que se poderia denominar de relação" (Dias, 2007, p. 51). Mas, e o pai? Qual o seu papel nesse processo?

Winnicott (1949/1985) destaca que o pai desempenha um papel valioso desde o primeiro momento, sendo essencial para que a mãe se sinta bem. Caberia a ele criar um espaço onde a mãe se sinta à vontade, protegida e livre de preocupações externas. O autor considera especialmente importante a participação paterna nesse período, em que a mãe se volta intensamente para o cuidado com o bebê devido à preocupação materna primária, estado no qual ela se torna extremamente vulnerável, pois se aproxima da vulnerabilidade do bebê. Esse momento é tão sensível que Rosa (2022) utiliza a palavra "desamparo" ao se referir ao estado de preocupação primária da mãe, dado que ela se encontra parcialmente regredida para que possa estabelecer uma comunicação silenciosa[14] com o bebê. Acerca desse desamparo, no livro "Solidão essencial: palestras de Roma sobre Winnicott" (2025), Bollas afirma:

> Se ela teve uma gravidez suficientemente boa e se ela foi aprendendo de maneira gradual o que é ser uma criança, então a chegada do bebê completa a própria regressão infantil da mãe. O nascimento coincide com o surgimento da parte infantil da mãe, e, por duas ou três semanas, há intensa identificação com o bebê (Bollas, 2025, p.14)

No período de dependência absoluta, o pai desempenha dois papéis principais: o de mãe substituta, quando oferece colo e divide com a mãe partes características do momento inicial de dependência, e o de sustentação da mãe, a protegendo de interrupções externas e garantindo que ela possa se dedicar ao bebê. Nesse momento, ele não exerce nenhum papel diretamente com o bebê, mas pode atuar como uma mãe substituta ao oferecer colo e dividir com a mãe tarefas e cuidados pertencentes aos primeiros anos de vida do bebê (Rosa, 2022).

Como destaca Rosa (2022), nesse momento o pai ainda não é reconhecido como tal e todo cuidado que ele dedica à sustentação da dupla mãe-bebê e às necessidades da mãe fazem parte do cuidado materno que o bebê recebe. Como afirma a autora: "a maternagem inclui os pais (*fathers*)" (p. 15)

> Isso inclui os pais, mas estes devem me permitir o uso da palavra "maternal" para descrever a atitude global em relação aos bebês e ao cuidado que lhes é dispensado. O termo "paternal" surge necessariamente um pouco mais tarde do que o termo "maternal". (Winnicott, 1968b/2019, p. 182)

[14] A comunicação silenciosa entre mãe e bebê, segundo Winnicott (1968a/2020), se refere à capacidade da mãe, em estado de preocupação materna primária, de se identificar profundamente com seu bebê a ponto de saber, de maneira não verbal e intuitiva, do que ele precisa antes mesmo que ele possa expressar. Essa comunicação se dá por meio do corpo, do ritmo, do gesto, da presença confiável, sendo uma linguagem anterior às palavras, cujos efeitos se inscrevem no bebê como experiências de segurança e continuidade do ser.

É então, a partir dos cuidados ambientais que o bebê amadurece e pode gradualmente caminhar em direção a uma dependência relativa. Nesse momento, o papel do pai vai ganhando outros contornos, sendo necessário para que, aos poucos, mãe e bebê para além de se diferenciar, também possam posteriormente se separar. O pai atua nesse momento a partir do desejo de ver o filho crescer e de retomar a relação do casal, lembrando à mãe que ela também é uma mulher, ajudando-a a rever aspectos de sua personalidade e do mundo do qual foram inicialmente deixados de lado devido à preocupação materna primária (Rosa, 2022).

> Dessa forma, é de grande ajuda que o pai lembre, por assim dizer, à mãe que ela também é uma mulher, de modo que ela tenha mais um ponto de apoio para recuperar aspectos de sua personalidade e para retomar, aos poucos, a amplitude do mundo que havia sido estreitado pela preocupação materna primária (Rosa, 2022, p. 18)

Winnicott (1945/1985) afirma que, inicialmente, o bebê associa a mãe a algumas qualidades femininas como a ternura e a maciez, que ficarão sempre associadas a ela, mas que a figura materna também possui diversas qualidades duras como "por exemplo, pode ser ríspida, severa e rigorosa" (p. 130). Contudo, essas qualidades não necessariamente fazem parte dos cuidados maternos, ao menos nesse momento, ainda que estejam reunidas na mente da criança. Essas qualidades duras da mãe carregam em si sentimentos que o bebê posteriormente irá alimentar em direção ao pai.

Portanto, após vivenciar a experiência de onipotência[15] ao longo desse período, o bebê passa a desenvolver uma compreensão mental e é importante que a mãe, gradualmente, deixe de atender prontamente às suas demandas, o desiludindo de maneira cuidadosa (Rosa, 2022). Nesse sentido, o bebê começa a distinguir alguns aspectos paternos/masculinos como ordem, firmeza e dureza, mas somente a partir dos conjuntos dos cuidados maternos (Rosa, 2022). Concordamos com Camarotti, Sampaio e Melgaço (2024) quando questionam: não estaria o pai pondo em prática sua função paterna? Por que todos os elementos maternos e paternos viriam da mãe? Não teria o bebê a capacidade de experienciar aspectos da mãe e do pai, mesmo que ainda não reconheça esses objetos, sobretudo o objeto pai? As autoras admitem a possibilidade de o pai ter um papel nessa realidade do bebê para além de sustentar a mãe e atuar como mãe substituta: ele já deixaria a sua marca de modo muito mais precoce do que Winnicott admitiu, uma vez que

[15] A ilusão de onipotência diz respeito à experiência inicial em que o bebê acredita que criou o mundo ao seu redor, sustentado pela mãe-ambiente extremamente adaptada às suas necessidades. É também a base para a futura capacidade de criar e se relacionar com a realidade externa (Dias, 2021)

essas marcas já viriam do período pré-natal, tornadas significantes ao longo da vida, a partir da interação com seus pares primordiais.

Retomando Winnicott, o autor defende que é a partir dessa gradual desadaptação do bebê que se dá o início da diferenciação da figura materna, de modo que o filho passa a ter condições maturacionais de discriminar essas várias características "duras" da mãe e, posteriormente, atribuí-las ao pai. Winnicott (1945/1985) considera que essas características paternas, que antes não podiam ser diferenciadas devido à imaturidade do bebê, agora passam a ser percebidas, anunciando para ele o contato com partes do mundo externo, das quais o pai (enquanto objeto) ainda não faz parte (Rosa, 2022).

> Assim, quando o pai entra na vida da criança, como pai, ele assume sentimentos que ela já alimentava em relação a certas propriedades da mãe e para esta constitui um grande alívio verificar que o pai se comporta da maneira esperada (Winnicott, 1945/1985, p. 129)

Rosa (2022) afirma que o papel do pai é criado na vida do bebê na medida em que este se separa da figura materna e passa a reunir "determinadas qualidades, talvez ligeiramente diferenciadas, que lhe vinham da mãe" (p. 27). Portanto, compreendemos que para Winnicott a figura paterna, além de não ser percebida como tal na relação precoce com o bebê, não surge de um lugar próprio e sim a partir da figura materna. Como afirma Rosa (2022)

> O pai real, que é presente na vida do bebê, vai se tornando, paulatinamente, uma duplicação da figura materna; e é com relação a essa duplicação do papel materno que o paterno começa a se esboçar (p. 25)

Belo et al. (2015) consideram que Winnicott reduz o papel paterno a um mimetismo do materno, excluindo a possibilidade de que o homem-pai possa ser também uma figura de cuidado, quase como se um pai real não pudesse ser afetuoso e cuidadoso nos cuidados em que dedica ao seu filho. Trata-se, portanto, de uma redução: "ao nomear esses cuidados amorosos de maternos ou femininos, corremos o risco de falsear o gesto espontâneo do pai que cria e encontra seu bebê" (p. 159).

Até aqui, conforme aponta Rosa (2022), o esboço do que é paterno nada tem a ver com o papel posterior que o pai terá quando a criança se tornar um eu integrado. Na dependência absoluta, o papel do pai é o de sustentador da díade mãe/bebê. Somente no final da dependência relativa, rumo à independência, o pai será percebido como não-eu, um diferente da mãe e do bebê; poderá fazer uso da presença do pai como uma pessoa total, utilizando-o como um

diagrama para sua própria integração e separação do estado fusional com a mãe. Ou seja, ao invés de separador e interventor, o pai surgirá não como pai, mas uma mãe substituta ou replicador das qualidades maternas e logo após também como um modelo de integração para o bebê. Atua, portanto, inicialmente, como um diferenciador para então ser um separador (Rosa, 2022).

Apenas no estágio do concernimento[16], momento em que o bebê se tornará uma pessoa inteira, capaz de se relacionar com outras pessoas inteiras, é que o pai entra na vida do filho como tal: "é provável que o pai passe a ser levado em conta pela criança a partir da segunda metade do concernimento, quando a criança tem, aproximadamente, dois anos e meio" (Rosa, 2022, p. 24).

A primeira parte da elaboração desse estágio acontece ainda na relação dual (mãe-bebê), mas durante essa mesma fase, há um momento em que o pai surge como um aspecto isolado e independente da mãe, pela primeira vez na história da criança. É nesse estágio em que a criança se torna apta para a integração de sua instintualidade, reconhecendo a potência dos seus impulsos amorosos primitivos, bem como a destrutividade deles. A elaboração desse momento do amadurecimento é longa e acontece nas repetidas experiências da criança em atacar e reparar, de modo que a presença do pai se torna importante para proteger a mãe da impulsividade infantil e trazer firmeza à companheira. É aqui que o esboço paterno, que surge a partir das qualidades duras contidas na figura da mãe, serão de fato reunidas no pai, possibilitando a criança a ser mais ousada na medida em que experimenta sua instintualidade (Rosa, 2022).

O início da elaboração do concernimento se dá quando a criança tem em torno de dois anos e meio (Rosa, 2022). A conquista do estágio jamais se dá antes dos cincos anos, portanto, não teremos como aprofundar no papel do pai nessa época do amadurecimento pessoal, visto que o nosso objetivo é explorar os aspectos psíquicos que se referem a experiência da paternidade na perinatalidade.

Até aqui, situamos o homem-pai na teoria winnicottiana, inicialmente como mãe substituta e sustentador da díade mãe-bebê, reconhecido pelo bebê como pai e um terceiro apenas em momento posterior. Portanto, se torna importante indagar que recursos psíquicos lhe permitem ocupar esse lugar de cuidador à mãe e indiretamente ao bebê desde os primórdios da vida deste. Nesse sentido, a compreensão winnicottiana quanto aos elementos femininos e

[16] O estágio do concernimento marca o momento em que o bebê, já integrado como um eu unitário, começa a se sentir responsável pelos efeitos de sua impulsividade instintual sobre o outro, especialmente sobre a mãe. Surge, então, a capacidade de preocupação, culpa e desejo de reparação, que são fundamentais para a constituição de uma moralidade pessoal e para o amadurecimento emocional. Esse processo depende da sobrevivência da mãe como objeto de amor e destruição, capaz de suportar e acolher os gestos reparadores da criança (Dias, 2021)

masculinos puros nos parece um caminho importante para pensar o cuidado paterno para além da lógica da substituição materna, considerando que ele nos oferece uma via para pensar na travessia psíquica do homem em direção à paternidade.

Winnicott (1966b/2005) afirma que homens e mulheres são marcados por uma bissexualidade psíquica: existe um elemento masculino e um elemento feminino "tanto em meninos e homens, como em meninas e mulheres" (p. 139). Serralha (2017), ao abordar o mesmo tema, aponta que para uma mãe ou mãe substituta ocupar o lugar de cuidados suficientemente bons com o bebê, precisa ter o elemento feminino puro integrado o suficiente para "ser e deixar que o bebê seja" (p. 6).

É importante mencionar que, para Winnicott (1966b/2005), tanto os elementos femininos quanto os masculinos não dizem respeito ao sexo biológico. É possível encontrar elementos femininos em homens-meninos, talvez até mais do que em algumas mulheres-meninas. O autor não considerava haver pulsão instintual nas relações de elemento feminino puro, apenas sentido de SER. Ele escreveu:

> No crescimento do bebê humano, à medida que o ego começa a organizar-se, isto que estou chamando de relacionamento objetal do elemento feminino puro estabelece o que é talvez a mais simples de todas as experiências, a experiência de ser. (p. 140)

Serralha (2017) reitera Winnicott apontando que, ao definir o elemento feminino puro como a capacidade de identificação, que permite a alguém (seja homem ou mulher) "ser e deixar ser" (p. 6), contrasta com o elemento masculino puro, diferenciado inicialmente pelo momento em que surge no desenvolvimento. O elemento feminino precisa estar presente desde o início, ao passo que o masculino exige um certo amadurecimento, ligado à conquista de um estado integrado do Eu, tanto em meninos quanto em meninas.

Desse modo, sustentado pela capacidade de SER, o elemento feminino possibilita, por exemplo, a elaboração imaginativa das funções corporais a partir do apoio oferecido pela pessoa que exerce o papel materno. Logo, sendo seguido pelo FAZER, que é viabilizado pelo elemento masculino, próprio a quem exerce o papel paterno (Serralha, 2017). A autora também reafirma, contudo, a importância de não resumir esses elementos a um binarismo sexo-gênero, pois, como o próprio Winnicott (1966b/2005) sustenta, eles estão presentes em meninos e meninas, o que

para Serralha (2017) possibilita considerar que o exercício dos papéis parentais materno e paterno independe de quem os exerce, seja do sexo feminino ou masculino.[17]

Talvez possamos, a partir dessas considerações, nos questionar sobre se o pai não colocaria em ação seus elementos femininos puros no cuidado do bebê, uma vez que Winnicott admite que o pai pode ocupar a função materna. Retornamos mais uma vez, o questionamento de Camarotti, Sampaio e Melgaço (2024): não estaria o pai pondo em prática sua função paterna? As autoras, ancoradas em Lebovici[18], partem do pressuposto de que o bebê distingue desde cedo os cuidados paternos dos cuidados/interações maternos, levando em consideração as diferenças sensoriais que experimenta de um e do outro, como cheiro, tonalidade da voz, textura e movimentos. O bebê busca interações diferentes ao estar com o pai ou com a mãe, o que dá origem a sincronismos próprios a cada díade. Com base nisso, defendem que, por ter seu jeito singular e característico de interagir com o bebê, o pai desempenha suas funções não maternando, mas paternando, a partir de um *holding*[19] e *handling* distintos daqueles da mãe.

Experiência da paternidade

Se, a partir de Winnicott, interrogamos sobre os recursos psíquicos que possibilitam ao homem ocupar o lugar de cuidado junto à mulher e ao filho, torna-se igualmente necessário observar de que modo esse cuidado se encarna na prática cotidiana. Nesse sentido, buscamos, com base nas contribuições de Rocha (2008a), pensar a paternidade como uma construção que pode se aproximar da noção de experiência, que ultrapassa o simples acúmulo de vivências, marcando um processo de elaboração dessas.

Rocha (2008a) considera a experiência uma forma de saber que decorre da aprendizagem da vida - um processo contínuo e inacabado de aprendizagem, no qual viver e aprender não se separam: vive-se aprendendo, assim como se aprende vivendo. Para aprofundar sua compreensão desse aspecto da experiência, Rocha (2008a) retoma a etimologia da palavra e afirma que encontramos no Português "ex(peri)ência" o radical latino *peri*, correspondente ao grego *peira*,

---

[17] Serralha (2017) afirma que, talvez em razão da época em que estava inserido, Winnicott tenha nomeado o conceito como "elemento feminino puro" e "elemento masculino puro". Contudo, a autora propõe as denominações "elemento identidade puro" e "elemento instintualidade puro", por considerá-las mais fiéis ao que o autor efetivamente teorizou.

[18] Lebovici (1987) apresentou pesquisas sobre a interação pai-bebê, dentre elas algumas de Brazelton, a partir das quais é possível admitir especificidades da relação pai-filho que a diferenciam da mãe, ao ponto de afirmar que "pai e mãe possam ser vividos pelo bebê como diferentes, desde as primeiras interações" (p. 172).

[19] Para Winnicott, *holding* significa segurar o bebê, não apenas fisicamente mas também psiquicamente (1960/2022). Para o autor, o ambiente facilitador pode ser descrito em termos de holding (segurar), que é composto pelo *handling* (manuseio) do bebê.

ambos associados às ideias de “obstáculo” e “dificuldade”. Esse campo semântico se desdobra também na palavra latina *periculum*, ligada ao “perigo”, e no verbo *aperire*, relacionado ao abrir. Em tal perspectiva, a experiência não designa simplesmente aquilo que se passa, mas aquilo que se atravessa, isto é, em sua etimologia a palavra *experiência* significa “vencer dificuldades, superar obstáculos, abrir novas perspectivas" (p. 102). A experiência implicaria, assim, um trabalho de travessia por meio do qual o sujeito se transforma, se enriquece e se fortalece no encontro com aquilo que a vida lhe impõe como exigência ou sofrimento (Rocha, 2008a).

Ainda enquanto forma de saber, a noção de experiência, para Rocha (2008a), quando pensada a partir do termo alemão *Erfahrung* ganha um sentido importante para o que consideramos aqui acerca da experiência. Em sua raiz, encontra-se o verbo *fahren*, que remete a “viajar, percorrer caminhos, desbravar estradas, descobrir horizontes” (p. 103). Portanto, para o autor, a experiência é mais do que vivenciar, já que, no ato de vivenciar, os momentos passam sem que nos demos conta deles, sem serem de fato experienciados.

Ao diferenciar vivência e experiência, Rocha (2008a) afirma que não pretende dizer que todas as vivências sejam efêmeras e fugazes. Existem vivências muito profundas e enriquecedoras, assim como traumatizantes. Sendo assim, não seria a intensidade delas o que as diferencia da experiência. Mas, então, o que as diferencia e o que gostaríamos de assumir aqui como parte da experiência da paternidade? Nesse caso, a experiência parece supor uma estruturação interior pela qual aquilo que foi vivido deixa de ser apenas um acontecimento e passa a integrar a subjetividade. As experiências, assim compreendidas, marcam, organizam e em alguma medida, nos constituem. Pode-se dizer, portanto, que somos também o resultado das experiências que atravessamos, na medida em que elas traçam a história singular de nossas vidas (Rocha, 2008a).

Tal formulação é fundamental para pensar aquilo que nomeamos, neste trabalho, como experiência da paternidade. Retomamos que, a partir de Winnicott e Raphael-Leff, interrogamos os recursos psíquicos que tornam possível ao homem ocupar um lugar de cuidado junto à mulher e ao filho. Com Rocha (2008b), ampliamos essa questão ao considerar que tal posição se constitui também pelo modo como o vivido passa a integrar a subjetividade daquele que cuida.

Contudo, é importante destacar que a experiência da paternidade que assumimos não se reduz ao conjunto de cuidados oferecidos ao filho. O cuidado, tomado isoladamente, pode permanecer no plano da vivência, como uma sucessão de tarefas, ou como aquilo que Winnicott

(1949/1985) considerou um cuidado impessoal e mecânico.[20]Para que se constitua como experiência, é preciso que o gesto cotidiano do cuidado faça parte da forma pela qual o homem vive e constitui sua travessia à paternidade, não pelo simples fato de cuidar, mas pelo modo como passa a integrar sua subjetividade.

Qual é, então, a dobra que nos permite pensar a experiência da paternidade para além do conjunto de cuidados cotidianos? Rocha (2008b) afirma que as experiências se situam em três registros distintos, embora complementares: a experiência objetiva, subjetiva ou intersubjetiva - dos quais desenvolve nessa passagem, sobretudo a experiência objetiva e a intersubjetiva. Para o autor, a experiência é objetiva quando nos coloca em relação com as coisas que compõem o mundo que nos circunda e torna-se intersubjetiva quando nos abre a possibilidade para a comunhão com os outros.

Para pensar o registro subjetivo, nos aproximamos do que o autor desenvolve, em outro momento, ao afirmar que a experiência, como forma de saber, estrutura-se a partir de dois polos: o polo objetivo, articulado ao objeto da experiência, e o polo subjetivo, no qual se destaca aquilo que o sujeito diz a respeito do que viveu no encontro com os objetos. Aqui, para além da relação objetiva com os objetos, nos interessa especialmente o polo subjetivo da experiência e de que forma Zambra narra a descoberta com esses objetos - aqui, a relação com o filho e como ele se vê convocado a uma reorganização psíquica a partir desse encontro que marca e transforma sua subjetividade.

Essa reorganização, no entanto, não se dá sem custos. Retomando o significado etimológico da palavra experiência, Rocha (2008a) afirma que ela quer dizer: “vencer dificuldades e superar obstáculos" (p. 163), sendo ainda “uma forma de saber que só no sofrimento se obtém” (p. 163). Tomamos esse sofrimento como o trabalho psíquico convocado pela travessia em direção à paternidade.

Seria por meio desse trabalho psíquico, que compõe a travessia à paternidade - tomada como obstáculo, dificuldade e ao mesmo tempo, uma abertura para novas perspectivas - que podemos compreender a proposta de Rocha (2008b) acerca do uso da linguagem na experiência.

---

[20] Winnicott sustenta que a “aplicação” técnica dos cuidados - alimentar o bebê na hora certa, manter a temperatura correta da água do banho, vestir roupas macias - não é, por si só, o que torna esse cuidado humano. O que o bebê não pode dispensar é o prazer do cuidador, presente no próprio gesto. Ele afirma: “o prazer da mãe tem de estar presente nesses atos ou então tudo o que fizer é monótono, inútil e mecânico” (Winnicott, 1949/1985 p. 14). Lembramos que Winnicott fala sobre a mãe enquanto cuidadora primordial, mas aqui pensamos também no pai ou outros possíveis cuidadores que possam ofertar um cuidado pessoal e humano ao bebê.

Para o autor, no próprio ato que faz uma experiência que o sujeito se exterioriza no objeto, ao mesmo tempo que interioriza o objeto em sua singularidade e procura, por meio da linguagem "revelar o segredo que se esconde nos objetos" (p. 166). Ou seja, experienciar não é apenas receber algo do encontro com o objeto, mas é também investir e deixar-se marcar por ele e, posteriormente, tentar traduzir em palavras o que esse encontro revelou.

É justamente nesse movimento posterior, o da linguagem, que Rocha (2008b) descreve uma ambiguidade importante. Já que, nessa tentativa de revelar o segredo que se esconde nos objetos, nem sempre o sujeito encontra palavras adequadas para traduzir a riqueza daquilo que viveu. Ao retomar Nietzsche, o autor lembra que nossas experiências mais profundas são experiências mudas, pois não podem ser inteiramente traduzidas pela linguagem instrumental de que nos servimos cotidianamente.

Nesse sentido, consideramos importante nos aprofundarmos nos cuidados que Zambra dedica ao filho ao longo de *Literatura infantil* (2024), observando como esses gestos cotidianos, corporais e afetivos não interessam apenas como cenas de cuidado ou brincadeira, mas como pistas de uma experiência da paternidade em construção. O que os diferencia de uma mera sucessão de vivências é o modo como parecem convocar o homem-pai em sua travessia psíquica em direção à paternidade, e posteriormente, a uma elaboração pela linguagem e pela escrita.

A partir dessa compreensão, podemos nos aproximar da narrativa de Zambra em Literatura infantil (2024), que, desde o início da obra, descreve as brincadeiras e o cuidado dedicado ao filho Silvestre no seu dia-a-dia. No capítulo chamado "Multidão", o autor relata que são cinco e quinze da manhã quando Silvestre acorda e acende sua luminária; o pai o pega no colo e lhe diz que "a noite é para dormir e o dia, para brincar" (p. 66). Algumas semanas antes, quando o filho despertava antes do amanhecer, eles se aproximavam da janela e brincavam de contar carros de diferentes cores, os carros e pessoas na rua iam, pouco a pouco aumentando conforme a manhã chegava. No momento do relato, porém, as ruas estavam vazias, não havia mais pessoas na calçada e apenas eventualmente passava algum carro[21].

> Pressinto que meu filho vai me perguntar de novo, como tem feito diariamente nos últimos tempos, onde está todo mundo, e até me preparo para fornecer alguma resposta, mas ele não pergunta nada, na verdade cochila e suspira em meu peito. (Zambra, 2024, p. 66).

[21] É importante ressaltar que uma parte dos escritos de Zambra foi produzida na época da pandemia da Covid-19, de modo que ele acaba também por narrar o dia a dia e os cuidados com o filho em um *lockdown* e como isso em alguns momentos se tornou angustiante para ele.

Ainda que o cenário seja marcado por um mal-estar coletivo, a relação com Silvestre parece introduzir algo singular da experiência afetiva da dupla. Em outro momento da obra, Zambra se aproxima dessa questão ao narrar a ligação de um amigo que telefona para falar de suas maratonas na televisão, de crises de tristeza e da volta ao alcoolismo. Ele transcreveu um trecho da conversa:

> — Não sei como vocês fazem — ele me disse de repente, mudando de tom ou de ritmo. — Como assim? — Com um filho. "Como é que você faz sem um filho", estive prestes a responder, mas não quis frustrar sua expectativa: alegrava-me saber que, apesar de tudo, meu amigo sentia ou imaginava que ele estava melhor que nós (p. 90).

Ao citar uma frase de Ivan Turguêniev[22] - "as crianças servem para que seus pais não fiquem entediados" (p. 87) - o autor considera que embora a vida com filhos possa parecer um sacrifício cotidiano incessante, ele muitas vezes conseguiu aplacar momentaneamente a angústia, a raiva e a melancolia brincando com o filho, como se a existência de Silvestre funcionasse "não apenas como um passatempo, mas também como um antidepressivo ou um ansiolítico" (p. 87). Zambra escreve que, até então, não havia pensado em como teriam sido aqueles meses da pandemia se os tivesse passado sozinho. A imagem de um "mundo paralelo" sem o filho evidencia que a paternidade, ainda que exigente, constitui uma nova forma de estar no mundo, agora enquanto pai.

Ainda no que se refere às experiências cotidianas da díade pai-filho, uma das mais marcantes que o autor relata é o ritual de leitura. No quinto capítulo do livro, intitulado "Francês para principiantes", ele descreve uma das inúmeras vezes em que o filho lhe pede que leia o livro da toupeira[23] (um dos livros mais lidos por Silvestre). Um detalhe importante é que o livro está em francês, e não em espanhol. No movimento de tradução, o filho, que mesmo sem saber ler já conhece perfeitamente toda a história, devido às inúmeras vezes em que a mãe a leu para ele. Silvestre corrige o pai e lhe dá a possibilidade de se corrigir, aperfeiçoando a leitura e a tradução. O pai, mesmo já sem vontade de ler o livro mais uma vez, continuou. Ao final, Silvestre agradeceu, e sobre isso, Zambra relata: "Obrigado por ter lido esse livro em francês, mesmo não sabendo francês. Obrigado por tentar superar suas limitações intelectuais para me entreter. Talvez

---

[22] Ivan Sergeiévitch Turguêniev foi um romancista, poeta, escritor. Nesse trecho, Zambra se refere a obra do autor "Diário de um homem supérfluo", publicada originalmente em 1850 e no Brasil em 2018 pela Editora 34.

[23] O livro da toupeira se refere ao livro do autor Werner Holzwarth. Em português o título é: Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela (1994).

seja algo assim que você queira dizer" (p. 59). O livro da toupeira se torna o primeiro livro que Zambra lê em francês e considera simbólico que tenha sido com e para o filho.

Traduzir uma língua que não domina se tornaria, de certo modo, metáfora de uma outra língua que ainda está por se constituir? Vejamos que em outro momento da obra Zambra utiliza o termo "língua paterna" ao se referir ao espanhol chileno. O autor é chileno, enquanto sua companheira e seu filho são mexicanos. Em uma cena cotidiana narrada por ele, Silvestre chama o papel higiênico de "papel de baño", e o pai observa que o filho escolhe "a palavra chilena", isto é, a língua paterna.

> Meu filho continuou chamando o papel higiênico de papel de baño, porque ele fala mexicano — é mexicaníssimo, na verdade —, mas penso que naquela manhã preferiu usar a palavra chilena (sua língua paterna) pois talvez tivesse a intenção estratégica de me cativar ou distrair ou desestabilizar. (Zambra, 2024, p. 89)

Consideramos essa expressão trazida pelo autor não apenas como uma forma de distinguir os idiomas falados entre pai, filho e companheira, mas também uma alusão aos aspectos psíquicos e à língua própria pela qual a paternidade se inscreve.

Retomo algo que Zambra escreve acerca da responsabilidade de narrar o mundo que a criança um dia esquecerá, tornando os pais correspondentes dos filhos. Sendo a língua paterna um idioma em construção no processo de tornar-se pai, consideramos o gesto de traduzir um livro em uma língua estrangeira, que não se domina, uma forma simbólica dessa narração e dessa correspondência. Essa língua não carrega apenas uma herança cultural - no caso de Zambra, o espanhol chileno em constraste com o espanhol mexicano do filho - mas também uma posição subjetiva: a do homem-pai que narra a partir de sua experiencia da paternidade. Sendo assim, narrar ao filho implica falar numa língua que ainda está sendo inventada e que se constrói no próprio paternar.

Ainda no que diz respeito aos cuidados cotidianos com o filho, Zambra escreve que a primeira coisa que os dois fazem juntos ao acordar é ouvir música e dançar. Desde a chegada de Silvestre, o homem-pai que antes se considerava um "pássaro noturno" (p. 58), agora madruga junto ao filho e assistem coisas juntos toda manhã. Silvestre nem sempre gostou do fato do pai ser seu companheiro da manhã, chorava um pouco antes de aceitar.

> Imagino que a sala era como um bar ao qual você ia para chorar suas penas de amor lactante e eu era o barman que sabia fazer à perfeição o suco de laranja do jeito que você gostava, ou o freguês insípido que está sempre lá, disposto a te ouvir, a rir de suas piadas e a pagar sua conta. (Zambra, 2024, p. 59)

Além da leitura e da música, o autor relata brincadeiras e cuidados com Silvestre que acordava em seu peito, compartilhando juntos a espreguiçadeira e imaginando e inventando coisas juntos.

> Me lembro com certa nostalgia prematura do tempo em que meu filho e eu passávamos horas imitando sons de animais — quando nosso repertório acabava inventávamos também a risada dos cachorros, ou o choro dos cavalos, e a brincadeira continuava até que nos perdíamos alegremente no absurdo: como bocejam as aves, como gaguejam os crocodilos, como espirram os gambás. De todas as especialidades de cuidados paternos — guia de escadas, auxiliar de vestuário, conciliador de meias, coletor de brinquedos largados no chão, cheerleader de almoços, salva-vidas de piscina individual etc. —, a que desempenhei com maior alegria e, acredito, com maior destreza foi a de inventor e intérprete de vozes de todo tipo de objetos, alguns bastante comuns — uma linda girafa "transicional" ou uns fantoches de dedo que falavam espanhol com diferentes sotaques — e outros muito mais difíceis de humanizar, como a cafeteira, as janelas, o case do violão, o onipresente termômetro e até alguns artefatos que considero, de cara, antipáticos, como a balança — como a odeio — ou a panela de pressão. (Zambra, 2024, p. 91)

É nesse conjunto de gestos que a experiência da paternidade vai se delineando na narrativa do autor. Quanto ao que vivi enquanto leitora-pesquisadora diante dos cuidados que o autor narra em alguns dos capítulos mencionados até aqui, trago um recorte do meu diário de pesquisa:

✵

Idioma

[Recorte do diário de pesquisa]

"Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma."
Manoel de Barros

No capítulo "Francês para principiantes", Zambra narra os cuidados cotidianos que dedica ao filho; logo lembrei desse trecho de Manoel de Barros que trago no início deste escrito. Há algo na paternidade que ainda não tem idioma, que parece convocar a invenção de um próprio. A língua paterna não parece preexistir a Zambra antes do processo de se tornar pai, ela vai surgindo pouco a pouco nas madrugadas, nas traduções improvisadas, nas manhãs com música e danças na sala, das vozes que ele e Silvestre inventam para objetos improváveis. Penso então que essa língua se escreve a partir de muitos lugares ao mesmo tempo: da travessia

psíquica do homem-pai, do cuidado concreto com o filho, mas também do lugar que ele próprio ocupa enquanto filho.

Diante da intensidade e da dedicação exigidas pelos cuidados com um recém-nascido e, posteriormente, com um bebê pequeno, *Literatura infantil* (2024) nasce a partir de notas que Zambra escreve no celular, objeto que, na contemporaneidade, permanece quase sempre ao alcance das mãos e permite registrar rapidamente aquilo que se vive. Se, como propõe Rocha (2008b), nossas experiências mais profundas são, inicialmente, experiências mudas, não estaria Zambra elaborando sua travessia psíquica em direção à paternidade e construindo uma língua paterna também por meio da escrita?

A língua paterna não surge como algo previamente dado ao tornar-se pai, mas se constitui a partir de uma travessia, que se dá gradualmente no encontro com o filho, no corpo a corpo, nos cuidados cotidianos, nas brincadeiras e no gesto da escrita. É nesse sentido que, a partir das formulações de Rocha (2008a), nomeamos esse processo como experiência da paternidade.

Essa experiência também é atravessada pelo lugar que o filho ocupa no psiquismo parental e pelas representações fantasmáticas e imaginárias que sua chegada mobiliza, questões que discutimos ao longo deste capítulo a partir das contribuições de Lebovici, Zornig e Golse. Em Zambra, essas dimensões nos parecem entrelaçadas à experiência concreta da díade pai-filho, na qual a história do pai também é convocada pelo encontro com o filho.

Se, como propõe Golse (2019), a relação entre cuidador e bebê inaugura um duplo espaço de narrativa, no qual cada um transmite ao outro algo de sua história arcaica, compreendemos que, em *Literatura infantil* (2024), a escrita funciona como um terceiro espaço dessa transmissão. O filho não é apenas aquele que recebe uma história, ele também a convoca no pai, que, ao escrever cartas ao filho e, ao mesmo tempo, narrar-se como pai, escreve sobre sua própria travessia psíquica em direção à paternidade na relação com ele.

CAPÍTULO II

"A INFÂNCIA DA INFÂNCIA" - O PAI COMO FILHO

> O que os bebês nos ensinaram: [...] Que jamais morre em nós o bebê que fomos.
>
> Bernard Golse

Este capítulo-eixo - "o pai como filho" - teve como objetivo compreender o processo de construção psíquica e a experiência da paternidade, na perinatalidade[24], a partir da travessia para a paternidade narrada por Zambra. Aqui também será explorado como o narrador se relaciona com suas figuras parentais na travessia à paternidade.

Inicialmente, procuraremos explorar a constelação da maternidade proposta por Stern. Num segundo momento, buscaremos conceituar o que compreendemos por aspectos que abrangem a construção psíquica da paternidade, em diálogo com a obra *Literatura infantil: cartas ao filho* (Zambra, 2024).

Optei por iniciar este eixo com um recorte do meu diário de pesquisa porque parto de uma concepção de leitura que se dá pela via do acontecimento, como propõe Branco (2019). Trata-se de uma leitura que atravessa o corpo e deixa marcas, não pertencendo à ordem da compreensão, mas se sustentando enquanto uma "estranha forma de hospitalidade" (p. 30). O diário emerge assim, como registro da minha afetação inicial com o texto.

✳

Terremoto

(Recorte do diário de pesquisa)

Começo esta escrita a partir de uma imagem que permanece em mim com o início do livro, a partir das palavras de Zambra: "caminho pelo hospital como quem busca as rachaduras decorrentes do último terremoto." O homem-pai atravessa corredores do hospital logo após o

[24] De acordo com Missonnier et al (2021), a perinatalidade é um período que engloba a gestação até os 18 meses de vida do bebê.

nascimento do filho, o que o move não é apenas a presença recente do bebê, mas a sensação de que algo aconteceu e deixou marcas. A experiência do nascimento deixa marcas, imagino fissuras, desníveis, algo que já não está no mesmo lugar: o homem-pai. A palavra terremoto insiste em mim; será um modo de nomear um acontecimento que vem de um epicentro e se espalha por todo um território? Algo que desloca, que reordena, que exige novas formas de ser no mundo? Depois de um terremoto, o solo ainda está lá, mas não é mais o mesmo. É necessário caminhar com cuidado, atento às rachaduras, ao que pode ceder e aos novos posicionamentos.

Pesquiso o que significa a palavra terremoto e me deparo com essas descrições: "movimento repentino do interior da Terra que se propaga por meio de vibrações, capaz de produzir deslocamentos e fendas de terrenos, deformações no solo e ondas gigantescas; sismo." e "terremoto: da expressão latina terrae motus*, "movimento da terra", de terra mais* motus*, particípio passado de* movere*, "mover, deslocar, passar de um lado para outro".*

Winnicott (1966a/2020) descreve a ideia do bebê como um pequeno acidente. Mesmo em situações em que existe o desejo da maternidade e/ou da paternidade, os pais podem se pegar surpresos e até incomodados com a enorme ruptura que um filho passa a representar na vida deles. Consideramos importante destacar as palavras que o autor escolheu para se referir à chegada de um filho: ruptura, desastre. Para ele, trata-se de um desastre que, nas circunstâncias favoráveis, se torna exatamente o tipo de desastre que os pais precisavam.

Zambra se considera um pai tardio, já que se tornou pai aos quarenta e dois anos, em contraste com o próprio pai, que o teve aos vinte e quatro, ao se imaginar pai nessa idade mais jovem, o autor nomeia essa possibilidade como um desastre. O que nos parece mudar de uma época para outra é a possibilidade e o desejo de atravessar a ruptura que um filho representa no psiquismo do homem-pai, já que Zambra narra que, aos quarenta e dois anos, o tornar-se pai tem sido para ele uma verdadeira festa, mas que mesmo em grandes festas "existem momentos em que a euforia se mistura ao desconcerto ou à ingrata notícia de que amanhã, queiramos ou não, será preciso acordar cedo e lavar a louça" (p. 18).

Encontramos uma perspectiva acerca da ambivalência presente em uma catástrofe no poema *Sísmico* da poetisa brasileira Adélia Prado:

> Chego a amar as catástrofes por causa da redenção que elas carregam. Nas grandes águas e nos grandes incêndios os homens se dão as mãos. Por isso, com o melhor amor espero o grande dia em que as estrelas cairão e nos tocaremos alma a alma, o grande

> ultrassônico abalo. Pensar nisso me faz tal vertigem, beira a morte ver assim o humano. Procuro em quem me agarrar (Prado, 2025)

A partir do poema de Prado (2025), penso em duas faces da mesma catástrofe: de um lado, a vertigem, a sensação de perda de chão. De outro, a possibilidade de redenção, de encontro, de mãos que se dão. Nos perguntamos: seria o tornar-se pai uma catástrofe que demanda uma reorganização psíquica do homem mas que, ao mesmo tempo, possibilita novas formas de continuidade?

Nesse contexto, Zambra afirma que ao ter um filho você volta a ser filho, inaugurando um movimento de retorno aos próprios cuidados anteriormente dedicados a ele e que agora podem ser oferecidos ao próprio filho. No entanto, retornar à memória dos cuidados recebidos é também fazer um retorno à relação com os próprios pais e sua infância. É a partir dessa consideração que ele escreve:

> Nós nos comparamos a nossos pais, embora — sabemos — já não possamos ser iguais a eles nem essencialmente diferentes deles. E, como os matamos aos vinte anos, não podemos matá-los de novo; por isso mesmo às vezes acabamos por ressuscitá-los. (p. 16)

Para Golse (2019), os bebês reativam nossas posições infantis, especialmente nossas angústias primárias. Consideramos significativo o trecho de *Literatura infantil* (2024), citado anteriormente, já que durante a narrativa do livro Zambra não só retorna ao lugar de filho, mas também revisita os pais que teve ao escrever sobre eles.

Partindo dessa perspectiva, Bydlowski (2019) propõe que o nascimento de um filho é um cenário de intenso tumulto emocional, trazendo consigo uma convocação ao arcaico, um abalo de identidade, assim como de questões genealógicas e transgeracionais. Esse momento de grande intensidade é uma oportunidade de contato com as imagens e objetos internos, o que leva à redefinição do lugar de cada membro do grupo familiar. É um evento importante na vida de um homem que, diferente da mulher, que vivencia as transformações da gravidez direto no corpo, no relacionamento contínuo com o feto, existe um intervalo entre a concepção e o nascimento do bebê. Sendo assim, tornar-se pai é um processo de pensamento simbólico que tem como objetivo "convencer a si mesmo da validade do relacionamento entre pai e filho" (Bydlowski, 2019, p. 54).

Se, a partir das considerações de Bydlowski (2019), compreendemos que o nascimento de um filho convoca tal deslocamento, de que modo essa transformação se organiza no psiquismo?

É nesse contexto que Stern (1997) propõe o conceito de constelação da maternidade e, ao descrever a reorganização psíquica vivenciada nela, que se torna o eixo organizador temporário da vida psíquica da mulher-mãe, ele nos possibilita pensar o nascimento enquanto um acontecimento que também reordena investimentos e posições paternos.

A constelação da maternidade

No que se refere à constelação da maternidade proposta por Stern (1997), após o nascimento de um bebê a mulher passa por uma reorganização psíquica que ele nomeou de "constelação da maternidade". Essa constelação passará então a ser a organização que irá reger as ações, sensibilidade, fantasias e medos da mãe, algo que pode durar meses ou até anos. Nesse período, a constelação se torna o eixo organizador prevalecente na vida psíquica da mulher, colocando de lado outros tipos de organizações e complexos que regiam o psiquismo até então, incluindo o complexo edípico.

> Em certo sentido, a mãe deixa o complexo edípico (ou o que quer que seja concebido como o eixo organizador nuclear) e entra na constelação da maternidade por um período importante, mas temporário (Stern, 1997, p. 161)

Stern (1997) destaca que a constelação não se resume a uma variante que parte de outros constructos psíquicos já existentes na vida psíquica da mulher, mas é uma reorganização única e de grande magnitude para a maioria das mães. Observe-se que o autor indicou "a maioria" das mães, abrindo à possibilidade de que a constelação não obrigatoriamente abrange todas as mulheres. Sobre isso, salienta que esse fenômeno não é universal e nem inato, nem todas as mulheres desenvolverão a constelação da maternidade "totalmente desabrochada ou mesmo reconhecível" (p. 164). Assinala também que se refere a um fenômeno observado em sociedades ocidentais e pós-industriais, assim como é percebido majoritariamente em mães inseridas nesse contexto.

Sobre os homens, Stern (1997) indica que eles até poderiam elaborar uma constelação da maternidade a partir de condições que considera propícias, mas ressalta que isso raramente acontece. As condições que o autor considera propícias dizem respeito às influências psicobiológicas, bem como às condições culturais e sociais para desenvolver a constelação.

A constelação da maternidade parte de três discursos distintos que se correlacionam. São eles: o discurso da mãe com sua própria mãe, mais especificamente com a figura da mãe que ela teve enquanto criança. A mãe consigo mesma, mais especificamente com ela mesma enquanto

mãe, e por fim, o seu discurso com o bebê. Esses três discursos estão englobados na "trilogia da maternidade", exigindo reelaboração e trabalho psíquico da mulher (Stern, 1997).

Assim, para Stern (1997), após o nascimento do bebê a mãe passa por uma profunda reorganização e suas questões se focam mais sobre a sua mãe e menos sobre seu pai. Mais especificamente, a sua mãe enquanto mãe, e menos esta como esposa ou mulher. Seus interesses também passam a ser mais sobre as mulheres no geral e menos sobre os homens. No que se refere ao marido, este passa a ser percebido mais como pai e um ambiente para ela e o bebê, e menos como homem e parceiro sexual.

Portanto, para além da profunda reorganização psíquica mencionada até aqui, a constelação da maternidade também é composta por temas que o autor separou em grupos, referentes às concepções, medos, desejos e memórias que intervirão nos sentimentos e ações, assim como aspectos da vida psíquica da mãe. São esses: vida-crescimento, relacionar-se primário, matriz de apoio e reorganização da identidade (Stern, 1997).

O tema que Stern (1997) denomina de "vida-crescimento" é perpassado por uma questão central: a mãe será capaz de manter o bebê vivo? Ele conseguirá se desenvolver? A partir dessas indagações, nos momentos mais iniciais da vida do bebê, a mãe tende a passar dias e noites preocupada e confere repetidamente, por exemplo, se o bebê está respirando.

Nesse contexto, também fazem parte preocupações referentes à alimentação, como o questionamento: amamentar ou dar a mamadeira? É no tema vida-crescimento que medos e receios que fazem parte da constelação da maternidade são percebidos. O autor exemplifica alguns deles: medo de que o bebê morra, de que ele não coma ou não beba, fique desidratado ou debilitado, medo de que o bebê venha a cair devido à falta de proteção por parte dela ou até de que ele viva, mas não se desenvolva bem e com isso ela seja substituída por uma mãe "melhor" (Stern, 1997).

Já o "relacionar-se primário" remete ao envolvimento sócio emocional da mãe com o bebê. Assim como no tema anterior, também é perpassado por uma questão central: a mãe será capaz de amar o bebê e sentir que ele também a ama? Será capaz de se vincular e perceber o bebê como seu? Entrará na preocupação materna primária proposta por Winnicott? (Stern, 1997).

Para Stern (1997), esse tema se refere às formas de relacionamento que envolvem o primeiro ano de vida do bebê, especialmente em momento anterior à fala. Delas fazem parte o estabelecimento dos laços e o sentido de segurança, o *holding* descrito por Winnicott, assim como

a introdução das regras iniciais referentes ao relacionar-se que são transmitidas de forma pré-verbal, a partir de sinais sociais e de afeto que são comunicados ao bebê.

É importante que esses elementos que fazem parte do relacionar-se primário estejam bem demarcados antes da linguagem ser introduzida e antes do bebê ser inserido além da díade mãe/bebê. No que diz respeito à mãe, Stern (1997) pontua que todo o envolvimento da mãe referente a essa fase e ao tema do relacionar-se primário é construído a partir da constelação da maternidade.

No tema da "matriz de apoio", são percebidos aspectos como a importância da mãe de criar e permitir uma rede de apoio que a proteja e permita que ela possa realizar as tarefas pertinentes aos temas mencionados anteriormente, como manter o bebê vivo fisicamente e impulsionar seu desenvolvimento psíquico. A matriz de apoio tem como primeira função proteger a mãe fisicamente e garantir que suas necessidades essenciais sejam atendidas, assim como mantê-la afastada das obrigações com o mundo externo para que ela possa se dedicar inteiramente ao bebê. Já a segunda função principal tem a ver com o apoio psicológico e educativo: a mãe precisa se sentir rodeada, apoiada, instruída e ajudada. Para Stern (1997), sem esse apoio, a função materna pode ficar comprometida.

No que concerne às figuras principais dos aspectos educativos e psicológicos da matriz de apoio, segundo Stern (1997), essas participavam tradicionalmente em sua maioria mulheres ou uma rede maternal. O autor cita enfermeiras, avós, tias, irmãs, a própria mãe e apenas mais recentemente o marido, mas pontua:

> O nascimento era, tradicionalmente, "assunto de mulher", o mesmo acontecendo com os cuidados iniciais à criança, tanto entre os humanos como na maioria dos primatas. Os homens eram mantidos a uma distância segura (para o bebê) e só gradualmente tinham acesso a ele (Stern, 1997, p. 166).

Após o nascimento, o envolvimento da mãe é principalmente com o bebê e com suas figuras maternas; ocorre menos envolvimento com o complexo edípico e consequentemente com as figuras masculinas. Nesse contexto, o marido é importante e necessário para proteção e apoio, mas é realocado para uma outra posição, descrita por Stern (1997) como "segundo plano" em comparação com os aspectos maternais vivenciados a partir da constelação.

Dessa forma, Stern (1997) observa que a nova mãe precisará muito mais de uma mãe ou avó do que de um marido. Caso ela não conte com essa forma de apoio, o papel materno ficará

comprometido, uma vez que tradicionalmente essa função foi sustentada por uma rede feminina e considerada um “assunto de mulher”.

Por fim, o último tema da constelação da maternidade remete à “reorganização da identidade”. Nesse contexto, é necessário que a mãe mude o ponto central da sua identidade de filha para mãe, de uma geração a outra. Essa reorganização é essencial para que a mãe organize seus investimentos, tempo e energia (Stern, 1997).

Sobre as implicações relacionadas ao pai na constelação da maternidade, Stern distingue o que chama de "novo pai", do pai tradicional, e aponta que:

> Ambos os tipos de pais podem dar o apoio prático que estrutura e protege a mãe em seu relacionamento inicial com o bebê. O "novo pai" também pode participar de praticamente todas as tarefas de cuidados. Ele pode fazer ambas as coisas igualmente bem. Mas há duas coisas que ele não pode fazer bem, e que o pai tradicional não tenta fazer. Primeiro, ele não pode aconselhar, ensinar e modelar para a mãe, valiosa e experientemente, uma ampla série de informações, atitudes e técnicas de cuidados, pois ele é tão inexperiente como pai quanto ela (ou ainda mais) (Stern, 1997, p. 177).

Dando continuidade a essa distinção entre os papéis parentais, Stern (1997) complementa apontando que o pai não seria apto para aspectos da matriz de apoio, e que apesar de ser capaz de validar a mãe enquanto cuidadora, ele não poderia estar nesse lugar de cuidado com o filho e exercê-lo tão bem quanto uma figura materna legítima.

> Sua apreciação como marido, pai e homem é de grande importância, mas é de uma ordem diferente e pode satisfazer somente uma parte da necessidade da mãe de "holding" psicológico. (Stern, 1997, p. 177)

Em caso de inexistência de uma família ampliada, Stern (1997) considera um problema, já que grande parte das necessidades da mãe recairiam sobre o marido, o tornando parcialmente maternalizado e mesmo quando disposto, ainda assim ele seria incapaz de satisfazer a necessidade da mãe, se tornando um substituto materno falho.

Apesar das importantes diferenças que Stern nos trouxe sobre o se construir e exercer a maternidade e a paternidade, o autor se questionou se a paternidade também demanda uma reorganização psíquica e uma identificação que pode ser aceita ou rejeitada pelo homem com seu próprio pai ou figuras parentais. O autor se interrogou: caso o pai seja o cuidador principal, desenvolveria ele uma constelação da maternidade, considerando que seu cuidador primário provavelmente foi sua mãe? Por fim, questiona se a necessidade do pai de se identificar com seu próprio pai mudaria esse contexto. Eis sua resposta: a constelação da maternidade permanece “incomparavelmente, a organização psíquica prevalente para as mães num futuro imediato” (p.

178). Por fim, indica que “aprender a ser mãe/pai é no melhor dos casos como um estágio” (Stern, 1997, p. 167).

A partir das compreensões de Stern (1997) e do conhecimento que a psicologia/psicanálise alcançaram com suas teorizações, podemos nos perguntamos: se, como indica o autor, o exercício da maternidade e da paternidade é, no melhor dos casos, um processo de aprendizado e construção, por que essa possibilidade parece ser atribuída exclusivamente à mãe? Será que o homem não vivencia aspectos da matriz de apoio, uma vez estando nesse lugar de cuidado com o filho, e exercê-lo assim como a mãe, com seu estilo e singularidade próprios? Quando se trata da figura dos “novos pais”, Stern (1997) parece contradizer essa abertura ao aprendizado. Ao indicar que o homem, ao tentar ocupar o espaço deixado por uma rede feminina na matriz de apoio, só pode desempenhar esse papel de maneira muito inadequada, o autor acaba por excluir a possibilidade de que o pai também atravesse um processo de transformação psíquica a partir do seu processo de paternidade.

Concordamos com Camarotti (2021) quando defende que, ao participar ativamente dos cuidados com seu bebê, como alimentá-lo ou trocar suas roupas, o pai não está maternando e sim paternando, sendo possível encontrar aspectos tanto da função materna quanto da função paterna interiorizadas no pai. A autora afirma que “o bebê que o pai foi um dia é reativado no seu psiquismo, sendo justo dizer que o pai da criança é ao mesmo tempo a criança do pai” (p. 2). Consideramos que inserir o pai na constelação da maternidade de uma maneira que busque equiparar de modo igualitário a experiência da mulher-mãe e a do homem-pai não parece ser um caminho interessante, tampouco é o que pretendemos sustentar aqui. Propomos que a experiência paterna não se constitui como mimetismo da experiência materna, ainda que ambas sejam atravessadas por intensas reorganizações psíquicas.

Justamente por não se tratar da repetição de uma experiência na outra, pensamos que a singularidade da travessia do homem em direção à paternidade, a partir da nossa leitura da obra de Zambra, abre espaço para sustentarmos a hipótese de que o homem, ao tornar-se pai, também pode atravessar uma profunda reorganização psíquica, o que nos permitiria pensar uma constelação da paternidade e na possibilidade de construir uma experiência. Camarotti (2021), ao se questionar sobre diferenças acerca do ser mãe e ser pai, compreende que o pai, ao paternar (o que inclui os cuidados iniciais com o bebê, a forma de alimentá-lo e trocar suas roupas e não apenas o lugar de provedor ou de suporte à mãe) já estabelece uma diferença. Ele “deixa sua

assinatura e marca seu lugar como agente da estruturação subjetiva da criança" (p. 3). Nossa reflexão visará explorar como Zambra se constrói no exercício paterno, aproximando-se da experiência - admitindo a diferença entre desempenhar um papel e ser perpassado psiquicamente nessa construção singular.

A construção psíquica da paternidade

Se a constelação da maternidade nos permite pensar a reorganização psíquica da mulher-mãe, pensamos que ela também nos permite questionar: de que forma podemos compreender a experiência psíquica do homem-pai a partir de sua própria subjetividade, numa travessia singular? Aqui não se trata de encaixar o "modelo" da constelação como um molde aplicável ao pai, mas de sustentar que, se o nascimento inaugura uma reorganização no psiquismo materno, ele também parece convocar o homem a um trabalho psíquico. Portanto, pretendemos desenvolver o que compreendemos por aspectos psíquicos envolvidos na construção da paternidade, bem como explorar o que autores posteriores a Winnicott e Stern apontam sobre a construção psíquica e a experiência da paternidade, na perinatalidade.

Zornig (2010) aponta que a transição para a paternidade é um evento carregado de simbolismo e complexidade, que acarreta uma profunda transformação na vida do homem. Nesse sentido, o nascimento de um filho desencadeia a possibilidade de reorganizações psíquicas, nas quais o homem se vê confrontado com as expectativas sociais, as heranças familiares e seus próprios desejos e medos em relação à paternidade (Zornig, 2010).

Raphael-Leff (2017) indica que o processo de aguardar a chegada do filho, além de despertar fortes sentimentos por si só, também demarca o momento em que o homem inicia a transição para a paternidade e pode ser vivenciado como um turbilhão de emoções e ambivalências. A autora se pergunta: qual significado a gravidez tem para uma mulher ou um homem? Como as forças inconscientes influenciam a maneira de tornar-se pai? Qual a vivência emocional do homem-pai que, assim como a mulher-mãe, também espera um filho?

Raphael-Leff (2017) retoma os momentos iniciais da gestação e afirma que desde a descoberta da gravidez a mulher é conduzida às profundezas do seu espaço psíquico, onde se vê atravessada por imagens inconscientes de sua história anterior/interior. Essa história é diferente para cada mulher e transmite suas memórias, sentimentos e a mitologia inconsciente. A criança

que se forma também é atravessada por esse enredamento psíquico, habitando um espaço entre as muitas figuras primitivas nesse mundo interno. Já o homem, por sua vez, batalha durante a gravidez, para estabelecer sua própria contribuição. O homem-pai precisa trabalhar (especialmente psiquicamente) para encontrar seu lugar e seu envolvimento com a criança, que não se encerra após o nascimento, mas continua baseado na confiança e aprovação social (Raphael-Leff, 2017).

Ao tornar-se pai, o homem pode se deparar novamente com reverberações conflituosas de ser o filho edipiano da sua mãe. Sua vaidade fálica, que diz respeito ao orgulho masculino ligado à virilidade e à capacidade de gerar um filho, entra em conflito com fantasias infantis de rivalidade com o pai. Na sua infância, era o pai quem possuía o poder de estar com a mãe, de gerar filhos com ela e, portanto, ao tornar-se pai, o homem revive inconscientemente esse embate: agora ele ocupa o lugar que foi do pai em sua fantasia infantil (Raphael-Leff, 2017).

Raphael-Leff (2017) aponta que, dependendo do modo como esse conflito foi experienciado, poderemos compreender a atitude do homem diante da gravidez. A autora traz três possibilidades:

> - Se, auxiliado por um pai amoroso, o jovem foi capaz de identificar-se com ele e renunciar a seus desejos impossíveis;
> - Se contornou o problema, permanecendo identificado com a mãe que o gerou (assim negando as limitações de seu próprio gênero) ou desejando não a sua mãe, mas o pai;
> - Se falhou em entrar na arena de todo mundo, mantendo uma vida de fantasia com sua mãe, livre do desafio da presença emocional ou física do pai (p. 92).

Raphael-Leff (2017) considera que a maioria dos estudos foca na mulher durante o processo de gravidez e somente nos últimos anos os homens-pais e seus direitos têm sido vistos. Algo que se repete é o ressentimento do homem de ter pouca influência sobre o processo de gravidez, o que ocasiona nesse processo a formação de uma divisão específica: a mulher-mãe se dedica à formação do bebê, enquanto ele faz o trabalho mental, se preocupando pelos dois e, dessa maneira, aliviando a mãe da exigência de ficar ansiosa.

Em sua experiência de uma década com grupos de “pais aprendizes”, Missonnier (2017) afirma que muitos desses novos pais (homens) são carentes de oportunidades em que possam simbolizar o processo de metamorfose que estão vivenciando em diferentes fases, sendo estas: intrapsíquica, conjugal e social. Nesse grupo, em formato mensal e aberto, os homens trazem questionamentos que surgem não apenas durante o pré-natal, mas desde o início da gestação. A

respeito das inquietações que costumam acompanhá-los na construção da paternidade, Missonnier (2017, p. 5) apresenta algumas:

> 1. O que é que eu vou fazer daqui a alguns meses quando me encontrar com isto nos braços e nos ouvidos? [...]
> 2. Vou falar "bebê" e encontrar os gestos certos com facilidade ou vou falhar? [...]
> 3. Qual será a minha reação quando chegar a casa depois do trabalho e quiser contar o meu dia ao meu amor, e o vir agarrado aos seios carinhosos que são os meus seios apaixonados? [...]
> 4. E a minha mãe e o meu pai que, ao transformarem-se em avós arrojados, vão ficar mimados com a sua novíssima missão para a eternidade? Ou, pior ainda, vão acabar por ser melhores avós do que pais...

Missonnier (2017) aponta que no processo de paternidade o homem-pai é confrontado com uma reatualização singular de fantasias inconscientes. Por um lado, emergem fantasias sobre a vida intrauterina e de castração vinculadas ao materno primário; por outro, são mobilizadas fantasias da cena primitiva e da sedução relacionadas ao feminino primário. Em resposta a esse confronto, ocorre uma redistribuição dos espaços do paterno e do masculino por meio de uma reedição singular da bissexualidade psíquica, que é a "pedra angular" (p. 6) que permitirá ao pai real estar ao lado da mulher-mãe.

Essa reedição psíquica e as fantasias que ressurgem no processo de tornar-se pai se apresentam como uma metamorfose que impacta a sexualidade paterna. Para além das diversas diferenças geracionais e culturais, Missonnier (2017) observa as variações, por vezes fortes, da depressividade paterna perinatal e da depressão paterna perinatal enquanto resultado da crise de reativações de fantasias primitivas. A depressividade paterna diz respeito a elementos da posição depressiva proposta por Klein: "manifestações comportamentais moderadas, psicossomáticas e neuróticas da síndrome de couvade paterna são semelhantes ao trabalho dessa capacidade depressiva" (p. 205). Do outro lado estão as depressões paternas perinatais, situações em que o homem-pai vê a sua capacidade depressiva frustrada e vivencia um sofrimento que exige apoio psicoterápico e psiquiátrico (Missonnier, 2017).

Além disso, a travessia da paternidade na perinatalidade envolve, de acordo com Missonnier (2017), metamorfoses biopsíquicas anteriores: "a do feto se tornando um bebê, a do bebê se tornando uma criança, a da criança se tornando um adolescente" (p. 206). Isto é, o processo de tornar-se pai não se restringe ao espaço-tempo perinatal, mas remete às metamorfoses que o homem vivenciou ao longo da vida.

A via etiológica da depressividade ou da depressão paterna, nesse sentido, descreve a crise perinatal como uma reatualização de elementos cruciais da história intra e intersubjetiva do homem-pai. Missonnier (2017) aponta que a primeira e mais esperada via diz respeito à reatualização do conflito edípico. No processo de tornar-se pai, o filho se vê diante da possibilidade de "jogar" com seu próprio pai, confrontando-o como um igual. Essa encenação, afirma o autor, "expressa fielmente o progresso feito no 'laboratório edípico' durante a infância e durante a adolescência" (p. 207).

Missonnier (2017) observa, no grupo de pais aprendizes, um contraste significativo: há homens que revisitam a figura paterna de maneira dicotômica, considerando seus pais como "ótimos" ou "terríveis". Por outro lado, há aqueles que conseguem exercer um "direito de inventário" (p. 207), distinguindo aspectos positivos e negativos, refletindo sobre o que desejam ou não transmitir aos próprios filhos. Essa segunda posição oferece um indicativo de amadurecimento psíquico, apontando um avanço no "laboratório edípico", ao examinarem a figura paterna de maneira ambivalente.

Missonnier (2017) considera que fazem parte ainda das fantasias arcaicas que emergem no processo de paternidade o risco de perder o status de filho protegido dos pais (especialmente da mãe), bem como se deparar no conflito edipiano com o lugar de Laio. É uma outra angústia que surge no grupo de pais aprendizes: o homem-pai questiona se a mulher-mãe-amante ainda o ama e sua rivalidade por atenção e afeto se volta para a criança que toma o "amor da amante que está se tornando mãe, que Édipo corre o risco de roubar de Laio, seu pai" (p. 207).

Interessante pontuar que Missonnier, Raphael-Leff, assim como outros (Bydlowski e Golse, por exemplo), consideram que os conflitos edípicos entram em cena na travessia à maternidade/paternidade. Para Missonnier, muitas descompensações narcísicas e fugas da paternidade têm raiz nessa rivalidade narcísica entre o pai (revisitando seu próprio pai e sua mãe) e o bebê, sendo um importante impedimento no que se refere ao estabelecimento do papel do pai na díade mãe-bebê. Portanto, é importante que para cada "tornar-se pai" exista uma capacidade de elaborar esse conflito que é vivenciado como "ou ele, ou eu" (Missonnier, 2017). Referente a essas fantasias que surgem no homem, agora enquanto pai e não mais como filho no conflito edípico perinatal, o autor apresenta mais algumas inquietações do grupo dos "pais aprendizes":

> Lembro-me de um pai do grupo que afirmou com saúde que, quando fazia amor com sua esposa grávida, seus "golpes nos rins" informavam claramente à criança "quem manda aqui"! Para espelhar isso, lembro-me de outro que disse: "Quando faço sexo com minha

> mãe, imagino que o bebê fica muito perturbado e se acovarda com medo no útero". E um terceiro, que se aventurou em uma explosão fantástica que fez o grupo dar muitas risadas, cheio de ansiedade de castração espetacular: "Quando o pai faz amor, o bebê tenta agarrar a cauda do pai, como as crianças agarram o pom-pom no carrossel! (p. 208)

Até aqui, acreditamos que esses questionamentos e comentários, carregados de ambivalências, revelam aspectos psíquicos da travessia e da experiência da paternidade, lançando luz aos processos que o homem-pai vivencia nessa construção.

Romance familiar masculino[25]

Retomamos a escrita de Zambra que em *Literatura infantil* (2024) inicia sua narrativa a partir do nascimento do filho. Observamos que o autor não segue uma ordem cronológica dos acontecimentos - acompanhamos o retorno à sua infância e especialmente a relação com seu próprio pai - de modo que Zambra escreve sobre seu filho, mas também sobre ser filho depois de se tornar pai.

No capítulo intitulado "Assaltantes de olhos azuis", o autor retorna a uma situação vivida com o pai durante a adolescência quando, aos catorze anos, o defendeu fisicamente durante um assalto. Pensamos ser significativo que, ao narrar o passado com o pai, o capítulo se inicie no presente, a partir das ligações frequentes entre o pai e o neto, instaurando uma cena na qual três gerações se entrelaçam. O pai, inesperadamente presente[26] devido à distância - já que Zambra e Silvestre moram no México e ele no Chile - ocupou um lugar novo na vida do filho, mediado pela existência de Silvestre.

É nesse contexto que o autor decide escrever sobre o pai, enquanto também escreve sobre o filho. Ele ressalta que a história do assaltante de olhos azuis possui uma particularidade que é nunca ter conseguido contá-la.

> — Não estou escrevendo sobre o senhor, pai — minto. — Por que você não escreve sobre o menino, não é melhor? Ele é muito mais divertido que eu — diz ele, com toda razão. — É que eu estava pensando naquela vez em que nos assaltaram. Foi em 1990, certo? — Sim.

---

[25] Este subtítulo, assim como o título dos capítulos desta dissertação, é uma referência e foi retirado da obra Literatura infantil:cartas ao filho (Zambra, 2024).

[26] Importante mencionar que o autor narra diversas vezes, em Literatura infantil: cartas ao filho (2024), momentos que se passaram durante a pandemia da Covid-19, sendo um dos motivos que, somados à distância entre eles, teriam sido também um fator inesperado para o pai se tornar um avô bastante presente.

Ao reconstruir, a partir da escrita, a cena do assalto, Zambra diz que tinha catorze anos e o pai quarenta e um (novamente surge a idade muito parecida com a que ele próprio se tornou pai). O pai de quarenta e um anos foi descrito como mais alto que ele, "um magrelo encurvado e quebradiço, que certamente não parecia capaz de defender um pai corpulento, robusto, esportista" (p. 169). A partir da figura inicial de um pai corpulento e robusto, Zambra revisitou sua história de modo não idealizado, sem reduzi-lo a uma figura heroica. Pelo contrário, o pai emergiu como um homem real, marcado por limites, contradições e fragilidades.

Dessa forma, o autor descreveu as mãos do pai com as mãos de alguém que trabalhou desde cedo, vendendo verduras e frutas na feira e que também serviram para cortar cruzamentos e defender pênaltis. Um corpo que foi muito "útil", mas atravessado por perdas, especialmente pela debilidade precoce da visão.

> Quis prestar o serviço militar, quis virar policial, esteve a ponto de ser o terceiro goleiro das divisões de base do Colo-Colo, mas nada disso deu certo, em parte por causa de seus olhos enfermos. Em todas as fotos de sua juventude ele aparece com uns óculos fundo de garrafa que dão a seu rosto a aparência de uma máscara. (p. 170)

No dia do assalto, o pai admitiu que não precisava retirar o dinheiro em espécie naquela ocasião, mas que "[...] de repente eu queria que fôssemos juntos ao centro. Era o primeiro dia de férias, mesmo assim eu queria ir ao centro contigo, eu gostava de sair contigo" (p. 171). Estacionaram o carro e foram ao banco quando passaram a ser seguidos por um homem de olhos azuis e por outro homem parecido com o primeiro. O autor não imaginou que se tratasse de um assaltante por ser um homem branco, bem vestido e de olhos azuis.

Ao serem abordados pelos ladrões, gritaram para sinalizar às pessoas que estavam ao redor, no que um dos homens disse que, na verdade, os ladrões seriam Zambra e o pai. Após isso, entraram em um embate corporal e foram derrubados com socos. Zambra se levantou enquanto percebia o pai ainda no chão, gritando e pedindo para que o deixassem procurar sua lente de contato. Nesse momento, ele conseguiu acertar um soco no assaltante que se dirigia ao seu pai, e que, devido à confusão, acabou sendo detido e algemado pela polícia, que acreditava que na verdade eles (Zambra e o pai) eram os ladrões. O pai foi rapidamente liberado quando diversas testemunhas disseram que tudo não passara de um engano. Na narração, vemos os dois, Zambra e o pai, relembrando juntos esse dia. O pai disse sobre ter sido detido:

> — Eu sabia que tudo ia se esclarecer, não estava com medo, mas ouvia você xingando os policiais e pensava que iam te levar preso e isso me angustiava — meu pai me disse depois. (p. 175)

Freud (1909/1996) afirma em seu texto “Romances familiares” que ao crescer o indivíduo se liberta da autoridade dos pais e apesar de doloroso, esse é um dos acontecimentos mais necessários no que se refere ao desenvolvimento. Essa liberação é fundamental, pois os pais constituem para a criança a fonte de autoridade e de todos os conhecimentos, o que a faz desejar, de maneira muito intensa, em seus primeiros anos, a igualar-se a eles - especificamente ao genitor do mesmo sexo. Apesar disso, durante seu desenvolvimento, a criança descobre de maneira gradual “a categoria a que seus pais pertencem" (p. 1). Isto é, ela conhece outros pais, começa a comparar com os seus e adquire certa capacidade, por assim dizer, de pôr em xeque as qualidades extraordinárias que antes lhes atribuía (Freud, 1909/1996).

Ao tornar-se pai, o homem é convocado à reatualização de conflitos ligados à sua posição infantil, especialmente no que diz respeito às fantasias edipianas. A afirmação de sua virilidade, associada à capacidade de gerar um filho, pode entrar em conflito com fantasias infantis de rivalidade com o pai, uma vez que este ocupava em sua história, o lugar de quem detinha o acesso à mãe e à função de procriar. Sendo assim, a paternidade reatualiza esse embate, na medida em que o homem passa a ocupar o lugar que, em sua fantasia infantil pertenceu ao pai (Raphael-Leff, 2017).

Consideramos que na cena em que pai e filho são confundidos com os assaltantes, essa inversão permite formular um questionamento acerca das posições subjetivas em jogo na filiação e na paternidade: quem rouba o quê de quem? O filho que ao crescer parece tomar do pai um lugar - de força, de vitalidade - ou o pai que ao tornar-se pai já teria “roubado” do seu próprio pai essa mesma posição? Ao narrar o episódio do assalto, Zambra se remete à figura paterna com certa ambivalência: ao mesmo tempo forte e vulnerável, distante, mas afetuoso. O pai apareceu ferido, algemado por engano e necessitando da intervenção do filho, cena que inverte, ainda que momentaneamente, o contraste inicial citado pelo autor entre um pai corpulento e ele, um menino magrelo de catorze anos.

Retomamos as formulações feitas por Freud (1909/1996) acerca do romance familiar do neurótico, que se revela a partir das fantasias que surgem no brincar e a partir do período da puberdade passam a ser vividas no âmbito das relações familiares. Freud observa que, no caso do menino, há maior tendência a sentir impulsos hostis contra o pai, desejando de forma mais intensa libertar-se dele do que da mãe. Ele também assinala que um dos exemplos das fantasias

que se intensificam a partir da infância e se prolongam até muito depois da puberdade está nos devaneios, que constituem uma "realização de desejos e uma retificação da vida real" (p. 2), permitindo à criança fantasiar que se afasta dos pais tal como são conhecidos no presente e os substitui por figuras idealizadas.

No que diz respeito à relação entre pai e filho no processo de transição à paternidade, retomamos Missonnier (2017) quando afirma que ao se tornar pai o filho assume o risco de jogar com o próprio pai como um igual e de agora poder confrontá-lo. A possibilidade de confrontar a figura paterna é, de acordo com o autor, um progresso feito no "laboratório edípico" durante a infância e a adolescência. É necessário, de certa forma, que o homem-pai elabore a figura paterna de modo ambivalente e não apenas de forma dicotômica, sendo esse movimento uma conquista.

Arbex (2025) afirma que a transição para a paternidade envolve uma gestação psíquica no homem que implica um processo de transformação do investimento narcísico do pai para o investimento objetal no filho. Para o autor, essa passagem não ocorre sem a elaboração de sucessivos lutos, incluindo o luto pela própria condição de filho, que sucede a transmissão de um legado. Em sua obra *Múltipla escolha*[27] (2017), Zambra escreve em um dos capítulos: "não queríamos ter um filho. O que acontece é que na época éramos filhos. Éramos tão filhos que a possibilidade de ser pais era algo extremamente distante para nós" (p. 568). Não temos como objetivo nos aprofundarmos em outra obra do autor, porém considero esse trecho importante no que se refere ao lugar de filho enquanto posição subjetiva.

Ao afirmar que a transição para a paternidade implica a transformação do investimento narcísico do pai em investimento objetal no filho, Arbex (2025) aponta para uma travessia psíquica na qual o homem elabora o luto de sua própria posição de filho, a fim de lidar com o legado que recebeu e que agora será transmitido, aspecto esse que foi descrito por Stern na constelação da maternidade no tema sobre a reorganização da identidade.

Raphael-Leff (2019) considera que a experiência de esperar o primeiro filho desperta intensas emoções no momento em que o homem começa a ocupar o lugar de pai, movimento que desloca o seu próprio pai para a geração dos avós. A partir dessa formulação da autora, pensamos em uma espécie de "jogo das cadeiras": para ocupar o lugar de pai, o homem atravessa um trabalho de luto e precisa, por assim dizer, sentar-se na cadeira que um dia pertenceu ao seu pai.

---

[27] "*Múltipla escolha"* é um livro publicado por Alejandro Zambra e traduzido no Brasil em 2017. A obra adota o formato e remete à Prova de Aptidão Verbal, aplicada de 1966 a 2002 nas universidades chilenas, país natal do autor. Na edição brasileira, foi classificada como "ficção chilena" (Oliveira, 2022).

Para alguns homens, esse processo pode ter lugar em sonhos, devaneios diurnos e lembranças conscientes, e isso os leva, muitas vezes, a se deparar com a realidade do seu pai ou outras figuras masculinas importantes (Raphael-Leff, 2019).

Assim como Missonnier (2017) aborda os avanços no "laboratório edípico", também para Raphael-Leff (2019) alguns homens conseguem apreender o significado dessas experiências e elaborar os sentimentos a elas associados; outros, porém as desviam da consciência. Se torna necessário, portanto, que o homem-pai elabore tanto as faltas paternas quanto os "acertos" de forma menos dicotômica em sua própria construção como pai. A autora descreve como, durante essa travessia, ternas lembranças de ter sido carregado nos braços do pai "empoleirado triunfantemente em seus ombros" (p. 92), podem colidir com imagens do rosto do mesmo pai deformado pela ira, compondo uma mistura agridoce em um redemoinho de afetos onde convergem lembranças de "separações e reuniões entre pai e filho, fria indiferença ou procura de calor" (p. 92).

No capítulo intitulado "Arranha-céus", entramos em contato, mais uma vez, com a narrativa do autor acerca da relação com o pai. Nesse momento, ele menciona um episódio da juventude em que ganhou do pai uma viagem a Nova York. Segundo o autor, essa viagem foi um gesto feito pelo pai após uma briga "especialmente violenta" (p. 136) entre os dois. O pai decidiu resgatar em seu nome uma passagem com milhas acumuladas, confiando que Zambra ficaria surpreendido, o que de fato ocorreu, sobretudo porque foi o próprio pai quem escolheu a data e o destino que para Zambra pareciam "tão abstratos e tão espetaculares" (p. 136).

> A viagem era um presente, completamente inesperado, aliás, porque já havia alguns anos que discutíamos por quase tudo — nada fora do comum, nossa relação se enquadrava na versão clássica dos conflitos pai-e-filho, e eu sabia disso, mas saber disso não me consolava, não me deixava conformado, porque ele sempre gritava mais alto e nunca pedia perdão. (p. 136)

Para que a viagem acontecesse, seu pai impôs a Zambra uma condição: que ele cortasse o cabelo, pois, de acordo com o pai, isso era necessário para que ele não fosse discriminado ao andar por Nova York de cabelo comprimido. Nesse trecho, consideramos importante lembrar que Zambra desenvolve uma escrita voltada para críticas acerca de questões culturais e sociais no que remete à América Latina e ao ser sulamericano, posição que surge em diversos dos seus outros livros, incluindo *Literatura infantil* (2024). Sobre o corte de cabelo, o autor se recusou e o pai então cancelou sua viagem. Junto com a decisão de não cortar o cabelo e entrar no embate com o

pai, também veio a decisão de Zambra de sair de casa. No meio do relato sobre essa briga com o pai, ele relatou um movimento que parece costumeiro da relação dos dois:

> Perfeito — respondi. — Escute, a que horas vou te ensinar a dirigir? — Hora nenhuma, nunca. — Mas a gente tinha combinado isso. — Mas estamos brigados. — Você sabe que uma coisa não tem nada a ver com a outra. — Têm a ver, sim." (p. 137)

A escrita de Zambra não se limita a narrar a relação com o pai apenas como "boa" ou "ruim", mas retoma a figura paterna de forma ambivalente, trazendo o pai como alguém que ora não pede perdão e briga, ora age como se nada tivesse acontecido e procura ensiná-lo a dirigir. Com a saída de casa, Zambra escreveu uma carta ao pai. Redigiu no computador da própria casa, escolhendo minuciosamente a fonte e o tamanho da letra, de modo que não ficasse nem muito pequena nem muito grande, prevendo a possibilidade de o pai lê-la sem as lentes. Enquanto escrevia, imaginou o pai lendo aquelas doze páginas e afirmou que a carta não era agressiva e sim dramática e carinhosa.

A partir desse trecho, perguntamos: o que Zambra queria comunicar ao pai com a saída de casa, com a carta e, por fim, com a escrita sobre esse episódio, em *Literatura infantil*? Nos parece que diante de toda essa organização (o cuidado com a forma, o cálculo do tamanho das letras, a extensão do texto) havia o desejo de ser lido/visto pelo pai. Zambra escreveu: "Falava, talvez, como se eu fosse adulto e como ir embora de casa tivesse sido a única solução para não odiar meu pai e para não odiar a mim mesmo" (p. 138).

Tudo o que o autor tinha a dizer encontrava-se naquela carta que, no entanto, o pai afirmou não ter lido. Ao narrar a conversa que teve com o pai após a escrita da carta, Zambra descreveu o reencontro dos dois no espaço de trabalho do pai, numa minúscula sala de reuniões, como se estivessem "desenhando o plano estratégico de alguma empresa" (p. 139). A formalidade da cena parece contrastar com a intensidade de afetos do que acontecia entre os dois com a saída de casa, com o cancelamento da viagem e com a briga.

Nesse sentido, ao escrever sobre essa vivência em *Literatura infantil,* já na condição de pai, Zambra retoma a experiência com o próprio pai a partir de outra posição subjetiva, construindo uma experiência nesse deslocamento identitário de filho para pai. Ele não escreveu apenas sobre o pai que teve, mas sobre o filho que foi e que ainda o habitava já que a criança que fomos não morre jamais, como dito por Golse (2004). A carta não lida, o pai que não pediu perdão, a dificuldade de diálogo, tudo isso nos parece ser posteriormente reatualizado na

paternidade do autor e em sua relação com o filho, inclusive reavaliando o que não gostaria de fazer e ser enquanto pai. Novamente, reiteramos Missonnier (2017) que afirma ser esse movimento um avanço no laboratório edípico.

Ainda sobre a relação com o próprio pai, Zambra escreveu:

> Nenhum contratempo, nenhum desafio, nenhuma rebeldia teriam realmente incomodado meu pai se ele tivesse tido o filho que queria: um que, por exemplo, o acompanhasse na pesca, inclusive no meio das turbulências da adolescência. Esse filho, que obviamente não fui, certamente teria depois sabido transmitir a seu próprio filho a mesma paixão. Em nosso romance familiar masculino, meu pai e eu não moraríamos a sete mil quilômetros de distância, e sim a apenas poucas cidadezinhas. (p. 194)

Consideramos importante trazer o trecho na íntegra porque pensamos que a partir dele o autor narrou a existência de um ideal paterno e filial que não se realizou. Quando escreveu que nada teria realmente incomodado o pai "se ele tivesse tido o filho que queria", o autor nomeou a suposta fantasia do pai: o filho que o acompanha na pesca, que partilha suas paixões, que mantém a proximidade geográfica e que por sua vez transmitiria ao próprio filho a mesma herança. Não seria, portanto, o ideal do pai projetado sobre Zambra enquanto filho? Um ideal de continuidade e transmissão, um perfeito romance familiar masculino.

Freud (1914/2010), ao afirmar que a atitude terna de muitos pais para com seus filhos constitui uma "revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado" (p. 25), considera que o investimento dos pais nos filhos se articula, em alguma medida, ao próprio narcisismo parental. A criança pode ser investida como suporte de ideais e perfeições dos pais, colocada no lugar de realizar seus sonhos não realizados.

A partir das considerações freudianas, retomamos Arbex (2025) que afirma que, a princípio, o desejo de ser pai pode ter origem no anseio de que o filho realize aquilo que o próprio homem não pôde realizar, num movimento em busca de reparação para que o filho esteja livre das restrições e limitações que o mundo lhe impôs. Assim, considera que a transição para a paternidade carrega em si um primeiro movimento que nomeia de "projeção narcísica" (p. 16), isto é, o filho que será o que o pai não foi.

Retomando o processo de sucessivos lutos que a paternidade também implica, Arbex (2025) menciona: "luto frente à imperfeição narcísica de não ter sido perenemente a sua majestade, o bebê; luto pela desfalicização de si, no homem, para que ele consinta com um novo investimento, um desejo pelo novo ser, um amor objetal pelo bebê porvir" (p. 16). Assim, o

movimento narcísico inicial precisa ser atravessado por um trabalho psíquico que possibilite a passagem do investimento em si mesmo para o investimento objetal no filho.

Nos perguntamos se ao comentar sobre fantasias do pai - “esse filho, que obviamente não fui” (p. 194) - Zambra se refere ao que compreendemos como a distância entre o filho real e o filho fantasmático que foi. Vamos retomar brevemente o que diz Solis-Ponton (2004) a partir das considerações de Lebovici (1987):

> Lebovici distingue ao menos cinco tipos de representação que a mãe tem de seu bebê antes e depois do nascimento:
>
> - o bebê imaginário: é o bebê das fantasias conscientes e pré-conscientes da mãe. É produto do seu desejo de ter um filho;
> - o bebê fantasmático: é o bebê fruto das fantasias inconscientes da mãe, herdeiro do seu complexo de Édipo;
> - o bebê narcísico: é o bebê do narcisismo da mãe;
> - o bebê cultural: é o bebê que se relaciona com a cultura da mãe e freqüentemente associado a um bebê mítico;
> - o bebê real: é o bebê na sua corporalidade real. (p. 32)

Entre a criança imaginária e a criança real, há um espaço e consideramos que nesse trecho apresentado anteriormente, Zambra escreveu sobre a impossibilidade de corresponder plenamente à fantasia parental e ao perfeito romance familiar masculino. Se, como propõe Arbex (2025), a paternidade exige lutos sucessivos, também a posição de filho implica o luto de não corresponder integralmente ao ideal narcísico projetado pelos pais.

Para encerrar este capítulo-eixo, retomamos a imagem inaugural do “terremoto” como orientador do nosso percurso. O nascimento de um filho, em *Literatura infantil,* surgiu como um acontecimento que deslocou o solo psíquico e reorganizou as posições e identificações do homem-pai. Se, com Stern (1997), pudemos compreender a constelação da maternidade como um eixo organizador da vida psíquica da mulher-mãe e com isso compreender a perinatalidade enquanto período que convoca intensa reorganização e trabalho psíquico, nosso percurso buscou sustentar a hipótese de uma profunda reorganização psíquica também no homem em sua transição à paternidade. Reiteramos que não pretendemos “encaixar” a proposta da constelação da maternidade no homem-pai, e sim questionar a lógica que o posiciona à margem, como alguém que tem função de sustentação, basicamente. Nossa hipótese é a de que o homem, na sua travessia à paternidade, revive conflitos íntimos, como na depressividade, que nos indicam sobre suas condições de possibilidade para assumir o lugar de sustentador, de transmissor e desenvolvedor do cuidado paterno, construindo-se numa experiência paterna. Consideramos que

o homem-pai é convocado a trabalhar psiquicamente, conforme Arbex (2025) aponta, diferentemente da mulher-mãe e do seu corpo gestante; a travessia à paternidade não se impõe de modo contínuo e visível, mas envolve uma gestação psíquica. Portanto, o que nos indica no homem "o ventre que gesta a paternidade?"(Arbex, 2025, p. 16).

Retomamos o título deste capítulo que, assim como os outros, foi retirado do livro *Literatura infantil.* A infância da infância se tornou, até aqui, também um orientador de leitura: tornar-se pai convoca a criança que permanece viva em nós, assim como a elaboração do romance familiar recebido, que é preciso que seja atravessado, reescrito, reelaborado rumo à construção de uma experiência.

CAPÍTULO III

“E ESSE MENINO NÃO TEM MÃE?” - O SER PAI NA SOCIEDADE

Em *Literatura infantil: cartas ao filho* (2024), Zambra narra uma cena em que voltava da padaria que costumava ir com o filho todas as manhãs e ouviu a seguinte pergunta de um outro homem: “e esse menino não tem mãe?” (p. 16). Decidi iniciar este terceiro capítulo-eixo a partir do relato de Zambra, que remete a uma experiência comum a muitos homens-pais. Aqui, buscamos explorar como o papel paterno é moldado pelas expectativas sociais presentes na obra de Zambra, as expectativas entre o ideal social de paternidade e a experiência subjetiva do narrador. A partir disso, trago um recorte do meu diário de pesquisa:

✳

Trajeto

(Recorte do diário de pesquisa)

Iniciei o mestrado a partir da ideia de explorar a depressão pós-parto paterna, mas logo senti que algo me puxava para trás, como se o tema exigisse um recuo anterior. Me parece que antes de pensar em se construir como pai, há que se falar de uma travessia psíquica para a paternidade.

Como pensar a depressão sem pensar antes a travessia psíquica? Como pensar o homem que deprime sem interrogar o que o antecede enquanto homem-filho, enquanto alguém convocado a tornar-se pai? Eu me sentia deslocada, estrangeira nesse território. Mulher, pesquisadora, olhando de fora um mundo que parecia não me pertencer.

Zambra, de algum modo, me permite entrar ao escrever sobre a própria travessia, me abre uma via de acesso a partir da literatura, da escrita. Continuo sendo mulher, no momento uma mulher que gesta. Em breve, mulher-mãe, mas sou também aquela que lê um homem-pai e sente no próprio corpo os efeitos dessa escrita.

Conforme relato neste trecho do diário, ao iniciar a pesquisa, eu pretendia abordar a depressão pós-parto paterna; à época, o tema me pareceu difícil de alcançar, quase como se

exigisse uma porta de entrada que ainda não parecia aberta para mim. Nesse momento do percurso, uma colega me indicou alguém que poderia me ajudar a dar um primeiro passo: um pai que gostaria de falar sobre sua experiência de paternidade.

Nossa conversa foi online e devido ao tema inicial proposto, imaginei que ouviria o relato de um homem deprimido. No entanto, à medida que ele falava, compreendi que o que se desenhava ali não era propriamente uma experiência de depressão, mas uma outra coisa. Ele narrava repetidas situações em que não foi acolhido em seu lugar de pai, sobretudo enquanto ocupava o lugar de cuidador principal da filha. Ele me contou sobre diversas consultas em serviços de saúde em que sua presença parecia estranha, estrangeira. Nesses espaços, os profissionais se dirigiam automaticamente à mãe, mesmo quando ele também conhecia e fazia parte da rotina de cuidados com a criança.

Essa escuta, assim como o reencontro com a literatura, fez parte do deslocamento do meu caminho inicial de pesquisa. Se de início eu buscava a depressão pós-parto paterna como objeto central, o encontro com esse pai fez emergir outra questão: que lugar a sociedade parece reservar ao pai que também é um cuidador?

Raphael-Leff (2019) afirma que ao contrário da mulher grávida que carrega consigo a marca da gestação, o pai expectador pode se sentir e muitas vezes de fato é deixado de lado e ignorado por amigos e profissionais da saúde. Diante disso, concordamos com Camarotti (2021) que afirma que o pai não é um ingrediente que se acrescenta na relação mãe-filho, não é um ator figurante: ele tem um papel ativo e favorece a constituição da criança. Nessa mesma direção, Santos (2014) afirma que os papéis nas configurações familiares têm se transformado constantemente ao longo da história. O pai que em outros momentos esteve distante dos cuidados diretos com os filhos e das tarefas domésticas, recentemente passou a ganhar mais espaço.

Se o processo de tornar-se pai se inscreve numa história individual, intergeracional e conjugal, ele também se desenvolve social e coletivamente. Portanto, a condição para o homem-pai exercer seu papel paterno passa pelo reconhecimento não só da mãe (em alguns casos, ele terá de se haver sem isso), mas também da sociedade (Davoudian, 2022). “É evidente que a figura do pai vai se inscrever numa cultura, em determinadas normas sociais que vão, elas próprias, evoluir com o tempo” (Davoudian, 2022, p. 123).

Ausência de tradição masculina em assuntos de criação

Diante da reconfiguração do lugar do pai, marcada pelo deslocamento da figura tradicionalmente distante para a de um sujeito implicado no cuidado, Zambra (2024) se questiona sobre a ausência de uma tradição que envolva os homens em "assuntos de criação" (p. 14). A partir disso, nos questionamos também acerca dessa mesma ausência no que se refere ao envolvimento dos homens em assuntos de cuidado. O autor escreve que enquanto as mulheres transmitiam às suas filhas o "imperativo asfixiante da maternidade" (p. 14), os homens cresceram mimados e alheios à questão da paternidade, até cantarolando *"Billie Jean"*, música do cantor Michael Jackson, que diz:

> Billie Jean is not my lover. She's just a girl who claims that I am the one but the kid is not my son. She says I am the one, but the kid is not my son.[28]

Seguimos com a narrativa de Zambra, entrando em contato com o lugar de cuidado que ele ocupa junto ao filho e, ao mesmo tempo, a aparente estranheza de amigos e desconhecidos. Essa estranheza não se restringe aos eventuais encontros na rua ou espaços específicos, mas atravessa também as relações entre homens, o que nos parece dizer sobre os modos de relação dos próprios homens com o masculino e seus limites quando a paternidade entra em cena.

O autor narra um episódio em que um colega curador de arte ligou para ele às duas da manhã para contar que estava pensando em ter um filho, movido pela expectativa de que a paternidade pudesse operar como uma mudança de vida. Zambra respondeu com ironia, apontando o caráter ingênuo de que o desejo de ter um filho supõe uma mudança de vida, da mesma forma que existe uma certa ingenuidade em supor que após ter um filho a vida seguirá do jeito que era; se tornar pai com este único propósito, de acordo com ele, é "uma estupidez sem tamanho" (Zambra, 2024, p. 25).

Ainda assim, Zambra propõe ao curador passar uma tarde inteira com ele e com seu filho. O encontro não se realizou, o curador não compareceu e, posteriormente, justificou sua ausência afirmando que a "crise" já havia passado. Pensamos que esse recuo do curador nos informa sobre a dificuldade de sustentar um contato continuado com a ideia da paternidade quando esta se

[28] Na tradução para o português: "Billie Jean não é minha namorada. Ela é só uma garota que diz que eu sou o cara certo, mas o menino não é meu filho. Ela diz que eu sou o cara certo/eu sou o único, mas o menino não é meu filho."

apresenta não como idealização ou promessa de transformação, mas como exercício cotidiano de cuidado.

Essa dificuldade, que apareceu na narrativa de Zambra como um certo impasse relacional e social, também pode ser compreendida a partir das condições que historicamente estruturaram o lugar paterno. Para Bydlowski (2019), o pai, cujo lugar foi durante muito tempo assegurado pela função de provedor, garante simbolicamente sua posição ao dar o nome ao bebê; contudo, ele só se compreende de fato pai em um momento posterior, quando pode desenvolver uma relação autêntica com o filho. Diferentemente da mulher, cuja experiência é corporal e contínua, o homem vivencia uma pausa entre a concepção e o nascimento. A gravidez é, como afirma a autora, "o impossível da sua anatomia" (Bydlowski, 2008, p. 2)

> O desejo paterno é muito difícil de ser questionado no campo da maternidade. A maternidade muitas vezes funciona como um lugar de exclusão do homem e a paternidade não tem um lugar específico. (Bydlowski, 2008, p. 1)

Nesse sentido, Zambra (2024) observa que a experiência de tornar-se pai atravessa gerações sem que se constitua um saber transmissível acerca do cuidado. Ao se recordar sobre pais de outras gerações, ele descreve tanto aqueles que exerceram a paternidade com lucidez, humor e humildade, quanto aqueles que se afastaram dos filhos em busca de uma juventude idealizada, ou que os submeteram a um excesso de exigências, com o objetivo de prolongar, por meio deles, projetos interrompidos. O autor reflete sobre como os homens construíram a ideia de um companheirismo a partir de eventos memoráveis e emocionantes, mas aponta que uma oportunidade em que realmente podem se conhecer intensamente é quando passam a tarde com um amigo que agora é pai.

Com isso, acreditamos que o relato do autor sobre a estranheza vivida no tornar-se pai fala sobre a ausência de uma tradição que transmita aos homens a paternidade, como ele mesmo afirma: "nossos pais tentaram, à sua maneira, nos ensinar a ser homens, mas não nos ensinaram a ser pais. Os pais deles tampouco lhes ensinaram isso" (p. 12). Nesse sentido, Bydlowski (2008) aponta que a paternidade "parece ser mais frequentemente uma surpresa do que uma declaração aberta" (p. 1) e o homem, muitas vezes estaria fugindo de um desejo que não pode reconhecer como seu, o que o levaria a buscar outras conquistas e investimentos pessoais ou sociais, uma imortalidade que um filho não lhe permitiria antecipar.

Até aqui, consideramos que também é preciso continuar tensionando as construções sociais e culturais que historicamente moldaram esse distanciamento do homem-pai. Raphael-Leff (2019) afirma que historicamente, em muitas culturas, a identidade da mulher esteve fortemente definida por seu papel reprodutivo e maternal. Já os homens precisaram construir identidades masculinas em oposição à maternidade. Com os avanços tecnológicos, como os testes genéticos que confirmam a identidade do pai biológico, a fertilização *in vitro* e a doação tanto de esperma quanto de óvulos, algumas diferenças entre os papéis de mãe e pai começaram a se tornar menos rígidas. A prática onde o homem-pai transmite seu sobrenome como reconhecimento de descendência já não é mais suficiente nesse contexto (Raphael-Leff, 2017).

> Os pais estão tendo que se comprometer em atividades maternais para ganhar a posição paternal, anteriormente garantida a eles pelo nome. Agir como pai, bem como mãe; está se tornando cada vez mais uma atividade contínua. (Raphael-Leff, 2017, p. 89)

Para Raphael-Leff (2017), o homem-pai parece estar cada vez mais reivindicando seus direitos paternais e até mesmo doadores de esperma têm demandado acesso às crianças que geraram. Porém, diferentemente da mulher-mãe que carrega em seu ventre a criança e com isso possui uma prova visível da gestação, o pai espectador pode se sentir (e de fato o é) deixado de lado e ignorado por amigos e profissionais da saúde, por não experienciar os desconfortos físicos da gravidez e do parto. O homem pode inclusive vir a sentir ciúmes da intimidade que a mulher-mãe experiencia com o bebê.

> O contato tátil é feito através da pele de sua parceira, e como ele tenta acariciar o pequenino corpo, ou sente o impacto de seus movimentos, talvez não possa ajudar, mas imagina como o bebê deveria se sentir ao experimentá-lo de dentro de si. (Raphael-Leff, 2017, p. 89)

Consideramos, a partir do trecho apontado por Raphael-Leff (2017), que o papel do pai é paradoxal: mesmo quando está presente, está numa posição periférica, é participante, mas ao mesmo tempo deslocado do centro da experiência. Ao afirmar que o contato tátil do pai com o bebê se dá através da pele da mulher-mãe, a autora evidencia que o corpo do homem não está diretamente implicado no processo gestacional: ele vivencia a gestação de maneira externa, sem a imersão corporal que caracteriza a experiência materna e seu acesso ao filho é sempre mediado pelo corpo da mulher-mãe. Retomamos uma pergunta de Arbex (2025), apresentada no capítulo anterior: em que lugar do homem encontramos “o ventre que gesta a paternidade? (p. 16). Aqui,

questionamos ainda, o que podemos indicar como condições de possibilidade para que o homem desenvolva um vente psíquico para gestar a paternidade? Que condições temos proporcionado para acolher e validar, no pai, esse "ventre" simbólico?

Raphael-Leff (2019) oferece um exemplo concreto de como diferentes culturas buscaram, historicamente, criar espaços simbólicos que reconhecessem o homem-pai e lhe permitissem processar sua entrada na parentalidade. Aponta o resguardo como um rito cultural que contribui para o reconhecimento do processo de transição para a paternidade, retratando de maneira simbólica o comprometimento do homem com o filho. Em algumas sociedades, esse resguardo tem o propósito de proteger a mulher e o bebê dos demônios ou maus espíritos, desviando a atenção deles para a figura paterna. Além disso, é uma possibilidade de escape emocional para os sentimentos intrapsíquicos conflituosos do pai no processo de paternidade, uma maneira de identificação inconsciente com a mulher e o bebê, possibilitando que ele possa desviar sua rivalidade e ambivalência por meio da criatividade.

Nas sociedades industrializadas, diante da ausência de ritos formais, o resguardo parece ser substituído pela formação de sintomas que possibilitam ao homem-pai rejeitar sua hostilidade enquanto aceita punição por isso. Nesse contexto, manifestações psicossomáticas podem surgir como forma de expressar fantasias arcaicas e sintomas como náuseas, vômitos matinais e aumento do peso podem ser um meio de obter reconhecimento do papel paterno e cuidados de profissionais. Outros sintomas mais dispersos também podem ser percebidos, como palpitações e ansiedade aguda (Raphel-Leff, 2017). A autora, assim como outros psicanalistas (Luca; Bydlowski, 2001) não vê essas manifestações como doenças, mas como uma preparação para a paternidade, uma possibilidade empática do homem para com a mulher, descrita pela literatura antropológica como "síndrome da couvade".

Desse modo, diferente de outras culturas onde existiam ritos que funcionavam simbolicamente como uma transição à maternidade/paternidade, nas sociedades contemporâneas esses marcos parecem menos evidentes, o que sugere que o homem precisa lutar por seu espaço, num território historicamente organizado em torno da díade mãe-bebê.

O homem-pai estrangeiro

Aqui, nos interessa lançar luz sobre o lugar de estrangeiro que muitos homens-pais ainda parecem ocupar no território da parentalidade. Se em Zambra (2024) esse estranhamento aparece

na cena da padaria ou nas interações cotidianas em que seu lugar de cuidado junto ao filho é questionado, em estudo realizado por Maciel et al. (2025), no qual foram entrevistados 19 pais, esse estranhamento parece emergir nas falas de homens-pais que se percebem deslocados, ainda que participem ativamente da rotina de cuidados.

Na pesquisa realizada por Maciel et al. (2025), vemos alguns participantes que consideram que a carga materna acerca dos cuidados é maior, mesmo quando o pai é presente e participativo. Um deles afirma: "Nunca vai ser igual porque a mulher sofre muito mais que o homem. [...] Se eu pudesse, eu até amamentaria" (p. 9). Outro declara: "Não chega aos pés do que a T. *(sua esposa)* faz, né, mas eu me dedico ao máximo pra conseguir cuidar do G. *(seu filho)* e apagar da mente tudo isso que, enfim, querem enfiar na cabeça que o pai ajuda a mãe, não concordo com isso" (p. 9). Entendemos que o homem-pai se compara e se percebe em desvantagem frente à primazia materna, sobretudo socialmente.

Outras contribuições dos pais apresentadas por Maciel et al. (2025) evidenciam que em determinadas situações outras mulheres (mães, sogras, companheiras) reforçam essa hierarquia, afastando os pais, corrigindo ou até os substituindo na execução de tarefas, considerando que a tarefa será cumprida melhor do que se o próprio pai a executasse. No relato de um dos participantes, vemos a seguinte fala: "eu peguei umas vezes ali pra limpar, mas quando eu começava a limpar, ela: "não é assim, é assado. Aí eu falei "então termina" [risos]. Aí ela ia e terminava" (p. 09). Outro pai afirma que, diante da esposa e da sogra, ambas experientes, ele se sentia o terceiro, o reserva da reserva.

Longe de ser uma discussão dos tempos atuais, Bydlowski (2008) lembra que na história e na antropologia, a respeito dos nascimentos, existem costumes que regulam a presença ou ausência de homens no parto, seja o pai da criança seja o médico, que até atualmente eram tradicionalmente excluídos. A autora cita diversas obras de arte que retratam nascimentos famosos antes do século XVII[29] com um público exclusivamente feminino. A tradicional ausência masculina refletiria o surgimento de uma proibição relacionada mais especificamente ao olhar masculino, de modo que o lugar de cuidado do homem-pai ao filho era socialmente regulado e sua atuação vigiada e corrigida.

Ainda que muitas mudanças tenham ocorrido no que se refere ao lugar do pai na época citada por Bydlowski (2008) até agora, ela afirma que ainda hoje em dia, em muitos espaços, eles

[29] "Nascimento da Virgem, de D. Ghirlandajo e Andrea Del Sarto; Nascimento de São João Batista, de D. Ghirlandajo e Giotto" (Bydlowski, 2008, p. 4).

são tolerados mais do que acolhidos, “a menos que o obstetra seja um ativista da paternidade” (p. 7). Davoudian (2022) destaca as denominações vigentes em instituições que recebem crianças e famílias: “proteção materno-infantil, unidades mãe-bebê, maternidades, casas maternais, lares maternais” (p. 125). A autora afirma que isso diz muito sobre o lugar do pai em uma cultura profissional que por muito tempo privilegiou a díade mãe-bebê.

Retornando a Zambra (2024), consideramos que a cena inicial em que o autor escutou de outro homem a frase que dá nome a este capítulo: (“e esse menino não tem mãe?”), nos diz de uma estrutura em que o cuidado é socialmente reconhecido como um território materno-feminino. Ao ver um pai sozinho com o filho, o homem parece supor imediatamente uma ausência, afinal, se há um homem ocupando um lugar de cuidado, é porque faltou uma mulher-mãe. Trazemos aqui um questionamento feito por Belo et al. (2019): é preciso ser mulher para cuidar de crianças?

Belo et al. (2019) fazem críticas à teoria da maternidade em Winnicott, apontando que em diversos trechos esse autor relega um papel secundário à paternidade ao afirmar que são as mães que devem ocupar o lugar dos cuidados infantis. Afirmam que “por ora, a despeito do sentido do “naturalmente”, fica evidente que para Winnicott é incoerente um homem saber sobre o que é cuidar de filhos” (Belo et al., 2019, p. 4).

No texto “Um homem encara a maternidade” (1957/2022), Winnicott afirma que é um homem e, portanto, jamais saberá o que se sente ao “ver ali embrulhado uma parcela do meu próprio ser, um pedaço de mim vivendo uma vida independente” (p. 2). O autor argumenta que só uma mulher poderia sentir e/ou imaginar essa experiência, mesmo que por algum motivo não tenha a prova real ou concreta, isto é, mesmo que não tenha filhos. Belo et al. (2019) apontam, a partir desse texto, que Winnicott apresenta uma construção de gênero marcada por fatores biológicos e que não problematiza construções que também são sociais. A respeito do título do texto, em inglês é *“A man looks at motherhood”,*[30] os autores questionam sobre os perigos que devem ser encarados e afirmam que é preciso certa coragem para que homens encarem a maternidade.

Ainda sobre o texto de Winnicott (1957/2022), nos perguntamos, mesmo quando Winnicott dedica escritos ao papel do pai, eles parecem escassos e frequentemente mantêm o olhar voltado para a maternidade e para a mulher. Visto que o próprio título do texto nos leva a

[30] Em tradução direta, pode ser lido como: “um homem olha para a maternidade”.

esperar que Winnicott abordasse a experiência paterna no envolvimento com a maternidade - ainda assim, nos questionamos: por que na maternidade e não na própria paternidade? No entanto, não é exatamente com o que nos deparamos, uma vez que a experiência materna é amplamente narrada e descrita, por vezes até de maneira totalizante. De que forma poderia, por exemplo, uma mulher que não tem filhos saber mais da experiência de cuidado do que um pai que, conforme defendemos até aqui, vivencia isso no corpo e em sua travessia psíquica?

Essas questões nos levam também à maneira como Winnicott formulou teoricamente a experiência de cuidado nos momentos de dependência absoluta. Para Belo et al. (2019), ao descrever o *holding*, o autor se refere à adaptação sensível do cuidador às necessidades do bebê, isto é, à capacidade do ambiente de se adaptar a ele de forma viva e não mecânica. No entanto, os autores argumentam que, assim como Winnicott exclui a possibilidade de uma máquina ou de um cuidador mecânico ser efetivamente sensível às necessidades do bebê (condição necessária para a oferta de um *holding* suficientemente bom), o homem-pai também acaba sendo excluído desse lugar.

Para Winnicott, a condição que possibilita o *holding* seria a preocupação materna primária. A gravidez apareceria, então, como um fator para o surgimento dessa preocupação, bem como para o desenvolvimento da capacidade de adaptação às necessidades do bebê. Nessa perspectiva, o "saber natural" das mulheres acerca dos bebês estaria relacionado ao corpo e às transformações ocorridas durante a gestação, que prepariam a mulher para a maternidade.

Além do questionamento sobre a possibilidade do *holding* paterno, Belo et al. (2019) destacam ainda um conceito proposto por Winnicott (1964a/2021), intitulado de medo da "MULHER"[31], que para o autor, é a mãe não reconhecida dos primeiros estágios de vida de todo homem e de toda mulher. Winnicott (1964a/2021) afirma que, no início, todas as pessoas foram dependentes de uma mulher, assim como as bases da saúde mental também foram estabelecidas por uma mulher que "fez bem o suficiente aquilo que precisava fazer" (p. 119).

> Todos nascem com tendências hereditárias para o amadurecimento, mas para que elas se concretizem é necessário um ambiente facilitador suficientemente bom. Isso significa

[31] Em seu texto *"Este feminismo"* (1964a/2021), Winnicott aborda o conceito de "MULHER", grafado em letras maiúsculas. Ele afirma que todos nascem com uma tendência inata ao amadurecimento, mas que esse processo depende da presença de um ser humano real, capaz de uma adaptação sensível às necessidades iniciais do bebê. Nesse contexto, sustenta que esse ser humano é a mulher, geralmente a mãe. Em razão da imaturidade do bebê, essa mulher-mãe situada no período de dependência absoluta não é reconhecida.

> uma adaptação inicial sensível da parte de um ser humano. Esse ser humano é mulher e, geralmente, mãe. (Winnicott, 1964a/2021, p. 110)

A partir dessa consideração, Winnicott pressupõe que no começo da vida psíquica todos dependeram de uma mulher que se adaptou sensivelmente às suas necessidades. Assim, o cuidado inicial é associado à presença de uma mulher, geralmente a mãe. Segundo Belo et al. (2019), ao teorizar sobre o conceito de MULHER dessa forma, Winnicott acaba pré-determinando a relação entre sexo feminino e cuidado, visto que o conceito articula a dependência inicial do bebê à figura feminina, reforçando a ideia de que as mulheres seriam naturalmente aquelas que ocupam o lugar de cuidado nos primeiros momentos da vida. Por fim, Belo et al. (2019) afirmam que, avaliando contextualmente a história de cada indivíduo, para além de apenas a presença obrigatória de uma mulher nos momentos iniciais, é possível ainda, descobrir a presença de "um HOMEM, uma AVÓ, uma CRECHE[32] ou qualquer outra denominação para aquela figura que permitiu o estabelecimento da dependência." (p. 7).

Nesse sentido, Zambra (2024) nos permite observar como a experiência da paternidade[33] ainda aparece atravessada por certo estranhamento social. Quando o pai ocupa diretamente o lugar do cuidado, sua presença parece deslocar expectativas que historicamente foram associadas à figura materna. O autor escreve que talvez os pais sejam, no fundo, padrastos de seus próprios filhos e afirma desejar escutar histórias em que os filhos possam dizer: "meu pai foi meu verdadeiro pai". Se a biologia assegura um lugar, há também o anseio de ser escolhido como pai e sustentar essa posição. Nesse sentido, Zambra parece retomar uma questão já formulada por outros autores aqui mencionados: o lugar do pai não se consolida apenas pelo ato de nomear ou pelo vínculo biológico. Antes, trata-se de um lugar que precisa ser construído na relação do par (pai-bebê), experienciado cotidianamente e também validado pelo social e pela mulher-mãe.

Como pensar, então, o lugar do homem-pai a partir de um lugar próprio, longe do mimetismo do materno? Retomando Camarotti (2021), vemos que o pai tem um estilo próprio de se relacionar com o filho, estimulando mais a criança e apresentando melhores performances no

---

[32]Aqui, os autores trazem em letras maiúsculas, uma referência ao conceito de "MULHER", de Winnicott (1964a/2021), mencionado anteriormente.

[33]Retomando o que foi trabalhado no primeiro capítulo, denominamos de "experiência da paternidade" elementos advindos do que Rocha (2008a) propõe sobre a experiência. Ele a compreende como uma forma de saber que ultrapassa o simples conjunto de vivências, constituindo-se como uma travessia por meio da qual o sujeito elabora aquilo que vive, integra o vivido à sua subjetividade e se transforma no encontro com as exigências da vida. Nesse sentido, tomamos a experiência da paternidade como parte do processo pelo qual o homem, no gesto cotidiano do cuidado e na relação objetiva e intersubjetiva com o filho, constitui sua travessia em direção à paternidade.

que se refere, por exemplo, à alimentação. A autora afirma que “os pais limpam menos e brincam mais, sorriem menos, vocalizam menos, mas cutucam mais e movimentam mais as pernas do bebê, numa tentativa de fazê-lo pedalar” (p. 3). Consideramos que todas essas diferenças trazem a marca do paternar do pai que, longe de ser um estrangeiro, exerce a paternagem com seu corpo e psique (Camarotti, 2021).

Reconhecer a existência de um modo próprio de paternar nos leva, então, a interrogar o corpo do pai e as marcas que ele imprime na relação com o filho. Esse lugar, contudo, não se constrói isoladamente, mas também diante da mulher-mãe e da intimidade inicialmente estabelecida entre ela e o bebê.

O tornar-se pai diante da mulher-mãe

Em *Literatura infantil* (2024), acompanhamos Zambra tornar-se pai não apenas na relação direta com o filho, mas também diante da sua companheira, que se torna mãe. Antes de explorarmos essa questão, retomamos uma pergunta que surgiu no diário de pesquisa. Para isso, iniciamos a discussão com uma formulação apresentada por Winnicott (1971/2019), na qual o autor pensa o mar e a praia como representações da relação entre homem e mulher, e a criança surge dessa união. Ele escreve:

> Então, quando me tornei estudante do simbolismo inconsciente, eu soube (pois sempre se sabe) que o mar é a mãe e que a criança nasce na beira da praia. Os bebês saem do mar e são vomitados na praia, como Jonas e a baleia. Então a praia é o corpo da mãe, uma vez que a criança nasceu, e mãe e bebê, agora viável, começam a se conhecer (Winnicott, 1971/2019, p. 119).

Com base na consideração do autor, escrevi no diário de pesquisa os seguintes questionamentos:

✳

Corpo-praia, corpo-pai

(Recorte do diário de pesquisa)

Se Winnicott escreveu que o corpo da mãe é o mar e que a criança nasce na beira da praia. O que é o pai, então? O que é o corpo do pai, com suas diferenças?

Seria o pai o chão que o bebê pisa após o tempo de fusão com a mãe, depois de ter morado no corpo-mar da mãe por aproximadamente 9 meses?

A pergunta permaneceu em aberto no diário. Se, na imagem de Winnicott (1971/2019), a praia é o corpo da mãe, como pensar o corpo do pai e as marcas que ele imprime na relação com o filho? Foi nesse ponto que a crônica *"A função da arte/1"*, de Galeano (2016), nos ofereceu uma outra imagem do encontro entre pai, filho e mar.

Na crônica, Diego não conhecia o mar, e o pai o levou para descobri-lo. Para alcançá-lo, os dois atravessam um longo caminho e sobem as dunas que ainda o mantinham longe dessa visão:

> Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar! (Galeano, 2016, p. 13)

A aproximação entre as imagens de Winnicott (1971/2019) e Galeano (2016) nos leva a pensar os diferentes sentidos atribuídos ao mar nos dois textos. Se, em Winnicott, o mar remete ao corpo materno, do qual a criança emerge ao nascer na praia, em Galeano pensamos o corpo-pai diante de um mar-mundo, que se apresenta em sua imensidão e alteridade. O pedido "me ajuda a olhar" parece nos aproximar da ideia de um *holding* paterno, conforme propõem Belo et al. (2019).

Retomamos, então, a pergunta que ficou no diário de pesquisa: o que é o corpo do pai, com suas diferenças? A partir de Camarotti (2021), pensamos o corpo-pai como aquele que se inscreve na relação com o filho por meio de gestos, ritmos motores, estímulos sensoriais e formas próprias de brincar e cuidar. O pai deixa marcas desde muito cedo na relação com o filho, como admitem Camarotti, Sampaio e Melgaço (2024), embora essas marcas se inscrevam de maneira distinta daquelas associadas à experiência materna. Nesse sentido, ainda que a narrativa de Zambra não forneça tantos elementos para discutir com maior profundidade o homem-pai na relação com sua companheira, reconhecemos na narrativa do autor momentos quando pareceu desempenhar um papel de sustentação à díade, assim como pareceu ocupar um lugar junto ao filho, ocupado tanto quando a parceira não está presente quanto quando ela está.

Pensar o corpo-pai a partir dessas diferenças nos permite retornar à questão que orienta este tópico: de que modo o lugar do pai se dá também no interior da relação conjugal e ainda, como ele pode construir e sustentar um lugar próprio diante da mulher-mãe, sem que sua participação seja compreendida como uma reprodução ou substituição do materno?

De acordo com Dias (2022), na teoria winnicottiana o pai participa mesmo que não diretamente no início da relação mãe-bebê; a qualidade da sua presença no ambiente é de extrema importância tendo em vista o sentimento da mãe de estar protegida e amparada, que depende em certa medida do que o pai é capaz de fornecer. Para explorar um pouco mais a figura do pai em sua relação com a mulher-mãe, gostaríamos de trazer um trecho de *Literatura Infantil (2024)*, em que Zambra fala sobre a preparação para a chegada de Silvestre. Ele relata que ao lado de Jazmina, sua companheira, começou a preparar uma pequena biblioteca para o filho. Em sua escrita dirigida a Silvestre, conta que assim que souberam que ele estava a caminho, passaram a frequentar por horas as seções infantis das livrarias, procurando os livros que ele leria no futuro. Mesmo naquele momento em que ainda não sabiam nada sobre o filho, já conheciam alguns dos livros que um dia leriam juntos. Sabemos ainda que Zambra é autor de diversas outras obras além do livro trabalhado nesta dissertação e que Jazmina também é escritora[34]. Lembrar disso nos parece dizer do desejo que envolve o casal e que antecede a chegada do filho; nesse sentido, a pequena biblioteca preparada antes mesmo de seu nascimento pode ser pensada como uma espécie de simbolismo desse lugar que já se abre para ele.

Winnicott (1966a/2020) afirma que um bebê começa quando a ideia de sua existência é concebida; a própria palavra conceber também pode significar criar ou imaginar uma ideia. Para o autor, um bebê pode ser concebido sem chegar a ser uma ideia na mente, mas também é possível que comece a existir no exato instante em que é desejado pelos dois parceiros. Lebovici (1987), por sua vez, considera que existem cinco tipos de representações parentais, entre elas o bebê imaginário, que corresponde ao bebê das fantasias conscientes e pré-conscientes, produto do desejo de ter um filho. Assim, consideramos que, antes mesmo de sua presença concreta, o bebê já começa a existir no psiquismo dos pais. No mesmo texto, Winnicott acrescenta que "criar mentalmente é algo presente na brincadeira de muitas crianças com mais de dois anos" (p. 43). A partir disso, apesar de autores como Winnicott e Stern defenderem que o pai participa ativamente da relação com o filho somente em um momento posterior, aqui gostaríamos de destacar o papel do pai também enquanto um "criador", juntamente com a mulher-mãe da criança que está por vir.

[34] Não teremos como abordar o aspecto de Jazmina também ser uma escritora, mas considero importante mencionar que, assim como Zambra relata sua experiência de paternidade, ela escreveu sobre a experiência da maternidade no livro *Línea Nigra*, publicado em 2023 pela Editora Moinhos.

Ainda no que se refere à relação do pai com a mulher-mãe, no capítulo "*Teonanácatl*", Zambra (2024) descreveu uma experiência ocorrida enquanto Jazmina e o filho participavam de um curso de primeiros socorros. Naquele dia, ele sofreu uma crise intensa de cefaléia em salvas e decidiu não ir para o curso que ele juntamente com Jazmina havia proposto. Por indicação de um amigo, Zambra tentou uma nova opção para tratar a cefaléia: um chocolate contendo *pajarito*, que é um cogumelo alucinógeno tradicionalmente chamado de *teonanácatl*. Com isso, o autor narrou que a substância elimina sua dor, mas o conduz a um estado alterado de consciência que atravessa lembranças, fantasias e reflexões sobre a própria paternidade.

Enquanto aguardava o retorno de Jazmina e Silvestre, Zambra viveu situações inusitadas: acreditou ter visto uma cantora famosa tocando sua campainha, perdeu o controle dos próprios movimentos, tentou engatinhar pela casa e se viu incapaz de executar tarefas simples. A narrativa assumiu um tom quase onírico e em meio a esse estado, a figura do filho apareceu repetidamente em seus pensamentos: ele imaginou Silvestre no futuro, o próprio envelhecimento e até projetou a possibilidade de o filho testemunhar suas crises de enxaqueca, assim como um amigo testemunhou a doença do pai. Ao final do capítulo, quando os efeitos do cogumelo começaram a diminuir, Zambra decidiu caminhar até a casa ao lado e verificar se o curso de primeiros socorros que ele faltou devido à dor de cabeça ainda estava acontecendo. Nesse momento, escreveu algo que gostaríamos de explorar um pouco mais aqui:

> Quando por fim tive certeza de que não desmoronaria, recebi o ar fresco da noite como uma bênção. Idealizava a cena iminente: antecipava, ou melhor, visualizava previamente e com ansiedade Jazmina e Silvestre; imaginava que se fundiam, que voltavam a ser uma única pessoa. (Zambra, 2024, p. 47)

Nesse trecho, nos deparamos com a angústia de um possível retorno à fusão inicial que acontece entre mãe e filho, que coloca o homem-pai diante de uma intimidade da qual só participa de modo indireto. Retomando Raphael-Leff (2019), diferentemente da mulher grávida, cuja relação com o bebê se inscreve de maneira visível e corporal, o pai frequentemente ocupa uma posição de espectador. Seu contato com o bebê é mediado pelo corpo da parceira: ele toca o ventre, sente os movimentos fetais através da pele da mulher e imagina, a partir dessa mediação, a experiência do bebê. Nessa condição, o homem pode se sentir excluído da intimidade entre a companheira e o filho, chegando a experimentar ciúme dessa experiência. Assim, quando Zambra imaginou Jazmina e Silvestre novamente fundidos, sua fantasia pareceu trazer luz a essa posição

de exterioridade, com o corpo da mulher-mãe se tornando, novamente, um corpo que o separa de uma experiência à qual ele não teve acesso direto.

Se, como afirma Cullere-Crespin (2004), o pai pode ocupar a posição daquele que torna a mãe "não completamente" devotada ao filho, funcionando inicialmente como sustentador e posteriormente como agente de separação da díade mãe-bebê, o que ocorre com o homem para que essa função possa ser exercida? Isto é, antes de atuar como um terceiro na relação mãe-bebê, compreendemos até aqui que o pai atravessa um processo psíquico que lhe permite sustentar esse lugar. Em outro trecho, Zambra escreveu que talvez os pais sejam, no fundo, padrastos de seus próprios filhos e afirmou desejar escutar histórias em que os filhos possam dizer: "meu pai foi meu verdadeiro pai" (p. 16). Se, por um lado, a biologia possibilita um lugar, por outro lado, aponta para o anseio de ser escolhido como pai. A partir disso, o autor parece retomar uma questão formulada por outros autores aqui mencionados (Bydlowski, 2019; Raphael-Leff, 2019): o lugar do pai não se dá apenas pelo ato de nomear ou pelo vínculo biológico. Trata-se de um lugar que precisa ser construído na relação entre o par (pai-bebê), experienciado cotidianamente e também validado pelo social e pela mulher-mãe.

A partir de Winnicott (1949/1985), sabemos que o pai desempenha um papel importante para que a mãe se sinta bem; cabe a ele criar um espaço para que ela, imersa na preocupação materna primária, se sinta protegida e livre de preocupações externas. Compreendemos que Zambra parece ocupar um lugar de sustentador à mulher: por exemplo, num dos primeiros momentos após o nascimento de Silvestre, Zambra, ao perceber a exaustão de Jazmina, permaneceu desperto durante a noite, segurando o filho e verificando repetidamente se ele continuava respirando. Ao narrar que o seu próprio respirar incomodava porque impedia de escutar a respiração do filho e garantir que ele estivesse bem, consideramos que o autor pareceu ocupar uma posição de atenção e cuidado, sustentando a mulher-mãe que recém deu à luz. Em outros momentos, essa sustentação apareceu também na reorganização de seu próprio tempo e das atividades cotidianas, como no trecho em que Zambra relatou que passou a dormir quando o filho dormia, incorporando o ritmo de sono irregular do recém-nascido, o que consideramos que surgiu a partir de uma identificação com o filho.

Por fim, há um outro trecho que gostaríamos de ressaltar que diz respeito ao papel de sustentador do homem-pai e à sua relação com a mulher-mãe. Zambra (2024) narrou uma das brincadeiras com o filho em que ele e Jazmina participavam, cada um à sua maneira. Durante um

dia de chuva, a mãe imitou os trovões e ele, os relâmpagos. Este trecho parece nos apresentar dois modos distintos de participação na experiência do cuidado, como afirma Camarotti (2021), acerca das diferenças dos ritmos motores e estímulos sensoriais deixados pelo pai na relação com o filho, o que contribui para a diferenciação e para a constituição do bebê.

> No pai, todos os gestos são diferentes e fortemente libidinizados. O modo como o pai interage com seu bebê, a forma como o carrega, como dele cuida provoca estados de alerta e de tensão, bem como de ritmos motores que são diferentes dos provocados pela mãe. (Camarotti, 2021, p. 3)

Acreditamos que o pai imprime marcas no filho desde muito cedo, diferentes daquelas da mãe, o que traz à tona a necessidade de pensarmos sobre a hipótese de um idioma próprio em que a paternidade se inscreve e que possibilita ao homem-pai desempenhar a função de sustentador da díade e, em momento posterior, de separador. Atua, portanto, enquanto pai e não como mãe substituta, tampouco a partir de um mimetismo do materno. Portanto, a questão que retomaremos no próximo tópico é: quais as condições de possibilidade para que esse homem desempenhe essas funções?

Elementos de uma travessia psíquica

Pensamos anteriormente nesta dissertação, a partir de Winnicott a importância do papel do pai inicialmente - na dependência absoluta - como mãe substituta e sustentador da díade mãe-bebê, sendo reconhecido como pai e terceiro apenas posteriormente. Portanto, nos perguntamos: que recursos psíquicos lhe permitem ocupar esse lugar de cuidador? A partir da noção de elementos femininos e masculinos puros em Winnicott (1966b/2005), consideramos que tanto homens quanto mulheres são marcados por uma bissexualidade psíquica e que, até mesmo para uma mulher-mãe ocupar o lugar de cuidado junto ao bebê, é necessário que ponha em funcionamento elementos femininos puros suficientemente integrados. Aqui, reafirmo que o uso do termo “até mesmo” decorre do que foi trabalhado ao longo desta dissertação, na qual compreendemos que, por muito tempo, o lugar de cuidado foi atribuído à figura da mulher. Contudo, tanto os elementos femininos quanto os masculinos puros, na teoria winnicottiana, não dizem respeito ao sexo biológico, mas à possibilidade de SER e de permitir que o bebê seja.

A partir disso, ancoradas em Camarotti, Sampaio e Melgaço (2024), pensamos os elementos femininos puros enquanto via de possibilidade para que o homem-pai possa ocupar o lugar de cuidado e sustentação da díade desde muito cedo, não como uma mãe substituta, mas

como pai. Reafirmamos que cada díade é marcada por sincronismos próprios e o bebê busca interações diferentes ao estar com o pai ou com a mãe. Portanto, não tivemos como objetivo trabalhar a travessia à paternidade de modo a encaixar nela a experiência da mulher que se torna mãe, visto que Lebovici (1987) afirma que pai e mãe são vivenciados como diferentes pelo bebê desde as primeiras interações, embora ainda não faça essa distinção de modo tão claro.

Sustentamos que a travessia à paternidade implica a possibilidade de construção de uma língua paterna; com Arbex (2025), compreendemos que a paternidade envolve uma gestação psíquica, um processo que implica a transformação do investimento narcísico em investimento objetal, o que só se torna possível por meio da elaboração de sucessivos lutos. Para que o homem-pai elabore sua gestação psíquica é necessário a possibilidade de perda, isto é, o processo de luto diante das feridas narcísicas e da aceitação da sua finitude, que será realocada para a esperança de se satisfazer a partir do êxito do filho. Sendo assim, em nossa leitura de Zambra, pensamos que uma das condições de possibilidade para o pai "gestar" é perder seu lugar de filho, como afirma Zambra a partir de um trecho escrito por Julio Ramón Ribeyro[35]:

> O nascimento de um filho anuncia um futuro vasto do qual não faremos parte totalmente. Julio Ramón Ribeyro resumiu muito bem: "O dente que nasce nele é o dente que perdemos; o centímetro que ele cresce, é o que diminuímos; o brilho que ele adquire, é o que em nós se extingue; o que ele aprende, é o que esquecemos; e o ano que ele soma, é o que nos é subtraído" (Zambra, 2024, p. 11).

Com isso, pensamos a escrita de Zambra como uma espécie de "dança das cadeiras", na qual um dos elementos da travessia psíquica consiste em desocupar o lugar de filho, ao mesmo tempo em que passa a ocupar o lugar de pai - sem, contudo, perder a condição de filho - permitindo ainda que seu próprio pai venha a ocupar a posição de avô. Nesse sentido, Zambra (2024) afirma que ao ter um filho, o homem volta a ser filho, elaborando um retorno aos cuidados que um dia lhe foram dedicados. Compreendemos esse duplo movimento como uma das condições de possibilidade para pensar o acesso ao "ventre psíquico", tal como proposto por Arbex (2025), e a experiência da paternidade, que orientaram nossos questionamentos ao longo deste trabalho.

A travessia à paternidade não se sustenta apenas na relação direta com o filho, mas se ancora na possibilidade de reorganização da própria história de filiação. O homem-pai é

[35] Julio Ramón Ribeyro é um autor peruano mencionado por *Zambra em Literatura infantil (2024)*. O trecho mencionado se encontra no livro Prosas apátridas: completas, publicado em 2016 pela editora Rocco.

convocado a revisitar suas experiências infantis, suas identificações e os modos como se constituiu na relação com seus próprios pais - na obra de Zambra, especialmente com o pai.

Sobre isso, retomamos brevemente a constelação da maternidade descrita por Stern (1997), segundo a qual o nascimento do filho inaugura, para a mulher, uma profunda reorganização psíquica que passa a reger temporariamente suas ações, sensibilidade, fantasias e medos. Tal reorganização parte de três discursos distintos que se correlacionam - o da mãe com sua própria mãe, o discurso da mãe consigo mesma, agora enquanto mãe e, por fim, o discurso com o bebê. Se, para Stern (1997) o nascimento do bebê convoca na mulher uma profunda reorganização que passa a reger temporariamente sua vida psíquica, algo que pode durar meses ou até anos, pensamos que também o homem-pai pode ser convocado a um movimento similar de reorganização psíquica, ainda que por vias próprias e não equivalentes às da mulher-mãe.

Portanto, foi a partir da pergunta *"e esse menino não tem mãe?",* que este capítulo buscou explorar como a experiência de tornar-se pai se inscreve em um campo atravessado por expectativas sociais. A partir de Zambra, nos deparamos com uma escassez de discursos e heranças culturais que transmitem aos homens um lugar ou uma tradição que os envolva em assuntos de criação, sendo o cuidado considerado um território predominantemente materno.

Na obra, o pai aparece simultaneamente como aquele que participa ativamente dos cuidados, mas também como aquele que se percebe deslocado, observado de fora e, por vezes, mais tolerado do que acolhido. Nesse sentido, concordamos com Raphael-Leff (2019) quando aponta o lugar paradoxal do pai que, mesmo presente, pode ser relegado a uma posição periférica em relação à experiência materno-infantil. Nesse contexto, o homem-pai frequentemente se vê colocado numa posição de estrangeiro, seja nas interações cotidianas, como na cena narrada por Zambra na padaria, seja nas relações entre os homens, onde a paternidade ainda aparece como uma experiência pouco compartilhada ou transmitida.

A travessia psíquica do homem-pai não se reduz, portanto, à uma função previamente dada. Ela convoca o homem a revisitar suas relações intersubjetivas com figuras chave (seus pais, sua companheira) e a construir modos de estar junto ao filho, diante da mulher-mãe e sob o olhar de uma cultura que por muito tempo lhe reservou sobretudo um lugar à margem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso desta dissertação, tomamos algumas questões como fio condutor, uma delas foi: em que medida as formulações psicanalíticas clássicas sobre o pai - particularmente aquelas presentes nas obras de Winnicott e Stern - ainda dão conta de pensar a vivência contemporânea da paternidade? Partimos da perspectiva de que diante das transformações nas configurações familiares, o tornar-se pai não se reduz ao lugar tradicionalmente atribuído ao homem como sustentador da díade mãe-bebê, ainda que essa função permaneça importante.

Nesse contexto, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar a metamorfose psíquica perinatal do homem na obra *Literatura infantil: cartas ao filho*, de Alejandro Zambra. Enquanto objetivos específicos, buscamos compreender o processo de construção psíquica e as condições de possibilidade da experiência da paternidade, desenvolver interlocução com a narrativa de Alejandro Zambra sobre os aspectos que marcaram a sua construção da paternidade, na obra *Literatura infantil: cartas ao filho* e por fim, desvelar elementos relativos à metamorfose psíquica paterna, advindos da articulação entre o texto de Zambra e recortes da literatura psicanalítica sobre a paternidade.

Tomamos como hipótese que, na travessia e na construção da experiência da paternidade, assim como a mulher, o homem também vivencia uma metamorfose psíquica, como proposto por Missonnier (2017), e que essa metamorfose abre a possibilidade de sua participação ativa no cuidado com o filho. Consideramos aqui que a metamorfose da paternidade se dá a partir de um lugar próprio, implicando a construção de uma língua paterna, vivida de maneira diferente da mulher-mãe e do corpo que gesta. Assim, a travessia do homem em direção à paternidade, como propõe Arbex (2025), não se impõe de modo visível, se constrói antes como um trabalho que envolve uma gestação psíquica no homem-pai.

Retornamos, assim, a uma das questões que atravessaram este trabalho: quais condições de possibilidade permitem ao homem construir uma experiência da paternidade e desenvolver um ventre psíquico capaz de gestá-la? Vejamos, ao retornar a Zambra: “com você no colo, vejo pela primeira vez, na parede, a sombra que formamos juntos. Você tem vinte minutos de vida.” (Zambra, 2024, p. 11). Nesse trecho, um pai segura o filho recém-nascido e diante da parede, vê

surgir a sombra dos dois corpos justapostos. Não é apenas o nascimento de uma criança que surge, mas também algo da ordem do nascimento psíquico de um homem-pai que, naquele instante, inaugura de forma mais concreta sua travessia à paternidade. A cena nos traz também alguns elementos da construção de uma experiência da paternidade, já que, a partir desse encontro o homem é convocado a investir psiquicamente no filho, e a reorganizar sua própria posição na cadeia geracional. Golse (2019) afirma que jamais morre em nós o bebê que fomos; em Zambra, entramos em contato com um pai que, ao segurar seu filho, retorna ele mesmo ao lugar de filho.

Ao longo do primeiro capítulo-eixo, ao tomarmos a obra de Zambra como campo de escuta, pudemos acompanhar que o tornar-se pai não se inaugura apenas como um fenômeno biológico ou jurídico, mas é na relação com o filho que surge um espaço inaugural da paternidade. É no encontro com Silvestre, nos gestos cotidianos, nas manhãs compartilhadas e nas pequenas invenções do dia a dia que a experiência da paternidade é vivida. A partir de autores como Lebovici, Zornig e Golse, compreendemos que o filho ocupa, desde antes de seu nascimento, um lugar no psiquismo do homem-pai, mobilizando representações fantasmáticas, imaginárias, narcísicas e culturais.

Zambra afirma que mais do que lembrar ou relatar, “quem escreve tenta ver as coisas como se fosse pela primeira vez, ou seja, como uma criança” (2024, p. 15). Penso que a escrita do autor nos ofereceu uma possibilidade de “ler a Psicanálise pelos olhos da ficção”, nos aproximando do que foi proposto no início da dissertação a partir do que consideram Branco e Sobral (2019) acerca de uma escuta poética. Aqui, as representações mencionadas anteriormente parecem se atualizar no encontro com o filho e surgem na escrita, que se torna um gesto narrativo no qual o homem-pai se reinscreve em sua filiação, agora do lado daquele que transmite. Com isso, escrever sobre o filho/ao filho parece fundar um modo de elaboração de diferentes travessias - a da posição de filho à de pai e a de vivência que se torna experiência.

Diante disso, consideramos que a escrita traz possibilidade de elaboração psíquica, de reorganização da história de Zambra enquanto filho para posteriormente escrever ao filho, para que Silvestre se torne seu destinatário. Trabalhamos essa questão a partir do que Golse (2019) afirma sobre a importância de uma história relacional para a criação de uma terceira história, a partir das duas primeiras: do cuidador e do bebê. Cada um do par conta uma história ao outro, e juntos criam a terceira, que tem raízes nas outras duas: a do adulto que já viveu e do bebê que

passa a viver. O autor considera que essa reelaboração é mais importante para o adulto, que está mais distante de sua história arcaica; sobre isso, Zambra parece nos dar notícias no trecho em que diz sobre a infância dele e do filho "a sua, incipiente, e a minha, distante" (Zambra, 2024, p. 13).

Nesse sentido, estimamos ter sido a escrita um dos caminhos que possibilitou o acesso de Zambra à paternidade. Como ele trouxe em um dos trechos, quem escreve é como se estivesse retornando de uma doença e de certo modo da morte e aprende de novo a caminhar. A paternidade surge como uma espécie de convalescença que permite que se aprenda tudo de novo. Consideramos então, que o ventre psíquico que gesta a paternidade, na narrativa de Zambra, não se constrói sem que algo da própria história dele seja novamente convocado, com o próprio filho, com as figuras parentais e diante da mulher-mãe. Ao mesmo tempo que é também pela escrita que as vivências desse encontro podem se aproximar de uma experiência, no sentido proposto por Rocha (2008b), ainda que as palavras não possam traduzir inteiramente a riqueza do que foi vivido.

Entre as condições de possibilidade que permitem ao homem-pai ocupar um lugar próprio de cuidado, destacamos, como desenvolvemos no terceiro capítulo, a integração dos elementos femininos e masculinos puros proposto por Winnicott (1966b/2005) e o trabalho de uma gestação psíquica (Arbex, 2025), que demanda do homem-pai a elaboração de lutos e o deslocamento da posição de filho para a de pai, sem que uma exclua a outra.

Tal deslocamento, no entanto, se apresenta marcado por ambivalências, como pudemos acompanhar ao longo do segundo capítulo; Bydlowski (2019) propõe que o nascimento de um filho é um cenário de intenso tumulto emocional, trazendo consigo uma convocação ao arcaico, um abalo de identidade, assim como de questões genealógicas e transgeracionais. Nesse sentido, tornar-se pai não implica simplesmente retomar o pai que se teve, mas se ver novamente implicado na relação com ele, agora a partir de uma intensa reorganização psíquica.

Como foi possível acompanhar em *Literatura infantil* (2024), essa reorganização surgiu em sua escrita na relação com o próprio pai, atravessada por ambivalências desde antes de tornar-se pai. Porém, foi na sua travessia à paternidade que o autor passou a escrever e narrar certos acontecimentos - que, mesmo enquanto escritor, afirma não ter escrito nem falado anteriormente - como os relatados no capítulo *"Assaltante de olhos azuis"* e na carta que escreveu ao pai. Sendo assim, compreendemos, a partir de Missonnier (2017), que a construção da paternidade implica a reatualização de conflitos edípicos e a redistribuição dos espaços do

paterno e do masculino, demandando do homem-pai a possibilidade de sustentar uma relação menos dicotômica com suas figuras parentais. Tal possibilidade advém de um amadurecimento no "laboratório edípico" e, conforme proposto por Raphael-Leff (2019), nem todos os homens apreendem e elaboram uma experiência. Ou seja, consideramos que é necessário que o homem-pai elabore tanto as faltas paternas quanto os "acertos" em sua própria constituição como pai, movimento esse que possibilita que o homem se desloque da posição de filho para a de pai.

Nesse sentido, propomos uma constelação da paternidade que também se organiza em torno de eixos próprios. Assim como na trilogia materna, o homem-pai pode ver-se convocado por diferentes discursos que se correlacionam: o discurso com seu próprio pai e com as figuras parentais de sua infância, o discurso consigo mesmo enquanto filho, agora confrontado com sua posição de pai, e o discurso que passa a construir com o bebê nos cuidados cotidianos. Tais discursos exigem reelaboração psíquica, reatualizam conflitos infantis e deslocam identificações.

Dessa forma, consideramos que falar em constelação da paternidade permite nomear o conjunto de ações, medos e fantasias que fazem parte da travessia do homem em direção à experiência da paternidade. Isto é, a inscrição do filho em seu psiquismo, o trabalho de elaboração de sua própria história de filiação, a possibilidade de sustentar o cuidado no dia a dia junto ao filho, os remanejamentos identitários exigidos pela passagem geracional e a construção de uma língua paterna própria.

Consideramos importante reafirmar que, ao propor uma constelação da paternidade, não pretendemos equivaler maternidade e paternidade, tampouco "encaixar" uma experiência à outra. Trata-se, antes, de assumir uma posição de que a travessia à paternidade também parece convocar uma nomeação que acolha sua singularidade.

Se ao longo desta pesquisa, tomamos que o nascimento de um filho implica reorganizações psíquicas importantes, consideramos que no homem esse processo se dá não pelo corpo que gesta, mas por uma gestação psíquica, conforme trabalhou e se questionou Arbex (2025): onde podemos encontrar no pai o ventre psíquico que gesta a paternidade? Pensamos também que é importante interrogar o que permite seu acesso. O homem pode ocupar o lugar de cuidado? Como trabalhamos até aqui, certamente sim, mas que condições temos proporcionado para acolher e validar, no pai, esse ventre?

Foi o que buscamos trabalhar no último capítulo-eixo da dissertação, considerando que o homem-pai também se constrói em diálogo com as condições sociais e culturais que reconhecem

- ou não - o seu lugar no cuidado. Nesse sentido, estimamos também que a constelação da paternidade não se constrói fora desse campo. Se Stern (1997) sublinha, na maternidade, a importância da matriz de apoio, pensamos que o pai igualmente necessita de reconhecimento simbólico e de condições concretas para sustentar-se no lugar de cuidado.

A partir disso, compreendemos que mesmo quando implicado, o pai ainda pode ocupar um lugar de estrangeiro no território da parentalidade, o que incide diretamente sobre as possibilidades de sustentação. Tal questão nos levou a explorar a hipótese de que o homem, em sua travessia à paternidade, pode reviver conflitos íntimos, como na depressividade proposta por Missonnier (2017), os quais nos indicam suas condições de possibilidade para assumir o lugar de sustentador, de transmissor e desenvolvedor do cuidado paterno.

Por fim, retomamos a imagem que acompanhou este trabalho desde o início: a do terremoto. O nascimento de um filho não apenas inaugura uma nova díade, mas parece deslocar o terreno psíquico que o homem-pai habita. Portanto, consideramos que a travessia para a paternidade acontece nesse terreno: no retorno ao lugar de filho, enquanto o homem vivencia uma experiência real e concreta de cuidado diante da mulher, que também se torna mãe, e de uma sociedade que ainda mantém certa estranheza quanto ao lugar de cuidado.

Diante do percurso realizado, consideramos importante demarcar algumas limitações e lacunas que atravessaram esta pesquisa e que abrem possibilidades para investigações futuras. Embora os estudos em torno do papel do pai venham se tornando cada vez mais frequentes, antes mesmo de nos aproximarmos diretamente da temática da depressão pós-parto paterna, consideramos que foi necessário recuar e interrogar a própria travessia psíquica à paternidade, conforme trabalhamos no terceiro capítulo.

Como limitação, consideramos que ao trabalharmos com uma obra literária, lidamos necessariamente com aquilo que pôde ser escrito. Houveram aspectos psíquicos da travessia de Zambra à paternidade que não foram narrados e portanto, não se fizeram acessíveis à nossa escuta e elaboração. Assim, permanecem zonas de opacidade que escapam à escrita e que, justamente por isso, não puderam ser trabalhadas nesta dissertação.

Entendemos também que outras pesquisas poderiam avançar no sentido de incluir diferentes narrativas de paternidade - tendo em vista que uma das características deste trabalho é ter sido construído a partir da experiência singular de um autor que escreveu sua própria travessia

à paternidade - bem como considerar recortes diversos - sociais, culturais, raciais e históricos - que incidem sobre as possibilidades de um homem sustentar-se como pai.

Nessa direção, consideramos igualmente relevante investigar como se dá, em pais homoafetivos, a travessia psíquica em direção à paternidade e de que modo se configura a constelação da paternidade aqui proposta. Seria ainda relevante investigar de que modo dispositivos clínicos e institucionais têm acolhido ou não o sofrimento paterno nesse período, ampliando o campo de escuta para além da centralidade tradicionalmente atribuída à mulher-mãe.

Por fim, consideramos que pensar a travessia à paternidade implica também sustentar a pergunta sobre o que acontece quando essa travessia "falha" ou se constitui de modo precário. Tal direção nos parece importante para futuras pesquisas que possam, a partir da clínica e de outros campos de saber, aprofundar a compreensão acerca das condições psíquicas, relacionais e culturais que possam permitir ou dificultar o tornar-se pai.

De fato, um afinal

> A memória já não pode ser inocente, o passado se tornou amargo. Essa consciência, contudo, não paralisa a busca, porque a literatura é sempre uma busca
>
> Alejandro Zambra

Esta dissertação buscou acompanhar a travessia de um homem-pai à paternidade, mas não se fez sem efeitos naquela que escreve. Ao longo da escrita deste trabalho, fiquei grávida e agora, depois do nascimento do meu filho, também me encaminho para o final de uma outra gestação: agora de um trabalho de escrita.

Talvez seja preciso dizer que essas duas gestações não se deram em paralelo, mas em sobreposição - como camadas de tempo e experiência que não se sucedem, mas coexistem se tensionando mutuamente. Tal como pensado por Branco (2019), se não é possível dizer o real, a experiência da escrita talvez nos permita essa aproximação num gesto que é sempre precário, sempre por vir, sempre da ordem de um acontecimento.

> Nem mesmo ao "entrando" que a escrita sempre é. A aproximação, admitamos, é da ordem de um acontecimento. Como fazer alguma coisa acontecer, senão abrindo-se à disponibilidade do acontecimento? Aí, sob determinadas condições, algo pode ou não acontecer (Branco, 2019, p. 12).

Enquanto mulher que gesta, fui também atravessada pelo meu objeto de pesquisa - o livro, a paternidade, a gestação e o ventre psíquico do homem-pai. Mas, talvez seja mais preciso dizer que fui deslocada por ele, como um abalo sísmico, algo se moveu também em mim, produzindo fissuras e reacomodações, já que, como trabalhei até aqui, após um terremoto, o solo já não é o mesmo, também eu não era mais a mesma ao longo da escrita e da experiência com o texto.

Por fim, talvez seja possível então sustentar que esta dissertação não apenas buscou compreender a travessia psíquica da paternidade, mas foi ela própria uma travessia pessoal, um espaço onde algo da experiência com o texto literário pôde acontecer, a partir da disponibilidade de deixar ser afetada por ele.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Bernardo. O desejo de ser pai: entre lutos e a transmissão de um legado. **Primórdios**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 11, p. 11-22, 2025.

BELLEMIN-NOËL, Jean. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Cultrix, 1983.

BELO, Fábio Roberto Rodrigues; GUIMARÃES, Marcela Rêda; FIDELIS, Kaio Adriano Batista. Pode um pai ser cuidadoso?: crítica à teoria da paternidade em Winnicott. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 153-164, abr. 2015.

BOLLAS, Christopher. **Solidão essencial**: palestras de Roma sobre Winnicott. Porto Alegre: Artmed, 2025. 160 p.

BRANCO, Lucia Castello; SOBRAL, Ayanne Priscilla Alves. **O que é psicanálise literária**? Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2022. 124 p.

BRANCO, Lucia Castello (org.). **Shoshana Felman e a coisa literária**: escrita, loucura, psicanálise. Belo Horizonte: Letramento, 2020. 366 p.

BRANCO, Lucia Castello; ANDRADE, Vania Baeta (org.). **Livro de asas**: para Maria Gabriela Llansol. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 139 p.

BRANCO, Lucia Castello. **Os invíos caminhos:** escrever, ler, psicanalisar. Belo Horizonte: Cas'a Edições, 2019. 60 p.

BYDLOWSKI, Monique. Désir d'enfant et paternité. In: BYDLOWSKI, Monique. **La dette de vie**: itinéraire psychanalytique de la maternité. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. p. 105-114.

BYDLOWSKI, Sarah. Les pères et la grossesse.: psychopathologie et vie quotidienne. **Enfances & Psy**, Toulouse, v. 81, n. 1, p. 54-65, abr. 2019.

CAMAROTTI, Maria do Carmo.; SAMPAIO, Marisa Amorim.; MELGAÇO, R. G. Le père paterne: réflexions sur le soin paternel dans la période périnatale et son impact sur le psychisme de l'enfant. **Colloque International - Le père en périnatalité**, Besançon, 2024. (no prelo)

CAMAROTTI, Maria do Carmo. **Quando nasce um filho, nasce um pai:** Considerações a respeito do paternar. [S. l.]: LALALiNGUA, 2021. Disponível em: https://lalalingua.com.br/bebes/quando-nasce-um-filho-nasce-um-pai-consideracoes-a-respeito-do-paternar/. Acesso em: 25 fev. 2025.

CLEVELARES, Gustavo Augusto de Abreu. ZAMBRA, Alejandro. Literatura infantil: cartas ao filho. tradução:miguel del castillo. são paulo: companhia das letras, 2024.224 p. **Soletras:**

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística –PPLIN, Rio de Janeiro, n. 49, p. 610-617, ago. 2024.

CULLERE-CRESPIN, Graciela. **A clínica precoce:** o nascimento do humano. Coleção 1a Infância. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 28-40, jul. 2013.

DAVOUDIAN, Christine. Mas para onde foi o pai? In: MARIN, Isabel Kahn; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau; ARAGÃO, Regina Orth (org). **Quem é o bebê hoje**: a construção do humano na contemporaneidade. São Paulo: Blucher, 2022. p. 123-135.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. 4. ed. São Paulo: DWW, 2021.

DINIZ, Margareth. O(a) pesquisador(a), o método clínico e sua utilização na pesquisa. In: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela. **Pesquisa e psicanálise**: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 121.

ERNAUX, Annie. **A escrita como faca e outros textos.** São Paulo: Fósforo, 2023. 240 p.

FALCETO, Olga Garcia; FERNANDES, Carmen Luisa; KEBER, Suzi Roseli. Alerta sobre a depressão pós-parto paterna. **Rev Bras Ginecol Obstet.**, Porto Alegre, v. 7, n. 34, p. 293-295, maio 2012. DOI 10.1590/S0100-72032012000700001. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0100-72032012000700001. Acesso em: 27 jul. 2026.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. Psicanal,** São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, 1914. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 9-37.

FREUD, Sigmund. Romances familiares, 1909. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud:** gradiva de jensen e outros trabalhos (1906-1908). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 127-130.

GABRIEL, Ruan de Souza**.** Alejandro Zambra: 'Não poderia ensinar meu filho a ser homem porque isso para mim é uma pergunta'. **O Globo**, Rio de janeiro, 05 maio. 2024. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2024/05/05/alejandro-zambra-nao-poderia-ensinar-meu-filho-a-ser-homem-porque-isso-para-mim-e-uma-pergunta.ghtml. Acesso em: 19 jun. 2026

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2016. 272 p.

GOLSE, Bernard. O que o bebê transmite aos adultos: (o conceito de transmissão psíquica ascendente). **Cad. Psicanál. (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 41, p. 11-20, dez. 2019.

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein, 1965. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 198-205.

LEBOVICI, Serge. **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LEBOVICI, Serge. On Intergenerational Transmission: from filiation to affiliation. **Infant Mental Health Journal**, Michigan, v. 14, n. 4, p. 260-272, 1993.

LUCA, Daniela; BYDLOWSKI, Monique. Depressão paterna e perinatalidade. **Le Carnet Psy**, Boulogne, v. 67, n. 7, p. 28-33, 1 jul. 2001.

MACIEL, Mayara Ribeiro; LEMOS, Adriana; RIBEIRO, Cláudia Regina; VEIGA, Maria Beatriz Assis; PAIVA, Carla Cardi Nepomuceno de; CASTRO, María José. “O maior presente que você dá pra seus filhos é você”: reflexões acerca da paternidade. **Interface - Comunicação, Saúde**, Educação, Botucatu, v. 29, n. 1, p. 1-17, maio 2025.DOI 10.1590/interface.240352. Disponível em: https://doi.org/10.1590/interface.240352. Acesso em: 27 jul. 2026.

MILLER, Jacques-Alain. **Sutilezas analiticas**. Buenos Aires: Paidós, 2025. 304 p.

MISSONNIER, Sylvain. Le groupe de parole des apprentis papas: entre dépressivité et dépression. In: GLANGEAUD-FREUDENTHAL, Nine M.-C.; GRESSIER, Florence. **Accueillir les pères en périnatalité**. Toulouse: Érès, 2017. p. 197-216.

MISSONNIER, Sylvain; BLAZY, Micheline; BOIGE, Nathalie; PRESME; Nathalie, Odile; TAGAWA. **Manuel de psychologie clinique de la périnatalité**. 2 ed, Paris: Elsevier Health Sciences, 2021

OLIVEIRA, Paulo Cesar Silva de. As múltiplas escolhas de Alejandro Zambra: leituras comparadas. **Signótica**, Goiânia, v. 33, p. 1-28, jan. 2022.

PRADO, Adélia. O jardim das oliveiras. Rio de Janeiro: Record, 2025.

PEREZ, Diego Cardoso. **O narrador:** considerações sobre a obra de Alejandro Zambra. 2018. 113 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2018.

RAPHAEL-LEFF, Joan. **Gravidez**: a história interior. São Paulo: Blucher, 2017. 328 p. Tradução de Beatriz Arantangy.

RIBEYRO, Julio Ramón. **Prosas apátridas**: completas. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. 160 p.

ROCHA, Zeferino. A experiência psicanalítica: seus desafios e vicissitudes, hoje e amanhã. **Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 101-116, jun. 2008a.

ROCHA, Zeferino. **Freud**: novas aproximações. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008b. 284 p.

RODRIGUES, Talita Jordina. **O insuportável mau cheiro da memória**: a ditadura chilena por Roberto Bolaño e Alejandro Zambra. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Literatura da, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ROSA, Claudia Dias. **A presença do pai no processo de amadurecimento**: um estudo sobre D. W. Winnicott. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Núcleo de Práticas Clínicas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ROSA, Claudia Dias. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 55-96, fev. 2009.

ROSA, Claudia Dias. **A paternidade em Winnicott**. São Paulo: DWW, 2022. 115 p.

SANTOS, Carine Valéria Mendes dos. **Um novo pai, novas funções**?: considerações sobre a relação pai-bebê no período da dependência absoluta. 2014. 125 p. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SANTOS, Natália de Toni Guimarães dos; ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. **Preocupação materna primária inclusiva**: um novo lugar para o pai. Cadernos de Psicanálise: | CPRJ, Rio de Janeiro, v. 46, n. 50, p. 241-255, ago. 2024.

SERRALHA, Conceição Aparecida. Contribuições da teoria do amadurecimento para o estudo das famílias homoparentais. **Winnicott e-Prints**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 163-177, 1 jun. 2013. DOI 10.59539/1679-432x-v8n1-22. Disponível em: https://dx.doi.org/10.59539/1679-432x-v8n1-22. Acesso em: 27 jun. 2026.

STERN, Daniel. **A constelação da maternidade**: o panorama da psicoterapia pais/bebê. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 212 p.

TERREMOTO. In: Michaelis, Dicionário Online de Português. Editora Melhoramentos, 2026. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=terremoto>. Acesso em: 23 mar. 2026

TERREMOTO. In: Origem da palavra, Dicionário Online de Português. Origem da Palavra, 2026. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/terremoto/>. Acesso em: 23 mar. 2026

VIEIRA, Mauro Luís; BOSSARDI, Carina Nunes; GOMES, Lauren Beltrão; BOLZE, Simone Dill Azeredo; CREPALDI, Maria Aparecida; PICCININI, Cesar Augusto. Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia,** Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 36-52, abr. 2014.

WINNICOTT, Donald. E o Pai?, 1945. In: WINNICOTT, Donald. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 1985. p. 127-136.

WINNICOTT, Donald. O bebê como organização em marcha, 1949. In: WINNICOTT, Donald. **A criança e seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 1985. p. 26-30.

WINNICOTT, Donald. Preocupação materna primária, 1956. In: WINNICOTT, Donald. **Da pediatria à psicanálise**. São Paulo: Ubu Editora, 2021. p. 481-490.

WINNICOTT, Donald. Os efeitos da psicose parental sobre o desenvolvimento emocional da criança, 1959. In: WINNICOTT, Donald. **Família e desenvolvimento individual**. São Paulo: Ubu Editora, 2023. p. 112-140.

WINNICOTT, Donald. A teoria do relacionamento pais-bebê, 1960. In: WINNICOTT, Donald. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. São Paulo: Ubu Editora, 2022. p. 27-41.

WINNICOTT, Donald. Este feminismo, 1964a. In: WINNICOTT, Donald. Tudo começa em casa. São Paulo: Ubu Editora, 2021. p. 217-230.

WINNICOTT, Donald. O recém-nascido e sua mãe, 1964b. In: WINNICOTT, Donald. **Bebês e suas mães**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 33-42.

WINNICOTT, Donald. As origens do indivíduo, 1966a. In: WINNICOTT, Donald. **Bebês e suas mães**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 43-48.

WINNICOTT, Donald. Sobre os Elementos Masculinos e Femininos Ex-cindidos [Split Off], 1966b. In: WINNICOTT, Donald. **Explorações Psicanalíticas**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 133-150.

WINNICOTT, Donald. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre mãe e bebê, comparada e contrastada, 1968a. In: WINNICOTT, Donald. **Bebês e suas mães**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 72-85.

WINNICOTT, Donald. Conceitos atuais do desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação em nível superior, 1968b. In: WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2019. p. 166-183.

WINNICOTT, Donald. A localização da experiência cultural, 1971. In: WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade.** São Paulo: Ubu Editora, 2019. p. 118-128.

ZAMBRA, Alejandro. **A vida privada das árvores.** São Paulo: Cosac Naify, 2013. 96 p.

ZAMBRA, Alejandro. Formas de voltar para casa, 2021a. In: ZAMBRA, Alejandro. **Ficção 2006-2014:** bonsai, a vida privada das árvores, formas de voltar para casa, meus documentos, múltipla escolha e contos dispersos. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 116-232.

ZAMBRA, Alejandro. **Literatura infantil**: cartas ao filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. 224 p.

ZAMBRA, Alejandro. **Poeta chileno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b. 432 p.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, ago. 2010.